



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LITERATURA COMPARADA

JACQUELINE SILVA BASTOS

***GÊNESIS BÍBLICO VERSUS TEOGONIA(S): O MITO DA CRIAÇÃO E A
RELAÇÃO CRIADOR E CRIATURA***

FORTALEZA

2021

JACQUELINE SILVA BASTOS

*GÊNESIS BÍBLICO VERSUS TEOGONIA(S): O MITO DA CRIAÇÃO E A
RELAÇÃO CRIADOR E CRIATURA*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial ao exame de qualificação do curso de Mestrado em Literatura Comparada.

Orientador: Prof. Dr. Orlando Luiz de Araújo.

Coorientador: Prof. Dr. Lauro Inácio de Moura Filho.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- B329 Bastos, Jacqueline Silva.
Gênesis Bíblico versus Teogonia(s) : o mito da criação e a relação criador e criatura / Jacqueline Silva Bastos. – 2021.
134 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2021.
Orientação: Prof. Dr. Orlando Luiz de Araújo.
1. Gênesis. 2. Teogonia. 3. Criador. 4. criaturas. I. Título.

CDD 900

JACQUELINE SILVA BASTOS

*GÊNESIS BÍBLICO VERSUS TEOGONIA(S): O MITO DA CRIAÇÃO E A
RELAÇÃO CRIADOR E CRIATURA*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial ao exame de qualificação do curso de Mestrado em Literatura Comparada.

Aprovada em: 29/01/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Orlando Luiz de Araújo (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Lauro Inácio de Moura Filho (Coorientador)
Instituto Federal do Ceará (IFCE)

Prof.^a Dr.^a Ana Maria César Pompeu
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Liebert de Abreu Muniz
Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Ti, Senhor, autor e consumidor da minha fé! Sem o Senhor nada sou e nem tenho o propósito de ser. Ao meu Deus, toda adoração e todo louvor, porque só o Senhor é digno de toda honra e glória para todo o sempre. Amém!

Aos meus queridos pais, *in memoriam*. Pai, obrigada pelo teu cuidado, carinho e por sempre acreditar que, com um pouco mais de esforço, eu venceria qualquer obstáculo da minha vida. Mãe, obrigada por me ensinar a persistir com o teu exemplo de mulher perseverante, dona de uma força de vontade inenarrável.

Família, sem vocês, nenhuma conquista teria valor. Obrigada por comemorar comigo, por me acalantar quando preciso. Amo cada um de vocês: irmãs, irmãos, sobrinhos, sobrinhas, primos, primas, cunhados e cunhadas.

À Universidade Federal do Ceará, pelo compromisso de ensinar e educar mesmo em meio às adversidades que enfrenta para continuar oferecendo um trabalho de excelência.

À CAPES pelo compromisso de subsidiar às instituições de ensino e pesquisa, garantindo a professores e alunos meios de desenvolverem seus trabalhos.

Aos meus queridos e admiráveis professores e professoras, pela maestria com a qual exercem a profissão de educar. Em especial, agradeço ao professor Francisco Edi, por transmitir em suas aulas confiança e compromisso com o ato de ensinar, obrigada, professor, por despertar em mim curiosidade em conhecer a cultura romana.

Minha professora querida, deusa da sabedoria, Ana Maria César Pompeu, muito obrigada pela sua dedicação em nos ensinar cultura grega, por despertar em nós vontade de conhecer a comédia de Aristófanes. Professora, agradeço à senhora por hoje ser também aristofânica.

Ao professor Lauro Inácio pela disposição de aceitar ser meu coorientador. Suas observações tornaram-se o norte da minha pesquisa sobre o livro de *Gênesis*.

Ao professor Orlando Luiz, pela sabedoria em ouvir sem rechaçar. Professor, a sua generosidade em compartilhar o seu conhecimento é admirável e inspiradora. Obrigada por me orientar com a sua firmeza e doçura.

À coordenação do PPGLetras pelo trabalho organizado e pela gentileza no atendimento aos alunos e, assim, estendo a minha gratidão ao Vítor, por se colocar à disposição de ajudar e responder a nós, alunos, sempre com respeito e gentileza.

Aos meus colegas de curso e, em especial, ao meu grande amigo Erimar Wanderson da Cunha Cruz, pela disposição de me ajudar nas minhas pesquisas, pela sinceridade nos

comentários e, principalmente, por me oferecer a oportunidade de ser sua amiga, meu querido amigo, muito obrigada, que nossa amizade permaneça mesmo com a distância física.

Aos meus colegas e amigos do Ceja Prof. Néudson Braga, pela compreensão, carinho e incentivo, vocês, sem dúvida, são minha segunda família.

Aos meus irmãos e irmãs em Cristo, em especial, aos meus queridos pastores, pastor Jimmy e irmã Mara, pelas orações e incentivo.

As minhas amigas, vizinhas e madrinhas Ana Maria Benjamim e Terezinha Araújo (Teca), pelo privilégio de poder contar com a amizade de vocês.

“Ninguém explica Deus
Nada é igual ao Seu redor
Tudo se faz no Seu olhar
Todo universo se formou no Seu falar
Teologia pra explicar ou o Big Bang pra disfarçar
Pode alguém até duvidar sei que há um Deus a me guardar
E eu tão pequeno e frágil querendo Sua atenção
No silêncio encontro resposta certa então
Dono de toda ciência, sabedoria e poder
Oh dá-me de beber da água da fonte da vida
Antes que o haja houvesse Ele já era Deus
Se revelou aos seus do crente ao ateu
Ninguém explica Deus.” (Musixmach, Cloves Encarnação De Pinho).

RESUMO

O presente visa basicamente comparar narrativas: o *Gênesis* bíblico, a *Teogonia* de Hesíodo e outras narrativas afins. Assim, almejamos analisar a relação criador e criatura de forma mais amíúde e especificadamente em duas culturas: judaico-cristã e grega. O fio condutor do nosso estudo é a necessidade que ambas essas culturas têm de apresentar e afirmar um Deus maior, soberano sobre tudo e todos. A maior diferença, talvez, resida no fato de a cultura grega conviver com vários deuses e afirmar Zeus como o deus dos deuses e dos homens, em um politeísmo hierárquico, explicitado na *Teogonia* de Hesíodo e expandido a partir dos mitos nesta obra citados em outras narrativas e poemas mitológicos, enquanto a cultura judaico-cristã, representada primeiramente pelo povo hebreu, revela um Deus único, Criador de tudo e de todos, centro de uma cultura monoteísta representada em, pelo menos, sessenta e seis livros que compõem a Bíblia. Ao analisar, e, principalmente, observar o surgimento desses dois soberanos nessas duas culturas em tela, percebemos uma figura que, mesmo sendo apresentada como hipossuficiente, é, possivelmente, o objeto mais cobiçado pelos deuses, pois, na relação criador e criatura, o fiel da balança parece ser a adoração que gera obediência e harmonia entre as partes. Assim, parece que os deuses da raça humana querem ser lembrados e ter seus feitos contados pelo ser humano que, dentro dessa idealização do Homem, criado pelos próprios deuses e, muitas vezes, semelhante aos criadores, torna-o o único ser vivente capaz de manter vivas e presentes as realizações divinas. A partir do confronto entre as narrativas aqui estudadas pretendemos depreender pontos de contato e de diferenciação estruturados por meio dos seguintes temas: a) as narrativas cosmogônicas, isto é, aquelas relacionadas ao surgimento e à organização do universo e das coisas, b) as narrativas teogônicas, relacionadas ao engendramento dos seres divinais, e as c) narrativas antropogônicas, ligadas à criação da humanidade e, conseqüentemente, do homem, da mulher e dos demais seres não humanos, mas também não animais, não divindades e com feição antropomórfica (gigantes e demônios).

Palavras-chave: *Gênesis*; *Teogonia*; Criador; criaturas.

ABSTRACT

The present aims basically to compare narratives: the Biblical Genesis, the *Theogony* of Hesiod and other similar narratives. Thus, we aim to analyze the relationship between creator and creature more often and specifically in two cultures: Judeo-Christian and Greek. The guiding thread of our study is the need that both of these cultures have to present and affirm a greater God, sovereign over everything and everyone. The biggest difference, perhaps, lies in the fact that Greek culture coexists with several gods and affirms Zeus as the god of gods and men, in a hierarchical polytheism, explained in the *Theogony* of Hesiod and expanded from the myths in this work mentioned in other works. mythological narratives and poems, while Judeo-Christian culture, represented primarily by the Hebrew people, reveals a unique God, Creator of everything and everyone, the center of a monotheistic culture represented in at least sixty-six books that make up the Bible. When analyzing, and, mainly, observing the emergence of these two sovereigns in these two cultures on canvas, we perceive a figure that, even being presented as hyposufficient, is possibly the object most coveted by the gods, because, in the relationship between creator and creature, the faithfulness of the scale seems to be the adoration that generates obedience and harmony between the parties. Thus, it seems that the gods of the human race want to be remembered and to have their deeds told by the human being who, within this idealization of Man, created by the gods themselves and, often, similar to the creators, makes him the only living being capable of keep divine achievements alive and present. Based on the confrontation between the narratives studied here, we intend to understand points of contact and differentiation structured through the following themes: a) the cosmogonic narratives, that is, those related to the emergence and organization of the universe and things, b) the theogonic narratives, related to the engendering of divine beings, and c) the anthropogonic narratives, linked to the creation of humanity and, consequently, of man, woman and other non-human beings, but also non-animals, non-deities and with an anthropomorphic aspect (giants and demons).

Keywords: *Genesis*; *Theogony*; Creator; creatures.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	COSMOGONIAS E ANTROPOGONIAS	15
2.1	Algumas narrativas sobre o surgimento da humanidade na terra	18
2.1.1	<i>O Enūma Eliš</i>	19
2.1.1.1	<i>Breve comentário sobre o mito Enūma Eliš</i>	22
2.1.2	Atrahasis e Gilgámesh	23
2.1.2.1	<i>Breve comentário sobre o mito Atrahasis e Gilgámesh</i>	32
2.1.3	As divindades egípcias	37
2.1.3.1	<i>Breve comentário sobre as divindades egípcias</i>	39
2.2	Considerações acerca dos mitos <i>Enūma Eliš</i>, <i>Atrahasis</i>, <i>Gilgámesh</i> e divindades egípcias	39
3	TEOGONIA DE HESÍODO	41
3.1	A cosmogonia da <i>Teogonia</i> de Hesíodo	44
3.1.1	<i>As soberanias antes de Zeus</i>	45
3.1.1.1	<i>A soberania de Urano</i>	46
3.1.1.2	<i>A soberania de Crono</i>	49
3.2	O nascimento de Zeus	51
3.2.1	<i>Zeus e suas lutas pela sobrevivência</i>	51
3.2.2	<i>A infância de Zeus</i>	52
3.3	A reorganização do universo por Zeus	53
3.3.1	<i>Os grandes combates de Zeus</i>	53
3.4	Zeus e a raça humana	58
3.5	Pandora	61
3.5.1	<i>Breve comentário sobre Pandora</i>	63
3.6	O dilúvio narrado na cultura grega	63
3.6.1	<i>A degradação da raça humana</i>	65
3.6.2	<i>Breve comentário sobre a Teogonia de Hesíodo</i>	67
4	LIVRO DE GÊNESIS E NARRATIVAS AFINS	69
4.1	O povo hebreu e o narrador Moisés	70
4.2	A cosmogonia de <i>Gênesis</i>	76
4.2.1	<i>O relato da criação em Gênesis</i>	78

4.2.2	<i>O discurso do narrador nos capítulos um e dois de Gênesis</i>	81
4.2.3	<i>A possível omissão de Lilith no discurso de Moisés</i>	87
4.2.4	<i>A matéria-prima utilizada na formação dos seres e as fases nebulosas de Lilith</i> ..	87
4.2.4.1	<i>Lilith hebraica</i>	89
4.2.4.2	<i>Lilith suméria</i>	92
4.2.4.3	<i>Breve comentário sobre a trajetória Lilith</i>	94
4.3	Análise dos perfis dos personagens: Deus e Adão	95
4.4	Eva	96
4.4.1	<i>Eva e a serpente</i>	98
4.4.2	<i>Eva antes do castigo</i>	100
4.4.3	<i>A vida fora do Éden</i>	103
4.4.4	<i>Breve comentário sobre Eva</i>	104
4.5	Deus, Caim, Abel e Sete	105
4.6	De Adão a Noé: os gigantes malignos, heróis mitológicos e filhos de gaia	107
4.6.1	<i>Semelhanças como os grandiosos heróis homéricos</i>	109
4.6.2	<i>Semelhanças com os grandes heróis da era de bronze de Hesíodo</i>	111
4.6.3	<i>Semelhança como os grandiosos heróis homéricos lembrados por Nestor</i>	111
4.6.4	<i>Semelhança com o grandioso herói Herácles</i>	112
4.7	Os gigantes bíblicos não homéricos	113
4.7.1	<i>Semelhança com os imensos monstros da Teogonia</i>	117
4.7.2	<i>Semelhança com os Gigantes da Teogonia</i>	118
4.7.3	<i>Breve comentário sobre os gigantes</i>	119
4.8	O prenúncio do dilúvio	120
4.8.1	<i>Noé e a arca</i>	121
4.8.2	<i>Noé e o evento da construção da arca</i>	121
4.8.3	<i>O dilúvio hebreu</i>	124
4.8.4	<i>As águas do dilúvio começam a secar</i>	126
4.8.5	<i>Deus rompe o silêncio</i>	127
4.9	O pacto pós-dilúvio	127
4.10	Breve comentário sobre gênese: da cosmogonia ao dilúvio	129
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
	REFERÊNCIAS	133

1 INTRODUÇÃO

E pensar que tudo começou com o seguinte diálogo informal: “É possível comparar *Gênesis* com *Teogonia*? – “É plausível”, foi a resposta.” Então, saí em busca dessa plausibilidade e mergulhei na narrativa bíblica que, por conhecê-la desde minha infância, pensei ser fácil e rápido estudá-la. Ledo engano. Para compor o capítulo que estuda o livro de *Gênesis*, foi necessário realizar um processo de amnésia de tudo que conhecia antes sobre a criação divina do mundo, que parecia, em minha inocência, ser uma narrativa pertencente apenas ao mundo cristão e, dentro desse pensamento, inédita e sem influências de outras narrativas. Então me deparei com o mito *Enūma Eliš* que, apesar de ser uma curta narrativa no que se refere à cosmogonia, traz inserida em seus versos uma teogonia, pois no pequeno fragmento que tivemos acesso, percebemos o nascimento de deuses como Ea e a derrota de Tiamat que, depois de morta, serviu de matéria-prima para o surgimento de elementos como o céu e a terra. Além disso, o relato mostra que outros povos, de cultura politeísta, também tinham necessidade de registrar os feitos de seus deuses, como os babilônicos registraram os feitos do deus Marduk ou Merodaque, como era conhecido pelos hebreus, quando este povo foi cativo da Babilônia, e como, em alguns aspectos da cosmogonia do mito *Enūma Eliš*, há assemelha com a narrativa cosmogônica de Moisés.

Com o mito de Atrahasis, conhecemos a cosmogonia de forma mais concretamente trabalhada, pois os Igigi, uma categoria menor no panteão dos deuses dessa narrativa, em sua labuta, cavaram os rios Tigre e Eufrates como fonte de vida na terra. Assim, a árdua tarefa de construir dos deuses fez surgir a necessidade de um ser para trabalhar a terra, então nasce o homem ou a raça humana, do pó da terra, conforme a vontade dos criadores, tal qual a narrativa de *Gênesis*, então vi que não somente a cultura dos povos da Mesopotâmia, como outras narrativas que fiz questão de registrar no capítulo segundo para ilustrar a riqueza literária referente à cosmogonia, contribuíram para enriquecer o relato bíblico que assumimos como sendo de autoria de Moisés.

Com o intuito de entendermos mais e melhor a cosmogonia da *Teogonia* de Hesíodo, começamos por pesquisar a relação do poeta com as Musas que a vimos como personagens com papéis diversos no enredo, pois são personagens, narradoras e elemento de verossimilhança, pois são elas que autorizam o aedo nos contar como era composto o universo antes de Zeus, como ele sobreviveu às adversidades e como reorganizou o universo, tornando-se soberano entre deuses e homens.

Engendramos um estudo literário dos dez primeiros capítulos do livro bíblico *Gênesis*, que se apresenta, em seu aspecto formal, em versículos, mas, quanto ao gênero literário, trata-se de uma narração. Tal apresentação permite que tenhamos uma visão mais ampla dos elementos que compõem uma narrativa, ou seja, enredo com tempo, espaço, personagem, narrador entre outros componentes existentes em uma exegese. É certo que alguns desses elementos não são tão claros neste *corpus* em estudo, por isso, em vários momentos, fez-se necessário recorrer a outros livros das Sagradas Escrituras com o intuito de preencher alguns hiatos deixados pelo narrador ou, como explica Fabio Akcelrud Durão, “Sobre a hermenêutica bíblica: as palavras não precisam ser só o que são”, apresentar nossa interpretação sobre o texto (DURÃO, 2016).

Adotamos o termo mito consoante nos informa Junito Brandão e com a mesma paixão com a qual ele defende o termo:

É necessário deixar bem claro, nesta tentativa de conceituar o mito, que o mesmo não tem aqui a conotação usual de fábula, lenda invenção, ficção, mas a concepção que lhe atribuíam e ainda atribuem as sociedades arcaicas, as impropriamente denominadas culturas primitivas, onde mito é o relato de um acontecimento ocorrido no tempo primordial, mediante a intervenção de entes sobrenaturais. Em outros termos, mito, consoante Mircea Eliade, é o relato de uma história verdadeira, ocorrida nos tempos do princípio, *illo tempore*, quando, com a interferência de entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o cosmo, ou tão-somente um fragmento, um monte, uma pedra, uma ilha, uma espécie animal ou vegetal, um comportamento humano. Mito é, pois, a narrativa de uma criação: contos de que modo algo, que não era, começou a ser. (BRANDÃO, 1986, p. 36).

Para delimitarmos melhor nosso *corpus*, optamos pela versão Revista e Corrigida da tradução de João Ferreira de Almeida. Desta versão, foram utilizados trechos os quais subsidiaram o entendimento de algumas lacunas no enredo, proporcionaram investigações sobre personagens não citadas expressamente, como Lilith, que não é referida em sua forma humana, e apagada da narrativa de Moisés, mas com fortes indícios em seu contorno demonizado, em outros livros bíblicos, como livro de *Isaías*, nos quais pesquisamos; e o Leviatã, trazido apenas como grande réptil em *Gênesis*, todavia bem explicitado no livro de *Jó* e em outras referências bíblica; as curiosidades sobre a relação Deus e Adão, quando apenas Adão habitava o jardim do Éden; Deus, Adão e Eva, quando eles viviam no Éden e depois, quando foram expulsos; Eva e a serpente, animália astuta e sedutora; Adão e Eva, antes e após o castigo; Deus e Caim, em momentos de aconselhamento e de ruptura entre Deus e criatura; Adão e Sete, iniciando a descendência das gerações divinas do povo hebreu são exemplos de alguns assuntos que achamos por bem pontuarmos para entendermos como se processou a relação desses personagens com um único criador, que embora vá se desenhando no decorrer da narrativa, demonstra um cuidado peculiar com as suas criaturas, o que muitas vezes, para elas,

esse Deus apresenta-se de múltiplas formas. Em poucas ocasiões, em que a tradução bíblica protestante não nos pareceu suficientemente literal, fizemos uso da *Bíblia Sagrada Edição Pastoral* (1990).

No decorrer da leitura e do estudo, capítulo a capítulo e, muitas vezes, versículo a versículo, percebemos elementos que, mesmo parecendo estar no enredo sem propósito explícito, fez-nos buscar outras referências, como os gigantes citados no capítulo seis do livro de *Gênesis* que nos convidou a conhecer tanto os seres de colossal tamanho encontrados na mitologia grega, quanto os citados na própria Bíblia. Assim, conhecemos, não só o confronto de Davi e Golias, mas também outras batalhas travadas entre os guerreiros hebreus contra os gigantes filisteus, amalequitas, entre outros povos inimigos dos israelitas. Apreciamos as histórias da primeira geração dos enormes filhos de Urano e Gaia e, ainda, seguindo com a referência de homens grandes ou grandiosos da Antiguidade Clássica, fomos lembrar os heróis da *Ilíada*, de Homero, os seres de tamanho e de força descomunal da *Teogonia*, de Hesíodo, trazendo, assim, para nosso estudo literário personagens como: Agamêmnon, grande guerreiro chefe de muitos reis também admiráveis; Aquiles, o maior tanto em estatura física quanto em força e ajuda divina; Ájax, de grande tamanho e força inferior apenas à de Aquiles, Odisseu, o guerreiro de grandes ardis, entre outros não menos importantes que estes citados, mas todos ainda menores do que os citados por Nestor, personagem da *Ilíada*, e também, o grande Hércules, presente tanto na *Teogonia* quanto lembrado na *Ilíada*.

O dilúvio hebreu, episódio bíblico em que se destaca Noé, foi para nós um desafio à parte, visto que são poucos os detalhes que nos elucidam como as personagens, incluindo os animais que entraram na arca, viveram durante o tempo do dilúvio, ou especificamente, dentro da arca. Mas como percebemos que o livro de *Gênesis* escamoteia outras narrativas da região da Mesopotâmia, buscamos vários elementos em epopeias dessa região e descobrimos, ou simplesmente registramos, semelhanças e diferenças acerca da narrativa de um mesmo episódio que, por motivos diversos, precisava ser lembrado pelos povos mesopotâmicos e também registrado na cultura grega como o dilúvio que Zeus provocou por causa da impiedade e maldade dos homens da idade de ferro.

Assim, percebe-se que outros livros como *Os trabalhos e os dias*, de Hesíodo; a *Ilíada* e a *Odisseia*, ambas de Homero; *Prometeu Cadeeiro*, de Ésquilo; *O Banquete*, de Platão, *O livro de Lilith*, de Barbara Black Koltuv, além de mitos como *Enūma Eliš*, Atrahasis e Divindades Egípcias foram fontes de pesquisa que nos ajudaram, e muito, na composição do capítulo, que conseguiu trazer à baila tantos assuntos os quais pareciam ser citados no texto de *Gênesis*, dentro do recorte escolhido, como desprezioso, mas, na verdade, preche de convites

para outras literaturas, com personagens diferentes vivendo situações ou aventuras semelhantes, narradas com intuítos iguais, todavia, com paixões ou emoções diferentes.

Nossa metodologia de pesquisa é de análise fundamental, mas não exclusiva, ou seja, a literária intrínseca (*intrinsic study*), cujo princípio é enunciado por Wellek & Warren (2003).

O ponto de partida natural e sensato para os estudos literários é a interpretação e a análise das próprias obras literárias. Afinal, apenas as próprias obras justificam todo o nosso interesse pela vida de um autor, pelo seu ambiente social e por todo o processo da literatura. (WELLEK, WARREN, 2003, p. 177).

Assim, é uma investigação retórica e, sempre que se fizer necessário, buscaremos, nas Escrituras Sagradas ou trabalhos que completem a *Teogonia* de Hesíodo elementos que comprovem nossas observações. Por se tratar de uma narrativa bíblica, achamos por bem colocarmos algumas observações encontradas no texto *A Cicatriz de Ulisses*, da obra *Mimesis*, de Auerbach (2003), pois o autor faz uma análise comparativa entre o modo de narrar do texto bíblico e o de Homero, revelando características da narrativa de *Gênesis*.

A partir do confronto entre as narrativas aqui estudadas pretendemos depreender pontos de contato e de diferenciação estruturados por meio dos seguintes temas: a) as narrativas cosmogônicas, isto é, aquelas relacionadas ao surgimento e à organização do universo e das coisas, b) as narrativas teogônicas, relacionadas ao engendramento dos seres divinais e as c) narrativas antropogônicas, ligadas à criação da humanidade e, conseqüentemente, do homem, da mulher e dos demais seres não humanos, mas também não animais, não divindades e com feição antropomórfica (gigantes e demônios).

2 COSMOGONIAS E ANTROPOGONIAS

O nascimento, ou melhor, o surgimento do ser humano na face da terra e a relação criador e criatura são temáticas recorrentes na literatura universal, haja vista que esses temas estão presentes em culturas antigas como as da região mesopotâmica, a grega, entre outras. Por esse motivo, e por outros mais que encontramos no decorrer deste trabalho, almejamos analisar a relação criador e criatura de forma mais amíuade e especificadamente em duas culturas: judaico-cristã e grega. O fio condutor do nosso estudo é a necessidade que ambas essas culturas têm de apresentar e afirmar um Deus maior, soberano sobre tudo e todos. A maior diferença, talvez, resida no fato de a cultura grega conviver com vários deuses e afirmar Zeus como o deus dos deuses e dos homens, em um politeísmo hierárquico, explicitado na *Teogonia* de Hesíodo e expandido a partir dos mitos nesta obra citados em outras narrativas e poemas mitológicos que, em um momento ou outro de seu enredo, expressam a soberania de Zeus sobre os outros imortais e/ou também devido à noção antiga grega de deuses de que trata Torrano (1996):

A noção grega antiga de “Deuses” só se compreenderá plenamente se o pensamento puder resgatar o sentido dessa unidade primeira que é dito e pensado ser e devir. Na *Teogonia* hesiódica, os Deuses se dizem aièn eontés, “os que são cada vez ao longo da duração da força vital” e também deles se diz egéneto, que significa “nasceram” e ainda “aconteceram” ou “devieram”. Com o devir dos Deuses dá-se o fenômeno uno do mundo e, à uma, toda a complexão que para o homem em sua finitude constitui o ser no mundo. (TORRANO, 1996, p. 19).

Logo, percebe-se que a cultura politeísta grega convive com os fatos divinos comprando-os com os humanos por assimilação, pois os deuses nascem, mesmo não sendo muitas vezes como nascem os mortais, evoluem em suas características ou dons e interagem com os mortais, tendo com estes uma relação de coexistência e dependência, pois os mortais da cultura politeísta creem nos deuses, prestam-lhes cultos e fazem-lhes petições, muitas vezes, honrando os deuses pelo pedido atendido.

Enquanto que a cultura judaico-cristã, representada primeiramente pelo povo hebreu, revela um Deus único, Criador de tudo e de todos, centro de uma cultura monoteísta representada em, pelo menos, sessenta e seis livros que compõem a Bíblia protestante. Sobre a afirmação deste modelo de cultura, Flávio Josefo, na obra *História dos hebreus*, diz que Abraão, personagem bíblico presente primeiramente em *Gênesis*, já argumentava, mesmo inserido em uma cultura politeísta, sobre a existência de um Deus único:

Era homem muito sensato, prudente e de grande espírito e tão eloquente que podia persuadir sobre o que quisesse. Como nenhum outro o igualava em capacidade e em virtude, deu aos homens um conhecimento muito mais perfeito da grandeza de Deus, como jamais tiveram antes. Foi ele quem primeiro ousou dizer que existe um só Deus,

que o universo é obra das mãos d'Ele e que a nossa felicidade deve ser atribuída unicamente à sua bondade, e não às nossas próprias forças.

O que o levava a falar dessa maneira era o fato de ter deduzido, após considerar atentamente o que se passa sobre a terra e sobre o mar e o curso do Sol, da Lua e das estrelas, que há um poder superior regulando esses movimentos, sem o qual todas as coisas cairiam em confusão e desordem, por não terem de si mesmas poder algum para nos proporcionar os benefícios que delas haurimos – elas recebem dessa potência superior, à qual estão absolutamente sujeitas, o que nos obriga a honrar somente a Ele e a reconhecer o que lhe devemos por contínuas ações de graças. Os caldeus e os outros povos da Mesopotâmia, não podendo tolerar as palavras de Abraão, levantaram-se contra ele. Assim, por ordem e com auxílio de Deus, ele saiu do país para ir morar na terra de Canaã. (JOSEFO, 2004, p. 34).

Ao analisar, e principalmente observar o surgimento desses dois soberanos, nessas duas culturas em tela, percebemos uma figura que, mesmo sendo apresentada como hipossuficiente, é, possivelmente, o objeto mais cobiçado pelos deuses, pois, na relação criador e criatura, o fiel da balança parece ser a adoração que gera obediência e harmonia entre as partes. Assim, parece que os deuses da raça humana querem ser lembrados e terem seus feitos contados pelo ser humano que, dentro dessa idealização do Homem, criado pelos próprios deuses e, muitas vezes, semelhante aos criadores, torna-o o único ser vivente capaz de manter vivas e presentes as realizações divinas, pensamento que pode ter sua base no antropomorfismo, sugerido por Xenófanes (2001, DK B15, p. 31), que tem como característica a recusa em crer em hipóteses como a seguinte.

1 Mas se tivessem mãos os bois, <os cavalos> e os leões, quando pintassem com as mãos e compuzessem obras como os homens, cavalos como cavalos, bois semelhantes aos bois pintariam a forma dos deuses e fariam corpos 5 tais como fosse o próprio aspecto <de cada um>.

Dessa forma, munidos de atributos que os outros animais não possuem, o ser humano, por diversas vezes, vê-se detentor da continuação da existência dos deuses, poder que também garante à humanidade a sua própria existência neste universo de extremos, no qual de um lado os deuses tudo podem, porque tudo sabem, e, de outro, o homem que, mesmo não tendo ciência de seu futuro, quer ser, variadamente ou quase sempre, protagonista de sua própria história, muitas vezes insultando os deuses. Como mostra a ilustração de Aristófanes, no *Banquete* de Platão:

[...] Em primeiro lugar, três eram os gêneros da humanidade, não dois como agora, o masculino e o feminino, mas também havia a mais um terceiro, comum a estes dois, do qual resta agora um nome, desaparecida a coisa; andrógino era então um gênero distinto [...]. Depois, inteiriça era a forma de cada homem, com o dorso redondo, os flancos em círculo; quatro mãos ele tinha, e as pernas o mesmo tanto de mãos, dois rostos sobre um pescoço torneado, semelhantes em tudo; mas a cabeça sobre os dois rostos opostos um ao outro era uma só, e quatro orelhas, dois sexos, e tudo mais como desses exemplos se poderia supor. E quanto ao seu andar, era também ereto como

agora, em qualquer das duas direções que quisesse; mas quando se lançavam a uma rápida corrida, como os que cambalhotando e virando as pernas para cima fazem uma roda, do mesmo modo, apoiando-se nos seus oito membros de então, rapidamente eles se locomoviam em círculo. Eis por que eram três os gêneros, e tal a sua constituição, porque o masculino de início era descendente do sol, o feminino da terra, e o que tinha de ambos era da lua, pois também a lua tem de ambos; e eram assim circulares, tanto eles próprios como a sua locomoção, por terem semelhantes genitores. Eram, por conseguinte, de uma força e de um vigor terríveis, e uma grande presunção eles tinham; mas voltaram-se contra os deuses, e o que diz Homero de Efialtes e de Otes é a eles que se refere, a tentativa de fazer uma escalada ao céu, para investir contra os deuses. (PLATÃO, 2003, p. 20-22).

Esse comportamento humano de não obediência absoluta e a busca dos deuses pelo reconhecimento de sua soberania movem condutas curiosas, na relação criador e criatura, que ora parece ser tensa, ora harmoniosa, como mostra a personagem Aristófanes no mesmo diálogo.

Zeus então e os demais deuses puseram-se a deliberar sobre o que se devia fazer com eles, e embaraçavam-se; não podiam nem matá-los e, após fulminá-los como aos gigantes, fazer desaparecer-lhes a raça – pois as horas e os templos que lhes vinham dos homens desapareceriam – nem permitir-lhes que continuassem na impiedade. Depois de laboriosa reflexão, diz Zeus: “Acho que tenho um meio de fazer com que os homens possam existir, mas parem com a intemperança, torná-los mais fracos. Agora, com efeito, continuou, eu os cortarei a cada um em dois, e ao mesmo tempo eles serão mais fracos e também mais úteis para nós, pelo fato de se terem tornado mais numerosos; e andarão eretos sobre duas pernas. Se ainda pensarem em arrogância e não quiserem acomodar-se, de novo, disse ele, eu os cortarei em dois, e assim sobre uma só perna eles andarão, saltitando.” Logo que o disse pôs-se a cortar os homens em dois, como os que cortam as sorvas par a conserva, ou como os que cortam ovos com cabelo; a cada um que cortava mandava Apolo voltar-lhe o rosto e a banda do pescoço para o lado do corte, a fim de que, contemplando a própria mutilação, fosse mais moderado o homem, e quanto ao mais ele também mandava curar. (PLATÃO, 2003, p. 20-22).

Mas constantemente uma relação revestida de necessidade de discussão, pois deuses e criaturas, em um momento ou outro de sua convivência, intentam reafirmar o seu papel. Então, há tensões que são resolvidas ou adiadas, quase sempre, com uma das partes envolvidas afirmando o seu poder sobre a outra e esta, muitas vezes, mesmo sofrendo as sanções, é passiva de uma nova tentativa, como podemos ver no seguinte modelo pensado sobre a natureza humana e suas vicissitudes, culminando em insurreição e punição no subseqüente trecho da mesma obra de Platão.

Apolo torcia-lhes o rosto, e repuxando a pele de todos os lados para o que a gora se chama o ventre, como as bolsas que se entrouxam, ele fazia uma só abertura e ligava-a firmemente no meio do ventre, que é o que chamam umbigo. (...) Por conseguinte, desde que a nossa natureza se mutilou em duas, ansiava cada um por sua própria metade e a ela se unia, e envolvendo-se com as mãos e enlaçando-se um ao outro, no ardor de se confundirem, morriam de fome e de inércia em geral por nada quererem fazer longe um do outro. (...) Tomado de compaixão, Zeus consegue outro expediente, e lhes muda o sexo para a frente – pois até então eles o tinham para fora, e geravam e

se reproduziam não um no outro, mas na terra, como as cigarras; pondo assim o sexo na frente deles fez com que através dele se processasse a geração um no outro, o macho na fêmea, pelo seguinte, para que no enlace, se fosse um homem a encontrar uma mulher, que ao mesmo tempo gerasse e se fosse constituindo a raça, mas se fosse um homem com um homem, que pelo menos houvesse saciedade em seu convívio e pudessem repousar, voltar ao trabalho e ocupar-se do resto da vida. (PLATÃO, 2003, p. 21-22).

No texto de Platão, percebemos que a relação dos deuses com os andróginos, antecedentes da raça humana, apesar de desarmoniosa, pois desrespeitavam os deuses a ponto de intentar subir ao Olimpo e atacá-los, não despertou nas divindades o interesse de matá-los, pois, de alguma forma, eram necessários para o cuidado dos templos e adoração aos imortais. Zeus viu, nessa querela dos deuses com os andróginos, uma forma de mostrar a estes a mortalidade e a fragilidade deles, a imortalidade dos deuses e a soberania do Cronida como também de puni-los pela sua insubmissão, tornando-os mais fracos e ao mesmo tempo mais úteis aos deuses, pois separados se tornariam mais numerosos e também mais dependentes dos deuses. Com tal ação, Zeus, mais uma vez, mostrou-se superior aos mortais e aos outros deuses, pois estes não conseguiram resolver a contenda sem a intervenção do Pai dos Deuses, que ainda impetrou, dentro dessa tensa e inconstante relação criador e criatura, o papel de cada ser imortal ou não.

Ainda em demonstração de poder, Zeus modificou a estrutura física dos andróginos, tanto para mostrar que assim eles seriam mais fracos ou incompletos, quanto para confirmar que as criaturas são modificadas de acordo com a vontade do deus soberano, seu criador, que apesar de amar, a ponto de se compadecer com a dor da criatura e sarar as feridas deixadas pelo castigo, puni, e se mesmo assim houver novamente desobediência, há nova correção.

2.1 Algumas narrativas sobre o surgimento da humanidade na terra

Sabemos que não é característica única das culturas hebraica e grega registrar a presença dos deuses no universo, nem o surgimento da raça humana, então, para ilustrar nossa pesquisa e podermos discutir a necessidade de entender o porquê da existência do ser humano na terra, a formação destas criaturas, sejam essas humanas ou não, e a relação do criador com a criatura humana, recorreremos a outras culturas, como a babilônica, que possui o mito *Enūma Eliš*; a suméria, com o mito Atrahasis, ambas da região Mesopotâmica, isto é, entre os rios Tigre e Eufrates, também citados na narrativa de *Gênesis*; a cultura egípcia que tem, em suas divindades, formas diversas de narrar a criação do mundo e da humanidade. Vejamos, então,

primeiramente, ou seja, antes de entrarmos em um estudo mais detalhado sobre as culturas grega e judaico/cristã, esses mitos seguidos de um breve comentário sobre eles.

2.1.1 O *Enūma Eliš*

De acordo com Davis (1983), o mito da criação *Enūma Eliš* foi descoberto por Austen Henry Layard, em 1849, em forma fragmentada, nas ruínas da biblioteca de Assurbanípal em Nínive, Mossul, Iraque, e publicado por George Smith em 1876.

Enūma Elish são as duas primeiras palavras do grande poema babilônico e que se significam “*Quando no alto...*” O poema é inexatamente denominado *Poema da Criação*, assunto que ocupa uma parte mínima da narrativa. Melhor seria chamá-lo *Poema de exaltação a Marduk*. (BRANDÃO, 1986, p. 25).

O *Enūma Eliš* tem cerca de mil linhas escritas em babilônico antigo, em sete tábuas de argila, cada uma com aproximadamente 115 a 170 linhas de texto. Uma cópia duplicada do tablete V foi encontrada em Sultantepe, antiga Huzirina, localizada perto da moderna cidade de Sanliurfa, na Turquia, temos uma história mais completa desse mito da criação e um pouco da relação criador e criatura nessa civilização. Esse épico é uma das fontes mais importantes para a compreensão da cosmovisão babilônica, centrada na supremacia de Marduque ou Merodaque, como era conhecido pelos hebreus, e na criação da humanidade para serviço dos deuses. Todavia, é relevante esclarecer que o propósito dessa obra é a elevação de Marduque, o deus chefe da Babilônia, sobre outros deuses da Mesopotâmia.

Como o pronunciavam os hebreus, Merodaque. Era o deus-sol, o sol da manhã ou da primavera, filho de Ea, deus do oceano e das outras águas. Festejavam-no no princípio da primavera de cada ano. Porque o sol exerce tão poderosa influência na natureza, e por ser ele a divindade tutelar dos babilônicos, recebia deles suprema adoração, conferindo-lhe os mais altos atributos. Os habitantes do baixo Tigre e do Eufrates não o consideravam como o deus supremo, porém, com o crescimento da grande Babilônia, ele também cresceu em poder e nomeação. (DAVIS, 1983, p. 77).

O *Enūma Eliš* possui várias cópias na Babilônia e Assíria. A versão da Biblioteca de Assurbanípal data do século VII a.C. e a composição do texto, provavelmente, remonta à Idade do Bronze, nos tempos de Hamurabi ou talvez o início da era cassita, possivelmente século XVIII a XVI a.C., embora alguns estudiosos favoreçam uma data posterior a 1100 a.C., pois há enormes semelhanças com a narração bíblica do *Gênesis*, o que possibilita várias discussões sobre qual das histórias é a original e qual é uma adaptação à religião cristã e/ou judaico-cristã.

O *Enūma Eliš* explica a origem do poder real, a sua natureza, a permanência da instituição e a sua legitimidade, pois a realeza humana e terrena possui sua origem na divina, visto que a divindade cultuada continuará a ser o verdadeiro soberano e também o modelo a ser imitado pelo rei terreno, assim, a existência de um modelo divino impõe limites à realeza humana. Podemos perceber a busca dessa imitação dicotômica do divino e do terreno na seguinte narração de Heródoto sobre a construção da muralha da Babilônia e o templo do Zeus Belos que, de acordo com a nota 127, trata-se do santuário de Bel-Marduk.

Assim foi construída a muralha da Babilônia. A cidade se compõe de dois lados, pois é dividida ao meio por um rio, cujo nome é Eufrates, vindo do território dos armênios; trata-se de um rio caudaloso, profundo e de curso veloz, cuja foz é no mar Eritraios. Em ambas as margens a muralha se prolonga até o rio; a partir daí se estende ao longo de cada barranco um muro de contenção, feito de tijolos cozidos, sem argamassa [...]. Essa muralha é então a couraça da cidade; existe ainda outra muralha interna; quase tão reforçada quanto a primeira, porém mais estreita. E em cada um dos lados da cidade havia um recinto central fortificado; num deles a residência real, cercada por uma muralha alta e reforçada; no outro ficava o templo de Zeus Belos com suas portas de bronze, existente ainda no meu tempo; ele forma um quadrado com dois estádios de extensão em todos os lados. (HERÓDOTOS, 1985, p. 76-77).

Quando os sete tabletes foram descobertos pela primeira vez, as evidências indicavam que os escritos foram utilizados em cerimônias sagradas, significando que eram recitados durante cultos ou comemorações as quais ficaram conhecidas como o festival de Akitu, ou o ano novo babilônico, que fala da criação do mundo e do triunfo de Marduque sobre Tiamat, e como esse se tornou o rei dos deuses. O resumo do tablete 1 mostra o panteão dos deuses babilônicos e o início da luta pelo poder divino e supremo da Babilônia.

Tábua I- Antes que qualquer coisa existisse, a mãe oceano [Tiamat] e a água doce (?) [Apsu] se misturaram para produzir o primeiro de uma série de pares de deuses. Os descendentes, com seu comportamento turbulento, mexem com Tiamat e Apsu. Embora Tiamat o suporte em boa parte, Apsu deseja matar a prole. O pai é incentivado por seu conselheiro. As intenções de Apsu são frustradas por Ea, que o mata e restringe seu conselheiro. Ele funda sua casa em Apsu, o domínio aquático representado pelo pai primevo morto, e mora lá com sua esposa. (FOSTER, 1996, p. 353).

Também é possível ver no trecho supracitado a assimilação dos deuses com os elementos da natureza, além da linhagem divina de Marduk e o início da luta pela soberania.

O tablete 2, apesar das partes danificadas, mostra as vitórias de Tiamat na guerra contra os outros deuses, o que parece ser um momento tenso da narrativa, visto que o poder divino pode voltar a pertencer a uma deusa que não suportava a presença dos outros deuses criados a partir de Apsu e Tiamat.

Tábua II- Os preparativos de Tiamat são conhecidos por Ea, que, em aparente desespero, vai para Anshar, rei dos deuses. As passagens relevantes da Tablete I são repetidas literalmente. Anshar está apavorado; ele culpa Ea pelo que aconteceu. Já que

Ea começou o problema, ele deve encontrar uma solução para ele. Isso está de acordo com os planos de Ea para seu filho. (FOSTER, 1996, p. 360).

A luta dos deuses inimigos de Tiamat é claramente pela sobrevivência, visto que matá-los já era o plano primeiro de Apsu, possivelmente o primeiro deus soberano babilônico.

O tablete 3 introduz uma nova personagem, Gaga, e Marduk já nascido e crescido buscando desafiar Tiamat. Logo, podemos ter uma ideia de que algum tempo Tiamat passou sendo deusa soberana.

Anshar convoca os deuses com esse propósito, encarregando seu vizir, Kakka, de esperar por Lahmu e Lahamu para contar a eles a história da ameaça de Tiamat e a oferta de Marduk. (FOSTER, p. 366).

O tablete 4 mostra que o espaço no qual viviam os deuses do panteão babilônico foi divididos entre Tiamat e os outros deuses, os quais parecem viver em um regime de coletividade, com decisões tomadas em conselho, apesar de haver um trono para um deus rei.

Tábua IV- Marduk assume o trono e é saudado por todos os deuses em uma cerimônia de coroação. A prova é administrada de sua supremacia. Ele é saudado como rei, recebe as armadilhas da realeza, escolhe suas armas e parte em sua busca. [...] Marduk se aproxima para a batalha enquanto os deuses pairam temerosos perto dele. Qingu está apavorado. Tiamat dá a entender que o apoio de Marduk é desleal. Ignorando Qingu, ele a desafia a um combate individual e a acusa pelo suposto assassinato de seus próprios filhos. Furiosa, a própria Tiamat avança para a batalha, Marduk a mata, destrói suas forças, pega a tábua do destino e a coloca sobre si mesmo. (FOSTER, 1996, 371-373).

Marduk vence Tiamat em um confronto em que ele se utiliza de armas e elementos da natureza, além da união e aprovação do conselho que o consagrou rei. Apesar de não haver nesse resumo muitos detalhes sobre o confronto, é interessante notar que a matéria-prima da formação da terra e do céu é o corpo de Tiamat. Assim, tendo em vista que no tablete 1 Tiamat é apresentada como a deusa do caos e da ameaça, o mundo criado por Marduk também nasceu do caos, como a *Teogonia* de Hesíodo e o *Gênesis* de Moisés.

O tablete 5 apresenta Marduk como criador e organizador do mundo formado tendo como matéria-prima o corpo de Tiamat, assim, ele faz morada para os outros deuses e orna o planeta terra com elementos como dia, noite, meses e estações do ano. O trecho deste tablete cita lua e chuva, mas, a pesar da referência ao dia e à noite, não é citado o sol, possivelmente, isso ocorre porque Marduk, de acordo com Davis (1983) é o próprio sol.

Tábua V- Marduk organiza as estrelas e planetas e marca anos. Ele estabelece seu próprio planeta, chamado Neberu, como um marcador para todos os outros em seu movimento. Ele regula a lua, o sol, o clima e as águas subterrâneas. Ele liga as várias partes do cosmos. [...] Marduk distribui troféus, desfila seus inimigos derrotados e é celebrado como um herói que retorna. [...] Marduk se decanta e veste sua insígnia. Os deuses juram fidelidade a ele; ele se compromete a mantê-los. [...] Marduk cria a

Babilônia como a contraparte terrestre de Esharra, morada dos deuses no céu. Os deuses devem repousar ali durante suas estadas terrestres. (FOSTER, 1996, p. 377-381).

O tablete 6 mostra que Marduk decide criar o ser humano e a matéria-prima utilizada tem uma composição divina, apesar de ser extraída de um deus mal, Kingu. Além disso, o homem plasmado por Marduk tem um propósito, ou seja, é um ser pensado e formado com o intuito de ser servo dos deuses.

Os deuses rebeldes recebem um perdão geral se apresentarem seu líder. Eles produzem Qingu, alegando que ele começou a guerra. Ele é sacrificado e seu sangue é usado para fazer um ser humano. [...] Marduk divide os deuses do céu e do submundo. Os deuses constroem Esagila, o templo de Marduk na Babilônia. [...] Os deuses vêm ao novo templo para uma festa. Depois de uma festa, eles tomam seus lugares para ordenar destinos. [...] Marduk é feito o deus supremo. Anshar dá a ele um segundo nome, Asalluhi. Anshar explica o papel de Marduk entre deuses e homens em relação a este segundo nome. (FOSTER, 1996, p. 383-386).

Percebe-se também que a morada de Marduk é a Babilônia, por decisão dos deuses que resolvem presentear-lo com uma residência na terra criada pelo próprio deus supremo, provavelmente, para estabelecer o lugar como divino e, tendo por base a descrição de Heródoto sobre o templo de Marduk, mostrar na terra, próximo aos mortais, a grandeza do deus criador do mundo e deus dos deuses e dos homens.

O tablete 7 é o final da epopeia do *Enūma Eliš* festejando a consagração de Marduk como deus supremo babilônico aclamado pelos seus 50 nomes que possivelmente são as representações de seus feitos, os quais deveriam ser lembrados nos cultos e ou festivais de celebração a Marduk.

Início da explanação dos cinquenta nomes de Marduk. Os nomes de 1 a 9 são aqueles carregados por 'Marduk antes deste ponto da narrativa. Cada um deles é correlacionado com pontos cruciais na narrativa como segue: seu nascimento, sua criação da raça humana para prover para os deuses, sua terrível raiva, mas sua vontade de poupar os rebeldes deuses, sua proclamação pelos deuses como supremos entre eles, sua organização do cosmos, sua salvação dos deuses do perigo, sua preservação dos deuses que lutaram ao lado de Tiamat, mas sua morte de Tiamat e Qingu, e sua habilitação aos deuses para prosseguir com o resto do que é narrado. (FOSTER, 1996, 387-388).

2.1.1.1 Breve comentário sobre o mito *Enūma Eliš*

É relevante ressaltar que, no mito babilônico *Enūma Eliš*, a cosmogonia é bastante reduzida, visto que a terra e os céus foram criados a partir do corpo de Tiamat, que foi dividido para criação do céu e da terra, sem muitos detalhes dessa ornamentação do mundo, e o homem, ou raça humana, criado com o sangue de Kingu, apresentado como um deus mal, segundo

esposo de Tiamat, que movida por um sentimento de vingança queria a destruição dos outros deuses, mas foi derrotada por Marduk.

A relação criador e criatura é construída sob o cerne da submissão extrema do homem ao deus criador, no caso Marduk, pois, de acordo com os relatos das tábuas VI e VII, a finalidade dos deuses, neste mito, em criar o mortal é bastante clara: o homem é criado para servir os deuses. A forma de servidão não é bem expressa, mas ao homem é colocado que o melhor para ele é obedecer aos deuses e jamais desagradá-los.

As batalhas entre os deuses pela soberania absoluta, embora aconteça sob o cerne do politeísmo, busca a consagração de um deus soberano, assim, ao derrotar Tiamat, Marduk provou ter força e sabedoria para governar os outros deuses que, em conselho, decidem reverenciá-lo também na terra da Babilônia, sob a adoração de outra criação do soberano da cidade: o homem, ser expressamente feito para adorar os deuses e contar os seus feitos em cultos de reverência em que estejam presentes nas cerimônias temor, obediência e agradecimento, pois sem Marduk a terra em que habita o homem não existiria, por isso, cabe à criatura adorar e aclamar Marduk pelos cinquenta nomes, que possivelmente, expressam a gradeza desse deus em seus feitos e batalhas.

2.1.2 *Atrahasis e Gilgamesh*

A civilização suméria registrou seu mito da criação na chamada Epopeia de *Atrahasis* que é um poema épico sobre a criação e o dilúvio universal. São várias as versões desse épico, visto que o dilúvio, na região do Oriente Médio, é bastante apontado, segundo Davis (1986) que cita Assurbanipal e Beroso, como registradores desse evento que marcou os povos assírios, babilônicos, sumérios e hebreus, alguns pormenores diferenciam as narrações sobre o dilúvio.

A tradição do dilúvio corria entre o povo de que se originou o povo hebreu. Na casa ancestral de Abraão, o dilúvio era lembrado como uma grande crise na história da humanidade. Um escriba assírio, registrando os nomes de antigos reis, observa que existiam “depois do dilúvio”; Assurbanipal refere-se a inscrições do “tempo antes do dilúvio”, Beroso, sacerdote babilônico, dedicou o segundo volume de sua história as dez reis antediluvianos da Caldeia, considerando que o dilúvio assinalou o final do primeiro período da história da humanidade. A tradição do dilúvio, corrente em Babilônia e na Assíria, diferia em alguns pormenores da tradição hebraica. (DAVIS, 1983, p.159).

A cópia mais antiga da *Epopeia de Atrahasis* data de 1600 a.C., quando a civilização suméria desaparece ante as invasões dos Hititas, e acredita-se que esteja ligada às tradições próprias do templo da cidade-estado de Eridu, vizinha à antiga foz do rio Eufrates ou Fora, em

língua hebraica, que se significa “dispersão” ou “flor” bastante conhecido graças à narração de *Gênesis*. É um dos mitos de criação mais antigos da região do Médio Oriente, narrando a trajetória de Atrahasis "o muito inteligente". A narração, mesmo incompleta desse mito mostra que o propósito de criar o homem é de haver uma raça inferior para realizar os trabalhos pesados de cuidar da terra, mas percebemos que não se trata somente da terra solo para agricultura, por exemplo, mas do relevo da terra, pois os Igigi eram obrigados a cavar rios e juntar montanhas.

Quando os deuses em vez do homem
 Faziam o trabalho, suportavam as cargas,
 A carga dos deuses era muito grande,
 O trabalho muito duro, os problemas demais,
 O grande Anunnaki fez os Igigi
 Carregarem a carga de trabalho sete vezes.
 Anu seu pai era deles,
 Seu guerreiro conselheiro Eli,
 Seu camareiro era Ninurta,
 Ennugi, controlador de canal,
 Eles levaram a caixa (de lotes)
 Lançaram a sorte; os deuses fizeram a divisão.
 Anu subiu para o céu,
 [E Ellil (?)] tomou a terra para o seu povo (?).
 O ferrolho que bloqueia o mar
 Foi atribuído ao clarividente Enki.
 Quando Anu subiu para o céu,
 [E os deuses de] o Apsu tinham descido,
 ‘Os Anunnaki do céu
 Fez o Igigi suportar a carga de trabalho.
 "Os deuses tiveram que cavar canais,
 Tiveram que limpar os canais, as linhas de vida da terra,
 Os Igigi tiveram que cavar canais,
 Tiveram que limpar os canais, as linhas de vida da terra.
 Os deuses cavaram o rio Tigre (leito)
 E então cavaram o Eufrates. (DALLEY, 2009, p. 09, tradução livre).

A insatisfação e cansaço dos Igigi obrigaram os deuses maiores a criar o homem que tanto realizaria os trabalhos com a terra, quanto adoraria os deuses.

Eles estavam contando os anos de cargas.
 Por 3.600 anos eles carregaram o excesso,
 Trabalho árduo, noite e dia.
 Eles gemeram e culpavam um ao outro,
 Resmungou sobre as massas de solo escavado:
 “Vamos confrontar nosso [] camareiro,
 E faça com que ele nos livre do nosso trabalho árduo
 Venha, vamos levar [o Senhor (?)],
 O conselheiro dos deuses, o guerreiro, de sua
 habitação.
 Venha, deixe-nos levar [Ellil],
 O conselheiro dos deuses, o guerreiro, de sua
 habitação". (DALLEY, 2009, p. 10, tradução livre).

O mito de Atrahasis traz a narrativa bem detalhada da criação do ser humano, mostrando também como o homem herdou a sua parte divina no momento de sua criação.

"Belet-ili a deusa do útero está presente,
 Deixe a deusa do útero criar descendência,
 E deixe o homem carregar o fardo dos deuses!"
 Eles chamaram a deusa, perguntaram
 A parteira dos deuses, a sábia Mami,
 "Você é a deusa do útero (para ser a) criadora da humanidade!
 Crie o homem primordial, para que ele possa suportar o jugo!
 Que ele carregue o jugo, a obra de Ellil,
 Deixe o homem carregar o fardo dos deuses!"
 Nintu fez sua voz ser ouvida
 _ E falei com os grandes deuses,
 "Não é adequado para mim fazê-lo,
 O trabalho é de Enki;
 Ele torna tudo puro!
 Se ele me der barro, eu farei".
 [...]
 No primeiro, sétimo e décimo quinto dia do mês,
 Ele fez uma purificação por lavagem
 Ilawela que tinha inteligência,
 Eles amassaram em sua assembleia.
 Argila misturou Nintu
 Com sua carne e sangue.
 Eles ouviram a batida do tambor para sempre.
 Um fantasma veio à existência da carne do deus,
 E ela (Nintu) proclamou isso como seu sinal vivo
 "O fantasma existia para não esquecer (o deus morto)
 Depois que ela misturou a argila,
 Ela convocou os Anunnaki, os grandes deuses.
 Os Igi, os grandes deuses,
 Cuspir saliva no barro.
 Mami fez sua voz ser ouvida
 E falou com os grandes deuses,
 "Eu fiz perfeito!
 _ O trabalho que você encomendou de mim.
 Você macerou um deus junto com sua
 inteligência,
 Eu libertei você de seu trabalho árduo,
 Eu impus seu fardo ao homem,
 Você concedeu ruído à humanidade.
 Eu desfiz a algema e concedi liberdade".
 (DALLEY, 2009, p. 15-16, tradução livre).

Os Igi estavam felizes por não mais serem tratados como inferiores, ou por haver uma raça inferior a eles, mas a raça humana se multiplicou muito e o barulho que fazia perturbava os deuses que decidem acabar com o homem na face da terra por meio de um dilúvio.

Atrahasis descobre o plano dos deuses e salvar-se depois de ser instruído a construir um barco, de acordo com as instruções do deus Enki.

Enki fez sua voz ser ouvida
 _ E falou com seu servo,
 "Você diz: " Eu deveria descobrir na cama (?) ".
 Certifique-se de atender à mensagem que dir-te-ei!

Ainda sobre as narrativas do dilúvio, Davis (1986) observa a antiguidade da *Epopéia de Gilgámesh*. Assim, para entendermos melhor as narrativas sobre o dilúvio, vejamos o resumo da tradução da *Epopéia de Gilgámesh: Ele que o abismo viu*, traduzida por Jacynto Lins Brandão (2017) que nos apresenta mais elementos sobre assuntos os quais se encontram também no livro de *Gênesis*, como o relato da criação em sete dias, além da referência ao personagem Noé, à arca e ao dilúvio. Os elementos narrados são referentes a fatos ocorridos depois do dilúvio, mas que a personagem protagonista só encontra resposta para o seu drama existencial nos fatos que antecederam esse episódio.

O que nele se narra é como Gilgámesh, o quinto rei de Úruk depois do dilúvio, passa por experiências existenciais marcantes que o levam a compreender os limites da natureza humana, os que se impõem para alguém, como ele, filho de uma deusa e, por isso, dois terços divino e apenas um terço humano. (*Epopéia de Gilgámesh ele que o abismo viu*. 2017, p. 13).

A *Epopéia de Gilgámesh: ele que o abismo viu*, traduzida por Brandão (2017) é possivelmente a obra literária mais antiga já produzida pelos seres humanos. Brandão conservou a composição dos doze contos, traduzindo as doze tabuinhas, em 328 versos, sendo a tabuinha 12 numerada do verso 1 ao 153. O texto narra a história de Gilgámesh, rei sumério e fundador da cidade de Uruk que governou a região por volta do ano 2.700 a.C. esta epopeia é conhecida graças à descoberta de uma placa de argila escrita em caracteres cuneiformes, em ruínas da região mesopotâmica, sendo traduzida por volta de 1890 d.C.

É provável que ele tenha reinado de fato, por volta do século XXVII a.C., e que, em vista de seus grandes feitos, em especial a construção das muralhas de Úruk, se tenha desenvolvido em torno de seu nome as diversas narrativas heroicas que se conhecem a partir do século XXII a.C., inicialmente em sumério, em seguida em acádio. O texto que aqui se apresenta encontra-se no ápice do desenvolvimento desse ciclo heroico, devendo ao sábio Sin-léqi-unniínni a concatenação de tradições e narrativa anteriores num poema marcado por profunda reflexão antropológica. (*Epopéia de Gilgámesh ele que o abismo viu*. 2017, p. 13).

A tradução comentada do poema *Epopéia de Gilgámesh Ele que o abismo viu* mostra como ocorre a relação dos habitantes da cidade de Úruk com o seu rei, em um momento em que se busca retornar à civilidade após o dilúvio. Assim, percebemos que embora a epopeia tenha como recorte de tempo o pós-dilúvio, as referências de Gilgámesh são pré-diluvianas e diluvianas, pois graças à sabedoria que adquiriu, sobreviveu ao dilúvio.

De início, após louvar os feitos tradicionalmente atribuídos a Gilgámesh, na condição de alguém que repôs o que foi destruído pelo dilúvio, apresentam-se os seus excessos como rei- o desafio constante aos jovens de Úruk para disputas e o direito de dormir a primeira noite com as noivas (ele antes, o marido depois). Essa desmedida, que deixa clara quanto sua natureza é superior à do comum dos mortais, leva a que os habitantes da cidade se dirijam aos deuses em busca de uma solução. (*Epopéia de Gilgámesh ele que o abismo viu*. 2017, p. 13).

A referência ao comportamento de superioridade de Gilgámesh em relação aos outros habitantes da cidade de Úruk nos remete às descrições tanto presentes no livro de *Gênesis* bíblico quanto da Idade de Ferro de *Os trabalhos e os dias*, de Hesíodo, pois nos lembra dos desrespeitos que os humanos tinham tanto com os deuses quanto uns com os outros, demonstrando, assim, além da impiedade, a violência, tanto física quanto psicológica dos que se achavam mais abastardos contra os de menos recursos tanto físicos quanto financeiros. Motivos que tanto levaram o Deus dos hebreus quanto Zeus destruírem a raça humana com um dilúvio.

Como resposta, decidem eles criar um companheiro a altura de Gilgámesh, do que se encarrega a deusa Arúru, que o faz usando de argila. Assim, surge Enkídu, uma espécie de personificação do homem primitivo, que vive desnudo junto dos animais, com eles comendo relva e bebendo água na cacimba. Inteirado da presença desse ser estranho na estepe, Gilgámesh encarrega uma prostituta sagrada, Shámhat, de ir até ele para que, com ela tendo relações sexuais, Enkídu seja atraído para a cidade. É assim que ele aprende a comer pão e beber cerveja, marcas da vida civilizada, sendo conduzido por Shámhat até a cidade de Úruk, onde enfrenta Gilgámesh no momento em que, dirigindo-se à câmara nupcial, o rei se prepara para exercer seu direito à primeira noite. Lutam os dois na rua, de um modo espetacular, o que serve para selar sua profunda amizade. Enfim, Gilgámesh encontrou um igual. (*Epopéia de Gilgámesh ele que o abismo viu*. 2017, p. 13).

A formação do primeiro homem também se assemelha às narrativas presentes na Mesopotâmia e à de Hesíodo, com o diferencial de que o homem foi criado por uma deusa, em resposta aos clamores de seres que não podemos afirmar como são, pois não temos elementos para chamá-los de divinos nem tão pouco de humanos, pois o próprio Gilgámesh é apenas um terço divino. Mas, assim como Adão e a humanidade recriada por Deucalião e Pirra, o ser da Epopeia de Gilgámesh é formado de argila ou barro e por mãos divinas. É, como os outros, formado pelos deuses, um ser criado com propósito, ou seja, Enkídu, criado para enfrentar Gilgámesh, deveria obedecer aos desígnios daqueles que o plasmaram e lhes deram vida.

É interessante também perceber que Enkídu vivia feliz com os animais, alimentando-se de relva e bebendo água da cacimba, tal qual Adão, antes da desobediência e do castigo e como os homens da Idade de Ouro de Hesíodo, antes da chegada de Pandora com a caixa portadora dos milhares de males para a humanidade.

Também não podemos deixar de perceber que Enkídu tornou-se objeto de disputa entre os deuses e alvo de sedução tanto sexual quanto de frutos que lhe revelaram outra forma de viver, pois ao conhecer alimentos como pão e cerveja, Ele já não era mais um selvagem, mas um civilizado. Tendo cedido à sedução e, assim, saindo da condição de selvagem, Enkídu também foge ao propósito para o qual foi criado que era enfrentar e derrotar Gilgámesh em confronto. Como Enkídu e Gilgámesh tornaram-se amigos, além de frustrarem os planos dos

deuses, juntos, resolvem enfrentar outros deuses, agindo dessa forma, esquecem-se de que, além de mortais, não possuem uma divindade igual tão pouco superior aos deuses.

Os passos seguintes narram dois grandes feitos heroicos. O primeiro, o modo como Gilgámesh e Enkídu vencem Humbaba, o guardião da Floresta de Cedros (que diz estar localizada no Líbano). Esse foi um feito intencionalmente buscado, em nome da fama, pois, sabem eles que “do homem os dias são contados, tudo que ele faça é vento”. (*Epopéia de Gilgámesh ele que o abismo viu*, 2017, p. 14).

Na Floresta de Cedros, habitam os Igigi que têm como deus supremo Humbaba. É possível que esses Igigi sejam os mesmos que aparecem no mito Atrahasis, cansados da grande labuta de cuidar da terra e que apesar de termerem aos deuses superiores, exigiram uma raça inferior a eles para realizar os cuidados com a terra, nascendo, assim, o homem. É interessante notar que Gilgámesh registrou os eventos pré-diluvianos e diluvianos em uma estela, logo é possível que muitos dos perigos que ele iria enfrentar na busca pela Floresta de Cedros e contra os deuses, principalmente no quesito insurgência, ele já tinha conhecimento.

Já a proeza seguinte é provocada pela deusa Ishtar - cuja esfera de atuação é tanto o sexo quanto a guerra: depois do regresso da Floresta de Cedros, apresentando-se Gilgámesh em sua glória de rei, atrai ele os olhos da deusa, que lhe propõe casamento. Ele a rechaça com extrema dureza, arrolando o destino infeliz de seus amantes, o que a leva a pedir a seu pai, o deus Ánu, que lhe entregue o Touro do Céu (isto é, a constelação do Touro), para que devaste Úruk. De novo os dois amigos enfrentam o perigo, vencendo e matando o Touro. A primeira metade do poema termina, assim, com a grande festa com que se comemora a vitória de Gilgámesh. Conforme se proclama, ele é o melhor dentre os moços, o mais ilustre dentre os varões! (*Epopéia de Gilgámesh ele que o abismo viu*, 2017, p. 14).

A primeira parte da epopeia de Gilgámesh mostra a luta entre os deuses por soberania, tanto pela Floresta de Cedros, quanto pela adoração nos festivais de akitu em Úruk. Assim, possivelmente, os deuses buscavam adoração, se não podemos afirmar que pelos humanos, é provável que por seres divinos inferiores.

A segunda parte principia de um modo lúgubre. Mesmo que o texto esteja muito fragmentado nessa passagem, pode se saber que os deuses, reunidos em assembleia, determinam que, por haverem matado Humbaba e o Touro, um dos dois companheiros deve morrer, a escolha caindo sobre Enkídu. Abatido por grave doença, ele vem a falecer, provocando em Gilgámesh enorme dor, a qual se manifesta em prolongados lamentos. Depois de prestadas as honras fúnebres com toda pompa possível, Gilgámesh parte em viagem, em busca de Uta-napíshti, o herói que, tendo sobrevivido ao dilúvio por ter fabricado uma arca, conforme as instruções do deus Ea, foi também recompensado pelos deuses com o dom da imortalidade. (*Epopéia de Gilgámesh ele que o abismo viu*, 2017, p. 14).

As semelhanças com o Atrahasis na segunda parte do poema é patente, pois tal qual ao “Muito Inteligente”, Gilgámesh protagoniza ações idênticas a Atrahasis e a Nôe. Assim iremos tratar a segunda parte da epopeia de Gilgámesh tendo como corpus uma narração por meio do

prisma de uma religião politeísta que traz a figura de Izdubar ou Gilgámesh, rei de Ereque, como protagonista do épico.

Izdubar caiu doente e resolveu consultar o seu antecessor Sitnapistim que os deuses arrebataram ; habitava “na boca dos rios” e conhecia os segredos da vida e da morte. Ao fim de longa jornada, cheia de dificuldades e de muitos perigos, Izdubar encontrou-se com Sitnapistim, cheio de vigor da mocidade, não obstante pertencer a épocas muito remotas. Izdubar exclamou cheio de espanto: Como foi, Sitnapistim, que tu chegaste a ter vida entre os deuses?” “Vou contar-te, Izdubar”, respondeu Sitnapistim, “ a história secreta, e descobrir-te o oráculo dos deuses (com referência à cura da tua enfermidade). Tu conheces a cidade de Suripaque que está no Eufrates. Aquela cidade já era antiga, quando os deuses que habitavam nela, resolveram mandar uma tempestade diluviana. (DAVIS, 1983, p.160).

Esse início da narrativa é bastante semelhante ao momento em que Zeus reúne os outros Deuses Imortais para deliberar sobre o destino da raça humana da Idade de Ferro. Já a parte seguinte muito parece com as instruções dadas a Noé, no momento em que foi chamado por Deus para construir a arca.

O deus Anu estava lá junto com os outros, e Bel e Ninibe. O deus Ea, contudo, deliberou, junto com eles, e revelou-me em sonhos o propósito dos deuses. Mãe de Suripaque filho de Urabatutu, disse ele, demoliu a casa, construiu um navio, abandonou todas as suas riquezas e procurou salvar a vida. Levou para o navio a semente da vida de toda de toda a espécie. Prestei muita atenção, e disse ao deus Ea: “ Ó meu senhor, tudo quanto tens ordenado, isso farei. “No dia seguinte começaram as preparações. No quinto dia a armar o vigamento – 140 côvados de alto, 140 côvados de comprimento; fiz as divisões internas, arranjei um leme. Pelo lado de fora estendi três medidas de betume e também pelo lado de dentro. (DAVIS, 1983, p.160).

O trecho seguinte chama a atenção para dois elementos diferentes da narrativa da arca de Noé: a semente da vida, a qual não é especificada, e as riquezas materiais.

Quando o navio ficou pronto, meti-lhe dentro tudo quanto possuía – com prata e ouro e a semente da vida de todas as espécies. Recolhi a bordo todos os meus servos e servas, o gado, os animais do campo e os operários. O deus Sol marcou o tempo. Quando o que manda a chuva fez cair com violência a chuva, de tarde, entrei no navio e fechei a porta. O tempo marcado chegou.

Aquele que manda a chuva violenta derramou-a de tarde. Temi o cair da tarde e tremi ao contemplar a manhã. Entrei no navio, fechei a porta por dentro e confiei a enorme construção com a sua carga aos cuidados de Puzur-bel, meu piloto. (DAVIS, 1983, p.160).

Além desses elementos diferentes, o narrador, que também é personagem, consegue ver de dentro do navio os acontecimentos fora deste e cada ação envolvida no dilúvio, ele consegue identificar o deus, mostrando a semelhança com a cultura egípcia, que possui um deus para cada elemento da natureza.

“Ao alvorecer, uma nuvem escura apareceu no horizonte. No meio dela, o deus-tempestade fazia rolar o trovão. Os deuses Nebo e Marduque marchavam à frente, como guias, por montes e vales; o poderoso deus- peste soltou o navio; o deus Ninibe fez extravasar as correntes das águas para fora de seu leito. Os anumaqui, espíritos das regiões subterrâneas, ergueram as tochas e iluminaram a terra. O deus-tempestade empolou as ondas que chegavam até ao céu. A luz converteu-se em trevas. Ninguém

podia ver quem lhe estava perto, nem s que estavam no céu podiam ver os entes humanos cá embaixo na terra. Os próprios deuses se atemorizaram com o aspecto da tormenta do dilúvio; apavorados, buscaram refúgio subindo ao céu, e encolheram-se junto ao muro, como os cães na sua casinhola. (DAVIS, 1983, p.160).

O trecho seguinte é bastante intrigante, pois revela uma deusa, Istar, como geradora da humanidade. Uma semelhança com Gaia, geradora de todos os seres. Além disso, uma pergunta que sucinta é porque a humanidade já tinha sobre si uma profecia de destruição.

Depois, a deusa Istar, semelhante a uma mulher, prestes a dar à luz, exclamou, ela com a sua voz encantadora, chamou: Humanidade, que existias e que te convertes em lama, este é o mal que predisse em presença dos deuses, tal qual como a eles profetizei. “Eu disse que uma tempestade havia de aniquilar as minhas criaturas. Gerei homens. Mas para que fim? Semelhantes a cardumes encheram o mar. Os deuses que governam os espíritos habitadores das regiões subterrâneas, choram com ela, encurvados e banhados em lágrimas, cobrem os lábios. Durante seis dias e sete noites, o vento, a tempestade de águas e as chuvas não cessaram; no sétimo dia, a chuva diminuiu; o dilúvio, que se torcia semelhante a uma parturiente, repousou; o mar recolheu-se ao seu leito, e o furacão violento com a tormenta das águas cessaram. (DAVIS, 1983, p.160).

A solidão da personagem nos chama a atenção para um outro aspecto: os deuses abandonaram toda a terra e como nada restou da humanidade, a personagem narradora parece ser mais um intruso do que um sobrevivente, visto que ele foi abandonado à própria sorte e que está vivo graças a um estratagemas.

Olhei para o mar, e ao mesmo tempo batendo as mãos; mas todos os homens não eram mais que lama. Abri uma janela; quando a luz me iluminou a face, encurvei-me e caí para trás chorando; as lágrimas corriam-me pelo rosto. Olhei em todas as direções - e tudo era mar.” “Contudo, um pedacinho da terra erguia-se à altura de doze medidas. O navio movia-se em direção à terra de Nisir, sobre uma montanha daquele país, o navio foi detido e não caminhou mais. (DAVIS, 1983, p.160).

O trecho seguinte é quase uma réplica da história de Noé, pois até os animais são da mesma espécie, ou seja, primeiro soltou uma pomba, que tal qual a pomba da história bíblica do dilúvio retornou. A andorinha não existe na história de Noé, mas o corvo sim.

No primeiro dia, e no segundo dia, o monte Nisir segurou o navio, no terceiro dia e no quarto dia igualmente, e também no quinto e sexto dia. Quando chegou o dia sétimo, soltei uma pomba. A pomba voou de um lado para o outro, sem encontrar pouso, voltou. Em seguida, soltei uma andorinha. A andorinha também voou de uma parte para outra, sem ter onde pousar e voltou. Depois soltei um corvo. O corvo voou longe, e quando viu que as águas tinham baixado, aproximou-se descendo, mas não voltou. (DAVIS, 1983, p.160).

Então ocorre uma mudança significativa na história, pois a personagem oferece uma libação aos deuses que aparecem como se fossem seres humanos famintos por alimento físico.

“Então soltei todos os animais aos quatro ventos. Derramei uma libação e ofereci um sacrifício ao cume da montanha. Pus os vasos em número de sete e debaixo deles espalhei cana doce, cedro e ervas. Os deuses espiraram os odores, e agruparam-se em torno do ofertante, como moscas.” Quando a deusa Istar chegou, ele levantou o grande ornamento que o deus do firmamento tinha feito a seu pedido. Nunca esquecerei o

ornamento do meu pescoço; sempre me lembrarei desses dias, e não os olvidarei pela eternidade. (DAVIS, 1983, p.160).

O Deus causador do dilúvio, em vez de soberano, mas parece inimigo tanto dos deuses quanto da raça humana e, como se não fosse onipresente e onipotente, desconhece a existência de Atrahasis.

Os deuses todos vinham ao sacrifício, exceto Bel, porque ele, consideravelmente, foi o causador do dilúvio, e entregou o meu povo ao julgamento. Porém também veio; e quando ele viu o navio, irou-se contra os deuses dos espíritos celestiais. “Qual foi a alma que escapou?” exclamou ele; nenhum escapará ao julgamento.” Então o deus Ninibe abriu a boca e falou ao valoroso Bel: “quem senão a deusa Ea faria isto?”Ea conhece certamente todos os exorcismos: “ Ea também abriu a boca, e disse ao valoroso Bel: Tu valoroso chefe dos deuses, foste o causador do dilúvio, agindo sem reflexão. Sobre o pecador cairá o seu pecado; e sobre o que pratica o mal, cairão os seus próprios feitos. Abandona (a ira) para que ele não seja exterminado; sê grandioso também. (DAVIS, 1983, p.160).

Os motivos que levaram o deus Bel ter pouca tolerância com os mortais não ficaram claros no enredo, mas podemos perceber que os deuses, uns mais outros menos, concordam com o castigo dado à humanidade. Mas Bel não queria aceitar que o homem ainda existisse, então, após uma argumentação dos deuses em favor dos humanos, Bel, que parecer ser o soberano deus, apazigua-se com Atrahasis, que elevado à categoria de divino.

Em lugar de um dilúvio tormentoso, manda o leão e a hiena, a fome e a pestilência, e deixa que eles diminuam os homens. Quanto a mim, eu não revelei o propósito dos grandes deuses; enviei Atasis, o sonho e foi ele que percebeu o propósito dos deuses. “Então Bel se tornou mais razoável, subiu ao navio, tomou-me pela mão, fez-me subir; fez subir também a minha mulher e mandou que nos ajoelhássemos a seu lado. Depois voltou-se para nós, e pondo-se entre nós ambos e abençoando-nos, disse: Daqui em diante, Sitnspidtim era (mero) homem; agora ele e sua mulher sejam exaltados à igualdade dos deuses e habitem bem longe das bocas dos rios.” Logo depois levou-me para fora e colocou-me muito longe das bocas dos rios. (DAVIS, 1983, p.160).

2.1.2.1 Breve comentário sobre o mito Atrahasis e Gilgamesh

O fragmento que temos de Atrahasis também registra que, na relação dos deuses com os humanos, estes são colocados como hipossuficientes e sujeitos às leis impostas pelos deuses, seus criadores, que não suportavam mais o trabalho pesado de criar um espaço ou um habitat, como mostra o trabalho dos Igigi de cavarem os rios Tigre e Eufrates e de amontoarem as montanhas, por isso decidem se revoltar e pedir uma raça inferior para a realização da cansativa labuta dos deuses inferiores. Os seres humanos tornam-se necessários, pois são eles que realizam os trabalhos forçados e fazem adoração aos deuses, para garantir a imortalidade destes em cultos e cerimônias religiosas, momentos em que os feitos dos deuses são lembrados, seus nomes e representações adorados, garantindo, assim, a imortalidade dos deuses ou, pelo menos,

a lembrança destes para as futuras gerações humanas, que deveriam adorá-los, respeitá-los e, principalmente, subjugarem-se aos deuses, pois a humanidade, em qualquer mito narrado pelas culturas mesopotâmicas e/ou grega, tem não só a vida ofertada por um ou mais deuses, mas também o se habitat, pois antes do ser humano habitar a terra, há por partes do criador, o cuidado de formar uma habitação propícia para a raça humana, a qual rapidamente se adapta e se reproduz tornando-se ora dependente ora insurgente, gerando uma dinâmica de teste de limites do que pode realizar, acreditando fazê-lo sozinha, e o que os deuses tornam realizável, com o intuito de suprir as necessidades de suas criaturas e serem reconhecidos como essenciais a elas.

Este mito em particular traz uma descrição mais detalhada da criação da raça humana assim como o propósito de sua criação, ou seja, ficar a serviço dos deuses e realizar os trabalhos forçados que os deuses não querem mais realizar. Também prenuncia um dilúvio como solução para os problemas existentes entre os deuses e a raça humana, isto é, o aumento da população e o barulho que os humanos fazem.

A solução para acabar com a insurgência dos humanos que, mesmo em situação de escravidão, ainda são perturbadores dos desígnios dos deuses, é um dilúvio, que será enviado como castigo e surpreenderá a raça humana, extinguindo, se não a todos, pelo menos uma grande parte. Mas um humano descobriu o plano dos deuses e conseguiu se salvar. Esse ponto da narrativa é muito parecido com o episódio da arca de Noé e do encontro de Gilgámesh com Uta-napíshti, que trataremos mais adiante no capítulo sobre *Gênesis*.

O dilúvio nessa epopeia de Atrahasis parece, no primeiro momento, uma solução para acabar com a insurgência dos humanos, mas traz um ponto surpreendente para os deuses que se alimentavam do barulho que os humanos faziam, que nos parece que eram cultos de adoração com sacrifícios, pois os deuses vão reclamar de fome ao deus supremo e então temos o surgimento de uma outra espécie de humano e de um demônio mulher.

Os deuses se encontram com fome porque não existem agricultores e sacrifícios não são mais levados. Quando eles descobrem que Atrahasis sobreviveu, eles fazem um plano para ter certeza de que o barulho vai permanecer dentro dos limites: eles inventam o parto, a mortalidade infantil, e o celibato]. Enki preparado para falar, disse a Nintu, a deusa nascimento: “Você, deusa do nascimento, criadora dos destinos, estabeleceu a morte para todos os povos “Agora, então, que haja uma terceira mulher entre as pessoas, entre as pessoas existirá a mulher que dará à luz e a mulher que não dará à luz. Que haja também entre o povo a *pasitu* (ela-demônio) : deixa-a roubar o bebê do colo de quem deu à luz. (DALLEY, 2009, p. 32, tradução livre).

A *Epopeia de Gilgámesh ele que o abismo viu*, apesar de, no primeiro momento, a narrativa apresentar o tempo pós-dilúvio, Gilgámesh, em um processo de analepse, retorna para um tempo pré-diluviano apresentando os possíveis motivos que levaram os deuses a punir os

primeiros mortais com o dilúvio. A primeira parte dessa epopeia apresenta a personagem Enkídu, que foi plasmado com argila, pelas mãos de uma deusa, Arúru, que já havia criado a raça humana, Enkídu também foi criado com um propósito: derrotar Gilgámesh.

A criação de Enkídu
 A filha do guerreiro, à esposa do jovem,
 Ouviu-lhes as queixas Ánu.
 A Arúru, grande rainha:
 Tu, Arúru, fizeste a raça humana!
 Agora faze o que se disse:
 Que um coração tempestuoso se lhe oponha,
 Rivalizem entre si e Úruk fique em paz!
 Arúru, isso quando ouviu,
 O dito de Ánu concebeu no coração.
 Arúru lavou as mãos,
 Pegou barro e jogou na estepe:
 Na estepe a Enkídu ela criou, o guerreiro,
 Filho do silêncio, rocha de Ninurta,
 Pelos sem corte por todo o corpo,
 Cabelos arrumados como de mulher:
 Os turbos do cabelo, exuberantes como Níssaba,
 Não conhece ele gente nem pátria,
 Pelado em pelo como Shákkan,
 Com as gazelas ele come grama,
 Com o rebanho na cacimba se aperta
 Com os animais a água alegre o coração.
 (*Epopeia de Gilgámesh ele que o abismo viu* (2017), p. 47-47. v.v.92-112).

Enkídu foi seduzido e, assim, não cumpriu os desígnios dos deuses, mas tudo parecia estar em harmonia, mesmo a amizade entre Enkídu e Gilgámesh sendo contrária aos planos dos deuses. Todavia, quando Enkídu e Gilgámesh mataram Humbaba, guardião da Floresta de Cedros, em assembleia, os deuses decidiram pela morte de Enkídu, pois é um grande desrespeito um mortal matar um deus, assim, Enkídu foi punido com a morte e Gilgámesh com a ausência de seu melhor amigo, a quem tanto amava, separado de Enkídu, Gilgámesh é bem mais fraco, não causaria risco aos deuses, os dois unidos, assemelhavam-se aos andróginos, do *Banquete de Platão*, então, por prudência, melhor para os deuses separá-los. Os deuses puniram, possivelmente, para se defenderem de possíveis ataques e também para que esse feito dos dois amigos fosse lembrado entre os mortais como inaceitável para os deuses, por isso, passível de castigo severo.

A impiedade causando problema de insurgência e consequente punição divina também é visto na *Ilíada* de Homero em dois momentos: no canto I, quando Agamémnon responde ao pedido do sacerdote do deus Apolo, Crisís, com desrespeito às insígnias de Febo.

“ Velho, que nunca te venha a encontrar junto às céleres naves,
 quer te detenhas agora, quer voltes aqui novamente,
 pois as insígnias do deus e esse cedro de nada te valem.
 Não a liberto, está dito. Que em Argos, mui longe da terra
 do nascimento, há de velha ficar em nosso palácio

a compartilhar do meu leito e a tercer-me trabalho de preço.
 Não me provoques; retira-te, caso desejes salvar-te.”
 (*Ilíada*, canto I, p. 55, v.v 26-32).

O comportamento desrespeitoso do rei Agaménon e as súplicas a Apolo feitas pelo sacerdote Crisis resultaram na seguinte resposta desse deus.

Isso disse ele na súplica; ouvido por Febo foi logo.
 O coração indignado, se atira dos cumes do Olimpo;
 atravessado nos ombros leva o arco e o carcás bem lavrados.
 A cada passo que dá, cheio de ira, ressoam-lhe as flechas
 nos ombros largos; à Noite semelha, que baixa terrível.
 Longe das naves se foi assentar, donde as flechas dispara.
 Do arco de prata a irradiar-se um clangor pavoroso.
 Primeiramente, investiu contra os mulos e os cães velocíssimos;
 mas, logo após, contra os homens dirige seus dardos pintados,
 exterminando-os. Sem pausa, as fogueiras os corpos destruíram.
 (*Ilíada*, p.56, v.v. 43-52).

O segundo momento de *hybris* do comportamento humano não tolerado pelos deuses encontra-se no canto XII, momento em que os deuses, utilizando a força da natureza, provocam uma grande inundação que destruiria simultaneamente duas construções que não agradaram aos deuses, pois estas não foram criadas com o propósito de serem ofertadas a um deus. Tampouco houve sacrifícios, libações ou festa de celebração aos deuses que proporcionaram as edificações de caráter grandiosamente histórico.

Por muito mais tempo a estes últimos
 não poderiam, de certo, a muralha contê-los e o fosso
 que, como amparo das naves, os Dânaos haviam construído
 sem que hecatombes perfeitas aos deuses eternos trouxessem,
 para que todos a salvo ficassem, bem como os navios
 e a presa opima. (HOMERO, *Ilíada*. Canto XII, v. 2-8).

Tudo foi feito pelo homem e com o propósito humano de agradar-se. Assim, os construtores, embebecidos pelo orgulho próprio, aborreceram os deuses que logo imaginaram a destruição dessas fortificações, castigando os homens, com o apagamento da lembrança de suas obras para a história desses e das futuras gerações, e, concomitantemente, revelando o caráter divino da soberania, força e capacidade destrutiva e construtiva dos deuses imortais, perpetuando seus feitos sobre o que outrora fora erguido, impiedosamente, pelas mãos humanas.

Enquanto Heitor vivo esteve, o Pelida se achava agastado
 e, inabalável, de pé se manteve a cidade de Príamo,
 permaneceu, também, firme a muralha dos homens Aquivos.
 Mas, quando os Teucros mais fortes já haviam tombado sem vida –
 dos combatentes aqueus, uns com vida, outros mortos ficaram –
 e, ao décimo ano, depois de destruída a cidade de Príamo,

para o torrão de nascença os Argivos nas naus, retornaram,
logo, dois deuses, Apolo e Posido, no modo pensaram
de destruir esses muros, reunindo a potência de quantos
rios do vértice do Ida despejam no mar suas águas:
o Reso, o Heptáporo, o Ródio estuoso, e o Careso tranquilo,
mais o divino Escamandro e, além desses, o Grânico, o Esepo
e o Simoente, nas margens do qual muitos cascos caíram,
muitos escudos de couro e uma estirpe de heróis semideuses.
(*Ilíada*. Canto XII, v. 10-23).

A ação destruidora e depois construtora será realizada no futuro, mas dois pontos são relevantes nessa narrativa: primeiro, que a arquitetura dos Argivos não mais será vista e tão pouco admirada. Segundo, não menciona que para haver essa nova paisagem no Helesponto houve a morte de mais pessoas. Assim, percebe-se que a intenção dos deuses era apagar a obra criada e construída pelos homens e transformar o cenário em algo perpétuo e divino.

De todos eles Apolo reuniu as correntes, jogando-as
por nove dias, de encontro à muralha. Incessante chovia
Zeus, porque logo submersa no mar a estrutura ficasse,
enquanto o próprio Posido, tridente na mão, ia à frente
e os alicerces de troncos e pedras, que tanto trabalho
tinham custado aos Argivos, às ondas do mar os jogava,
té que deixou tudo plano na margem do belo Helesponto.
Pós haver a obra destruído, cobriu com areia infinita
toda a planície, fazendo que os rios, então, retornassem
para seus leitos, e límpidas fluíssem, de novo, aí as águas.
(*Ilíada*. Canto XII, v. 24-33).

Assim, o dilúvio, nessas narrativas citadas, mostra-nos que os deuses utilizam-se da força destruidora da água para apagar das vistas deles aquilo que os incomoda ou não lhe rende adoração, mostrando ao mesmo tempo a fragilidade do homem frente à força da natureza, elemento que os deuses dominam e utilizam contra ou a favor do homem, pois, não é demais recordar que, primeiramente, os deuses realizaram uma cosmogonia e uma natureza para os ambientes criados, depois o homem, com capacidade primeira de cultivar a terra, assim, a raça humana não é detentora da força da natureza nem esta sujeita à vontade dos homens, no universo de extremos da relação criador e criatura, a natureza pode e é benéfica ao homem, mas é aliada dos deuses no momento em que esse extrapola os limites da permissão divina.

2.1.3 As divindades egípcias

Os egípcios possuem diversas narrativas sobre o nascimento de seus deuses, mas é no mito de Nun que encontramos um pouco de cosmogonia e teogonia deles. Thomas Bulfinch (2013), em sua obra *O livro da mitologia*, faz a seguinte apresentação dos deuses do Egito.

Os egípcios consideravam Amon como sua divindade mais alta, depois chamada Zeus, ou Júpiter Amon. A manifestação da palavra ou da vontade de Amon gerou Kneph e Hator, de sexos diferentes. De Kneph e Hator surgiram Osíris e Ísis. Osíris era venerado como o deus do sol, a fonte de todo o calor da vida e da fertilidade, além de ser considerado também o deus do Nilo, que visitava anualmente a sua esposa Ísis (a Terra), na forma de inundações. Serápias ou Hermes é frequentemente apresentado como Osíris, e, outras vezes, como uma divindade distinta, o soberano do Tártaro e deus da medicina. Anúbis é o deus protetor, que tem a forma de uma cabeça canina, emblema de seu caráter de fidelidade e vigilância. Hórus ou Harpócrates era filho de Osíris. É simbolizado por uma flor de lótus, com o dedo nos lábios, sendo, portanto o deus do silêncio. (BULFINCH, 2013, p. 434).

De acordo com Heródotos, na tradução de Mario da Gama Kury (1985), os deuses egípcios são os mesmos da Grécia antiga ou Hélade.

Eles também se dizem os primeiros a ter usado os doze nomes distintos para os seus deuses (os helenos teriam copiado isso deles) e foram eles os primeiros a erigir altares e imagens e templo dos deuses, e agravar figuras em pedras. (HERÓDOTOS, 1985, p. 90).

Mas, conforme a nota 156 do livro *História Heródotos: Tradução do grego, Introdução e Notas de Mario da Gama Kury (1985)*:

Heródoto deve ter querido referir-se aos nomes de doze dos vinte ou vinte um deuses dos egípcios, que ele identificava com os doze deuses maiores dos gregos. (HERÓDOTOS, 1985, p. 497).

Mark Daniels (2015), registra no capítulo três, referente a mitologia egípcia, que semelhantemente às cosmogonias da região da Mesopotâmia, o universo nasce do vazio, ou seja, do caos, para eles, personificado no deus Nun.

No começo, nada existia, a não ser um caos nebuloso e vazio, personificado pelo deus Nun. Do vazio emergiu um monte piramidal conhecido como Ben-Ben, sobre o qual o criador Atum saiu de uma flor de lótus, trazendo consigo a luz. Atum produziu a primeira geração de deuses ao masturbar-se no vazio e procriar Shu, deus do ar, e Tefnut, deus da chuva e da umidade. Esses dois deuses, por sua vez, deram origem a Geb, deus da terra, e Nut, deusa do céu, tendo o pai Shu levantado a filha para que ela pudesse se estender sobre o irmão Geb como um dossel de estrelas. (*A história da mitologia para quem tem pressa* (2015), recurso eletrônico).

Após a curta descrição e narração da cosmogonia egípcia, já é apontada a criação do universo egípcio sob o comando do primeiro faraó, que já governou sob o cerne de uma profecia de destronamento, Atum tentou impedir, mas não conseguiu e foi destronado por Osíris.

Em seguida à criação da terra, do céu e do ar entre eles, Atum governou o universo egípcio como o primeiro faraó. Tendo tomado conhecimento da profecia de que a deusa do céu, Nut, daria à luz uma criança que o destronaria, Atum a proibiu de fazê-lo. Infelizmente Nut desobedeceu à ordem e deu à luz quatro filhos: Osíris, Isis, Set e Néftis – dos quais o primeiro cumpriu a profecia ao crescer. (*A história da mitologia para quem tem pressa* (2015), recurso eletrônico).

Por meio de casamentos ou uniões endogâmicas, Osíris aumenta o panteão dos deuses egípcios e gera o deus Anúbis.

Osíris, que desde o nascimento estava destinado a destronar Atum e se tornar o soberano da civilização egípcia, descendia de uma família endogâmica. Ele se uniu à irmã Ísis, enquanto seu irmão, Set, formou uma união com a outra irmã dos dois, Néftis. No entanto, não satisfeito em se unir a apenas uma irmã, Osíris também possuiu a outra irmã e cunhada, Néftis, e dessa ligação originou-se Anúbis, deus embalsamador dos mortos. (*A história da mitologia para quem tem pressa* (2015), recurso eletrônico).

A versão de Mark Daniels (2015) aponta o ódio despertado em Set pelo seu irmão Osíris o ciúme devido ao relacionamento de Néftis e Osíris, culminando com o nascimento do filho, Anúbis:

Furioso com o abuso de sua confiança, o enciumado Set matou o irmão, o que veio a representar a luta constante entre a ordem e a desordem sob o princípio de Maat.

Todavia, o mito de Osíris e Ísis registrado por Thomas Bulfinch (2013) traz outros motivos para a discórdia existente entre Set, traduzido por Bulfinch (2013 como Tífon, iniciado a partir do momento em que o casal Osíris e Ísis resolvem aproximar-se dos seres humanos de forma harmônica e afetuosa.

Osíris e Isis foram, certa vez, induzidos a descer à Terra levando dádivas e bênçãos a seus habitantes. Isis ensinou-lhes primeiro o uso do trigo e da cevada, e Osíris construiu os instrumentos da lavoura e ensinou aos homens como se utilizarem deles, assim como atrelar os bois ao arado. . (BULFINCH, 2013, p. 434)

A harmonia entre esses deuses e a humanidade era tanta que eles criaram para os homens a civilização, com leis, casamentos e rituais sagrados.

Depois, deu-lhes as leis, a instituição do matrimônio e uma organização civil e também os instruiu no culto dos deuses. (BULFINCH, 2013, p. 434)

A felicidade existente entre deuses e humanos extrapolou as fronteiras do vale do rio Nilo para o restante do mundo, despertando a inveja de Tífon que, aliado a setenta e dois membros do governo, possivelmente, da terra, mataram Osíris.

Tífon resolveu matar o irmão, o que fez da seguinte maneira: tendo organizado uma conspiração de setenta e dois cúmplices, compareceu com eles à festa realizada em homenagem ao regresso do rei. Mandou depois trazer uma caixa ou arca, que fora feita exatamente do tamanho de Osíris, e anunciou que daria aquela caixa de madeira preciosa a quem nela coubesse. Todos os outros tentaram em vão; porém, mal Osíris entrou na caixa, Tífon e seus companheiros a fecharam e a lançaram ao Nilo. (BULFINCH, 2013, p. 434).

2.1.3.1 Breve comentário sobre as divindades egípcias

A mitologia egípcia também apresenta um universo caótico no princípio da cosmogonia, apresentando Nun como um vazio latente e Atum como criador do universo. Há uma forma diferente de criação dos deuses, pois é muito semelhante à dos seres humanos, o que não nos deixa claro o momento em se tornaram imortais ou como a divindade é passada ao faraó, soberano na terra, mas mortal e sem poderes sobrenaturais. Como o panteão dos deuses egípcios, segundo Heródoto, é semelhante ao dos deuses gregos, há um soberano deus, Amon, responsável pela criação dos deuses formadores dos elementos cosmogônicos: sol, terra, rio, entre outros.

Não temos certeza de como surgiu o ser humano na cosmogonia egípcia. Percebemos que deuses geravam deuses que em algum momento tornavam-se faraós, que não eram imortais, mas o próprio deus na terra e que mesmo sendo mortais um dia retornariam novamente à terra como divindade. No tocante à relação criador e criatura, encontramos no mito de Osíris e de Ísis que os deuses não moravam na terra e que a raça humana tinha uma vida bastante laboriosa, mas sob os cuidados dos deuses Osíris e Ísis aprenderam a cultivar grãos como trigo e cevada e ainda trabalhar com o arado. Esses deuses também deram uma vida civilizada aos humanos, dando-lhes uma sociedade provida de leis, casamentos e cultos de adoração aos deuses.

2.2 Considerações acerca dos mitos Enūma Eliš, Atrahasis, Gilgámesh e divindades egípcias

Percebemos nos mitos supracitados, uma necessidade de registrar a forma que a raça humana surgiu na Terra ou o seu nascimento como indivíduo, sendo tão fremente esse ímpeto quanto o desejo de expressar o pertencimento desse ser a uma ou várias divindades, geralmente,

havendo entre esses imortais um que seja soberano sobre todas as criaturas e elementos físicos ou metafísicos.

A relação de pertencimento pode, muitas vezes, ser harmoniosa ou tensa, mas nunca indiferente, pois se em algum momento desta aliança formada por deuses e humanos houver ameaça de ruptura, há uma reação por parte quase sempre dos deuses, de retomada da hierarquia. Isso ocorre por meio de atendimento aos pedidos da raça humana ou por castigos impostos a ela, para que esta perceba o seu lugar dentro da relação criador e criatura e como se faz importante cultivar um comportamento de obediência aos desígnios dos deuses.

Assim, observamos, nessa conjuntura, uma interdependência presumida pelo ser humano de acreditar que os deuses, de alguma forma, precisam dele para cultuá-los, transmitindo para as futuras gerações os rituais de adoração e os feitos realizados pelos deuses em batalhas entre os próprios deuses ou para defender a frágil, porém pretensamente necessária raça humana.

Vimos que apesar de curtas, as cosmogonias estão presentes nos registros de nascimento da raça humana e observamos que a criação de um habitat para o homem é essencial para que o próprio ser humano consiga se encontrar, de alguma forma, dentro da relação criador e criatura, pois a humanidade, sentindo-se dona do planeta Terra ou pelo menos o ser superior que nele habita, ora sente-se agraciada e agradecida, sendo assim responsável pela harmonia entre os humanos, entre estes e os outros seres vivos e entre si e os deuses. Mas o mesmo sentimento de posse da terra ou de superioridade, nela transforma o ser humano em inimigos entre si e dos outros seres, sejam esses mortais ou divinos. Então, a vida humana alegre e harmoniosa é, muitas vezes, ameaçada pelo próprio comportamento humano.

3 TEOGONIA DE HESÍODO

Na Antiguidade Clássica, especificamente na mitologia grega, encontramos o registro escrito em forma de poesia arcaica da criação do mundo e a relação criador e criatura na *Teogonia*, de Hesíodo, obra que narra o nascimento dos deuses, deusas e seres mitológicos, a hierarquia do panteão mitológico da antiga Grécia, bem como Zeus tornou-se o líder das deidades do Monte Olimpo.

A *Teogonia* se esforça por organizá-los em torno da figura e da soberania de Zeus e é de fato o primeiro (ou um dos primeiros) alvor da atividade unificante, totalizante e subordinante do pensamento racional. Perseguir a totalidade unificada, o *Todo-Uno* (*Pân Hén*), é a aspiração extrema do pensamento racional e da prosa, que um ao outro se elaboram e se trabalham, a partir das novas condições oferecidas pelo alfabeto para se aprisionar as palavras pela arte da escrita, despojá-las paulatinamente de seu poder encantatório e de sua magia musical e imagética, (...). (TORRANO, 2006, p.18).

Ainda segundo Jaa Torrano (2006), a *Teogonia* hesiódica centra-se na figura de Zeus, ou seja, na soberania do deus unificador e todo poderoso, que oferece ao aedo, por meio do canto das Musas, filhas de Zeus e da Memória, a possibilidade de cantar o processo cosmogônico, o nascimento de diversos mitos e a divisão dos mundos, que sagrou Zeus como Pai dos homens e dos deuses. Assim, entendendo o conteúdo a ser cantado pelo aedo, compreendemos agora, por meio do prisma de Brandão (1986), a divisão didática deste poema em estudo.

Teogonia, de *theós*, deus, e *gígnesthai*, nascer, significa nascimento ou origem dos deuses. Trata-se, portanto, de um poema de cunho didático, em que se procura estabelecer a genealogia dos *Imortais*. (BRANDÃO, 1986a, p. 153).

Esse poema foi composto provavelmente no século VIII a.C. e possui 1022 versos hexâmetros, ou seja, o estilo próprio da composição oral, de acordo com Torrano (2006), a elaboração e fruição do poema encontra-se no próprio enredo da *Teogonia*, ou seja, nos versos do hino às Musas vv. 1-115, nos quais podemos observar o momento em que as Musas dirigem-se ao poeta Hesíodo, distinguem-no entre os pastores e escolhem-no para hinear o canto divino cujo conteúdo é o presente, o futuro e o passado principalmente de Zeus.

Elas um dia a Hesíodo ensinaram belo canto
quando pastoreava ovelhas ao pé do Hélicon divino.
Esta palavra primeiro disseram-me as Deusas
Musas olímpidas, virgens de Zeus-égide:
“Pastores agrestes, vis infâmias e ventre só,
sabemos muitas menstiras dizer símies aos fatos
e sabemos, se queremos, dar a ouvir revelações”.
Assim falaram as virgens do grande Zeus verídicas,
Por cedro deram-me um ramo, a um loureiro viçoso
colhendo-o admirável, e inspirando-me um canto

divino para que eu glorie o futuro e o passado,
imperiram-me a hinear o ser dos venturosos sempre vivos
e a elas primeiro e por último sempre cantar.
(TORRANO, 2006, p.103, vv. 22-34).

Assim, a divisão do poema, segundo Brandão (1986), processa-se da seguinte forma:

a) *Invocação às Musas* (versos 1-115), dividida em duas partes: uma narrativa (versos 1-34) e um hino (versos 35-115), em que Hesíodo celebra as Musas, deusas que deleitam o coração de Zeus e inspiram os poetas. (BRANDÃO, 1986a, p. 153).

A partir do verso 116, o aedo começa a narrar o estágio primordial, ou seja, o panteísmo iniciando-se pelo caos latente, dotado de energia prolífica. Em seguida a Terra, habitat de todos os seres, Tártaro e Eros, cada um com a sua função e disposição para, em enlaces de amor, gerar novas vidas, novos seres, vislumbrando no leitor ou espectador o desenrolar dessas novas vidas, gerando novos seres, em uma dinâmica constante de criação.

b) *Nascimento do Universo* (versos 116-132). É o estágio primordial (era panteística). No princípio era o *Caos* (vazio primordial, vale profundo, espaço incomensurável), matéria eterna, informe, rudimentar, mas dotada de energia prolífica; depois veio *Géia* (Terra), *Tártaro* (habitação profunda) e *Eros* (Amor), a força do desejo. O *Caos* deu origem a *Érebo* (escuridão profunda) e a *Nix* (Noite). *Nix* gerou *Éter* e *Hemera* (Dia). De *Géia* nasceram *Urano* (Céu), *Montes* e *Pontos* (Mar). (BRANDÃO, 1986a, p. 153).

Os versos 133 ao 452 apresentam a geração divina com a união do Céu e da Terra, dando origem, entre outros seres, elementos que nos remetem ao relevo do planeta terra, ou seja, Montanhas, Planícies e Mar. Já no plano político do universo, temos o início da primeira soberania representada por Urano ou Céu.

c) *Reinado de Urano* (versos 133-452). À fase da energia prolífica segue-se a primeira geração divina, em que Urano (Céu) se une a Géia (Terra), donde numerosa descendência. Nasceram primeiro os Titãs e depois as Titânidas, sendo Crono, o caçula, embora aqui figure apenas como o caçula dos irmãos. (BRANDÃO, 1986a, p. 154).

Os versos 453 ao 885 apresentam nova união com o casamento de Réia e Crono, do qual nasceram Héstia, Deméter, Hera, Hades e Zeus. Crono, temeroso em perder a soberania, engolia os filhos no momento em que nasciam, causando bastante sofrimento a sua esposa Réia e impedindo que se cumprisse o destino de ser destronado por um de seus filhos, como rezava a maldição dos Uranidas iniciada no momento em que Crono castra o pai Urano. No plano político da composição do universo, podemos dizer que, com o nascimento de Zeus e com o

ardil de seus familiares para salvá-lo do cruel destino de ser também engolido por Crono, inicia-se o plano de reorganização do universo.

d) Com a castração de Urano, Crono assume o poder, mas é destronado por Zeus: é a *Segunda Geração Divina* (versos 453-885), que marca a luta de Zeus pelo poder. Crono se casa com sua irmã Réia e nasceram Héstitia, Deméter, Hera, Hades, Posídon e Zeus. (BRANDÃO, 1986a, p. 154).

Os versos 886 em diante apresentam a vida de Zeus do momento de seu nascimento até o momento da divisão dos mundos, mostrando-nos os ardis dos avos de Zeus para que ele fosse protegido da gula de Crono, a educação recebida pela cabra Amaltéia, os casamentos com deusas como Astúcia e Memória, por exemplo, além do casamento com Hera, as batalhas travadas com titãs e gigantes, na busca pela reorganização do universo tornam Zeus o soberano Pai dos deuses e homens.

e) Terminada a longa refrega, Zeus *consolidou seu poder*, tornando-se o pai dos deuses e dos homens. Repartiu suas honras com os outros Imortais e iniciou seu reinado para sempre. Seus múltiplos casamentos refletem-lhe o poder de fecundação. Nova era se abre para Hesíodo: com Zeus está a *Dique*, a nova *Justiça*. E a *Terceira* e última *Geração Divina*: o estágio olímpico de Zeus (versos 886-964). (BRANDÃO, 1986a, p. 158).

É mister ressaltar a proporcionalidade da quantidade de versos com a de episódios acontecidos no poema, pois tendo em vista que 1022 versos não é uma quantidade tão grande para um poema que se propõe cantar o passado, o presente e o futuro de um deus com a magnitude de Zeus. Hesíodo trouxe na pequena parte reservada à cosmogonia de sua *Teogonia* uma infinidade de personagens que, já na apresentação destes, havia o nascimento de um novo mito com um episódio a ser contado ou dentro do poema em tela ou em outro que de certa forma, deriva da *Teogonia*. Além disso, o aedo registrou duas soberanias marcadas politicamente pelo temor da perda do reinado, tornando-se, assim, pouco fértil no quesito liberdade de até mesmo existir ou ver a luz, como aconteceu com os filhos de Urano e Gaia e mais tarde como os filhos de Crono e Réia, engolidos pelo pai, perdendo o direito de existir. Condensar tantas histórias em versos de poucas palavras, como disse Jaa Torrano (2006) no prefácio à sua tradução da *Teogonia* faz das palavras forças divinas.

Em Hesíodo as palavras são forças divinas, Deusas nascidas de Zeus e Memória (as Musas), mas Hesíodo já houve o apelo do Todo-Uno e é claramente perceptível na *Teogonia* a tendência de toda poliforma realidade e os múltiplos âmbitos do Divino convergirem subordinados à realeza de Zeus Pai dos homens e dos Deuses. A luta de Zeus pelo poder e a manutenção do poder por Zeus é à uma o ápice e o centro da visão do mundo apresentado na *Teogonia*. (TORRANO, 2006, p. 18).

Torrano (2006) nos apresenta um panorama do que é a *Teogonia* de Hesíodo, pois mostra que é um canto das Musas, que se apresentam como personagens narradoras, as quais também são distintivas, pois, conforme o seguinte trecho, distinguem as personagens a serem hineadas, de acordo com os respectivos *stati* e epítetos.

Zeus porta-égide, a soberana Hera de Argos caçada de áureas sandálias, Atenas de olhos glaucos virgem de Zeus porta-égide, o luminoso Apolo, Ártemis verde-flechas, Posídon que sustém e treme a terra, Temis veranda, Afrodite de olhos ágeis, Hebe de áurea coroa, a bela Dione, Aurora, o grande Sol, a Lua brilhante, Leto, Jápeto, Crono de curvo pensar, Terra, o grande Oceano, a Noite negra e o sagrado ser dos outros imortais sempre vivos. (Teogonia, p. 103, v. 11-21).

Ainda sob o cerne da distinção, as Musas também escolheram, entre os homens mortais, um que aprenderia distinguir verdades de mentiras e dentre os pastores que pastoreavam suas ovelhas no monte Hélicon, Hesíodo.

Elas um dia a Hesíodo ensinaram belo canto
Quando pastoreava ovelhas ao pé do Hélicon divino.
Esta palavra primeiro disseram-me as Deusas
Musas olímpíades, virgens de Zeus porta-égide:
“Pastores agrestes, vis infâmias e ventres só,
Sabemos muitas mentiras dizer símeis aos fatos
e sabemos, se queremos, dar a ouvir revelações”.
(HESÍODO, 2020, *Teogonia*, p. 103, v. 22-28).

Hesíodo mostra que entendeu a escolha das Musas e incorporando a forma didática que elas pretendem imprimir ao canto, toma posse do cedro e assume a postura de narrador, ou melhor, de aedo, cantando o presente, o passado e o futuro dos imortais.

Assim falaram as virgens do grande Zeus verídicas,
por cedro deram-me um ramo, a um loureiro viçoso
colhendo-o admirável, e inspiraram-me um canto
divino para que eu glorie o futuro e o passado,
impeliram-me a hinear o ser dos venturosos sempre vivos
e a elas primeiro e por último sempre cantar.
(HESÍODO, 2020, *Teogonia*, p. 103, v. 28-34).

Essa primeira parte da obra de Hesíodo esclarece como o poeta teve acesso às histórias que serão cantadas, imprimindo à narrativa a verossimilhança necessária para que o espectador do texto acredite, ou pelo menos, aceite os fatos expostos.

3.1 A cosmogonia da *Teogonia* de Hesíodo

De acordo com a tradução da *Teogonia* de Hesíodo realizada por Frederico Lourenço (2020), primeiramente, nasceu o Caos, depois a Terra, geradora de seres físicos e metafísicos.

Primeiro que tudo, nasceu o Caos. Logo depois,
a Terra [Gaia] de amplo peito, sede segura para sempre de todos
os imortais que detêm os píncaros do Olimpo cheio de neve;
e o Tártaro sombrio no recôndito da terra de amplos caminhos;
e Eros, que é o mais belo entre os deuses imortais;
deslassador de membros, e de todos os deuses e de todos os homens
ele subjuga no peito a mente e o prudente conselho.
Do Caos nasceram o Ébero e a negra Noite.
Da Noite, por sua vez, o Éter e o Dia nasceram,
que ela pariu, engravidada, tendo-se unido em amor ao Ébero.
A Terra primeiramente deu à luz, de igual tamanho a ela,
o Céu [Úrano] cheio de astros, para que ele a cobrisse completamente,
para que houvesse para os deuses bem-aventurados uma sede segura
para sempre;
deu à luz grandes Montanhas, grandiosas moradas das deusas
Ninfas, que vivem nas montanhas cheias de bosques;
deu à luz o Mar nunca vindimado inchado de ondulação,
Ponto, sem prazeroso ato de amor; mas depois,
deitando-se com o Céu, deu à luz o Oceano de fundos redemoinhos;
e Coio e Creio e Hiperión e Iápeto
e Téia e Réia e Témis e Mnemósine
e Febe da coroa dourada e Tétis amorável.
(HESÍODO, 2020, *Teogonia*, v. 116-136).

Crono, o mais novo entre os seres criados, é um personagem que já inspira mudança na ordem natural estabelecida, visto ter como característica um pensamento oposto ao dos outros seres desta primeira geração grandemente formada por Terra e Céu.

Depois destes nasceu o mais novo, Crono de retorcidos conselhos,
o mais terrível de seus filhos; e ele odiava seu vigoroso progenitor.
(HESÍODO, 2020, *Teogonia*, v. 137-138).

Com base no diálogo de Hesíodo com as Musas, filhas de Zeus, desejosas de cantar os feitos de seu soberano pai, o centro da *Teogonia* hesiódica é Zeus, logo podemos pensar em uma divisão da obra tendo por início a breve cosmogonia que, no tocante à formação do mundo é completa, visto a quantidade de elementos formados, e prenhe de novos e variados episódios, considerando o número de personagens apresentados em vinte e dois versos.

3.1.1 As soberanias antes de Zeus

Antes que Zeus conseguisse reorganizar o universo, duas soberanias existiram. A primeira foi com Urano, criado por Gaia, nas mesmas dimensões que ela para envolvê-la por completo e com ela gerou os deuses primordiais. Na esfera política, pouco pode ser dito sobre Urano, visto que este não permitia que seus filhos vissem a luz, enterrava-os no seio da Terra, causando dores a sua esposa. A segunda soberania foi de Crono, pai de Zeus. No plano político,

pouco pode ser mencionado, visto que devorava seus filhos assim que estes nasciam, pois teria ser destronado por um de seus descendentes.

3.1.1.2 A soberania de Urano

Urano é um dos deuses primordiais, criado pela própria Terra para ser igual a ela mesma e sede dos deuses imortais.

*Terra primeiro pariu igual a si mesma
Céu constelado, para cercá-la toda ao redor
e ser aos Deuses venturosos sede irresvalável sempre.
(Teogonia, 2006, p.109, vv.126-128)*

Durante o enlace amoroso de Urano e Gaia, nasceram elementos que nos remetem ao relevo do planeta Terra:

*Pariu altas Montanhas, belos abrigos das Deusas
ninfas que moram nas montanhas frondosas.
E pariu a infecunda planície impetuosa de ondas
o Mar, sem o desejoso amor.
(Teogonia, 2006, p.109, vv.129-132)*

São também filhos de Gaia e Urano:

*Depois pariu
do coito com Céu: Oceano de fundos remoinhos
e Coios e Crios e Hipérion e Jápeto
e Teia e Réia e Têmis e Memória
e Febe de áurea coroa e Tétis amorosa
(Teogonia, 2006, p.109, vv.129-132)*

As filhas de Urano e Gaia, Têmis e Memória, foram esposas de Zeus. Essa representa a lei que vigora no interior das famílias, conforme o modelo indo-europeu, e esta, mãe das Musas que e escolheram Hesíodo para cantar a Teogonia. Réia é mãe de Zeus, Hades e Poseidon. Observar que personagens como essas três deusas estavam escondidas dentro da Terra, leva-nos a imaginar quão grande quantidade de energia fértil havia dentro da Terra fecundada por Urano.

Outros filhos de Urano e Gaia são os de colossal tamanho, Titãs, Ciclopes, Titanides e Hectonquiros , que protagonizaram ao lado de Zeus e dos outros imortais batalhas como a Titanomaquia

*E após com ótimas armas Crono de curvo pensar,
filho o mais terrível: detestou o florescente pai.
Pariu ainda os Ciclopes de soberbo coração:
Trovão, Relâmpago e Arges de violento ânimo
que a Zeus deram o trovão e forjaram o raio.
Eles no mais eram comparáveis aos Deuses,
único olho bem no meio repousava na fronte.
Ciclopes denominava-os o nome, porque neles*

*circular olho sozinho repousava na frente.
Vigor, violência e engenho possuíam na ação.
Outros ainda da Terra e do Céu nasceram,
três filhos enormes, violentos, não nomeáveis.
Cotos, Briareu e Giges, assombrosos filhos.
Deles, eram cem braços que saltavam dos ombros,
improximáveis; cabeças de cada um cinquenta
brotavam dos ombros, sobre os grossos membros.
Vigor sem limite, poderoso na enorme forma.
(Teogonia, 2006, p.109, vv.137-146)*

Se compararmos os filhos de Urano e Gaia no tocante a semelhanças, perceberemos que são estruturalmente diferentes, pois, se categorizarmos, teremos representantes deuses: Têmis, Memória, Zeus, Hades, entre outros, representantes monstros: Cotos, Briareu, Giges, Ciclopes, entre outros. Essa diversificação pode nos levar a pensar que, além de extremamente férteis, Urano e Gaia também são versáteis.

Apesar da fertilidade e da diversidade de seres que geravam, em nível de habitação dos deuses e de outros seres divinos, Urano não permitia o aumento de habitantes, pois seus descendentes eram ocultados em Gaia, gerando nela dores e, no plano político de manutenção da soberania, o início da perda do trono real, pois o comportamento cruel de Urano com seus filho e, conseqüentemente, com sua esposa, fez que esta urdisse um plano contra ele.

*Quantos da Terra e do Céu nasceram,
filhos os mais temíveis, detestava-os o pai
dês o começo: tão logo cada um deles nascia
a todos ocultava, à luz não os permitindo,
na cova da Terra. Alegrava-se na maligna obra
o Céu. Por dentro gemia a Terra prodigiosa
atulhada, e urdiu dolosa e maligna arte.
Rápida criou o gênero do grisalho aço,
forjou grande podão e indicou aos filhos.
Disse com ousadia, ofendida no coração:
“Filhos meus e do pai estólido, se quiserdes
ter-me fé, puniremos o maligno ultraje de vosso
pai, pois ele tramou antes obras indignas”.
Assim falou e a todos reteve o terror, ninguém
vozeou. (Teogonia, 2006, p.111, vv.154-168)*

A execução do plano de Gaia pelo filho Crono marca o início do fim da primeira soberania e o começo da soberania de Crono, herdeiro não só do trono do pai, mas também da maldade deste unida ao desapego aos filhos que gerará com Réia.

*Ousado o grande Crono de curvo pensar
devolveu logo as palavras à mãe cuidadosa:
“Mãe, isto eu prometo e cumprirei
a obra, porque nefando não me importa o nosso
pai, pois ele tramou antes obras indignas”.
Assim falou. Exultou nas entranhas Terra prodigiosa,
colocou-o oculto em tocaia, pôs-lhe nas mãos
a foice dentada e inculcou-lhe todo o ardil.*

*Veio com a noite o grande Céu, ao redor da Terra
desejando amor sobrepairou e estendeu-se
a tudo. Da tocaia o filho alcançou com a mão
esquerda, com a destra pegou a prodigiosa foice
longa e dentada. E do pai o pênis
ceifou com ímpeto e lançou-o a esmo
para trás. (Teogonia, 2006, p.111, vv.168-182)*

A descrição do ato do lançamento do pênis castrado de Urano, além de detalhada, mostra a fertilidade do deus e vislumbra um conjunto de imagens de cenas que parecem acontecer ao mesmo tempo em que a fertilidade da Terra se prontifica para receber de seu esposo tudo que é derramado sobre ela quando com tanta violência é cessado o coito. Assim, observando a sincronia do derramado por Urano e absorvido por Gaia, percebemos a fertilidade de ambos gerando novos seres.

*Mas nada inerte escapou da mão:
quantos salpicos respingaram sanguíneos
a todos recebeu-os a Terra; com o girar do ano
gerou as Erínias duras, os grandes Gigantes
rútilos nas armas, com longas lanças nas mãos,
e Ninfas chamadas Freixos sobre a terra infinita.
(Teogonia, 2006, p.111, vv.182-187)*

A força que Crono imprimiu no lançamento do pênis de Urano fê-lo para no mar, onde ficou boiando e derramando esperma capaz de gerar uma deusa, a Afrodite, gerada apenas pelo pai, nascida somente do pênis.

*O pênis, tão logo cortando-o com o aço
atirou do continente no undoso mar,
aí muito boiou na planície, ao redor branca
espuma da imortal carne ejaculava-se, dela
uma virgem criou-se. Primeiro Citera divina
atingiu, depois foi à circunfluída Chipre
e saiu veneranda bela Deusa, ao redor relva
crescia sob esbeltos pés. A ela. Afrodite
Deusa nascida de espuma e bem-coroadada Citeréia
apelidam homens e Deuses, porque da espuma
criou-se e Citeréia porque tocou Citera,
Cípria porque nasceu na undosa Chipre,
e Amor-do-pênis porque saiu do pênis à luz.
Eros acompanhou-a, Desejo seguiu-a belo,
tão logo nasceu e foi para a grei dos Deuses.
Esta honra tem dês o começo e na partilha
coube-lhe entre homens e Deuses imortais
as conversas de moças, os sorrisos, os enganos,
o doce gozo, o amor e a meiguice.
(Teogonia, 2006, p.113, vv.188-206)*

A brusca separação de Urano e Gaia e a castração sofrida por Urano despertaram neste deus desejo que os filhos, apelidados por ele de Titãs, fossem castigados pelo mal que fizeram ao pai.

O pai como o apelido de Titã apelidou-os:
o grande Céu vituperando filhos que gerou
dizia terem feito, na altiva estultícia,
grã obra de que castigo teriam no porvir.
(*Teogonia*, 2006, p.113, vv.207-210)

O deus Urano, pertencente à primeira fase da composição do universo cantado por Hesíodo, caracteriza-se pela força de fecundação que possui, pela função que a própria Terra o legou, cobri-la por completo e ser morada segura dos deuses imortais. Urano parece ter colocado no interior de Gaia as sementes de todas as origens que podem ter eclodido no momento em que se viram propícias a florescer. A soberania de Urano é coesa, vital e superabundante. (TORRANO, 2006).

3.1.1. 3 A soberania de Crono

A descrição que o narrador faz de Crono, nos versos 137 e 138 da *Teogonia* de Hesíodo transmite ao espectador uma dose de tensão, pois demonstra que algo mudará com a chegada desta nova personagem no contexto já existente. Então, quando Terra almeja findar seu sofrimento de não poder dar à luz a seus filhos, desvencilhando-se de Céu, que odiava sua prole, o filho que cede à persuasão da mãe é justamente Cronos.

(...) E destes, quando algum primeiramente nascia,
a todos ele escondia no recesso da Terra[Gaia] e não deixava
que à luz <viesses>; e como o ato malévolos se regozijava
Úrano. Mas a vasta Terra[Gaia] gemia por dentro, oprimida;
e congeminou um artifício malévolos e engenhoso.
Tendo feito de imediato um elemento de cínzeo adamantos,
fabricou uma enorme foices e falou a seus filhos.
Disse ela encorajando-os, aflita no seu coração:
-Filhos meus e de pai presunçoso, <pensai> se quereis
obedecer-me. Castiguemos o ultraje do vosso
pai. Pois foi ele o primeiro a pensar atos degradantes.
Assim falou. Porém o medo dominou-os a todos e nenhum deles
falou. Mas, tomando coragem, o grande Cronos de retorcidos conselhos
de imediato respondeu com palavras à mãe amada:
<<Mãe, eu tratarei de levar ao fim esta
tarefa, visto que não respeito o nosso pai de mau nome
Pois foi ele o primeiro a pensar atos degradantes.>>
(HESÍODO, 2020, *Teogonia*, v. 147-172).

Finda, assim, a soberania do Céu sobre a Terra e seus filhos e começa a soberania de Crono, advinda de um plano orquestrado pela mãe contra o pai, a castração.

No seu espírito muito se alegrou a vasta Gaia.
 Pegou nele e escondeu-o numa emboscada; e pôs-lhe nas mãos
 uma foice dentada e pôs diante dele todo engano.
 E veio o grande Úrano trazendo a noite, desejoso de com Gaia
 se unir em amor; e estendeu-se sobre toda ela.
 Mas o filho, lá da emboscada, esticou a mão esquerda;
 e com a mão direita pegou na foice comprida,
 grande e dentada, e de seu pai os órgãos genitais
 depressa cortou; e de seguida os atirou para serem levados
 para trás. (HESÍODO, 2020, *Teogonia*, .v. 173-181).

Consequentemente, a nova soberania veio manchada pelo sangue, que gerou as Erínias, os enormes Gigantes e as Mélias, e pelo esperma, que jogado ao mar, gerou Afrodite.

E não foi em vão que os órgãos lhe caíram da mão.
 Tantas quantas as gotas sangrentas que irromperam,
 a todos recebeu a Terra[Gaia]. Volvidas as estações,
 pariu as poderosas Erínias e os enormes Gigantes
 luzentes nas suas armaduras, com lanças compridas nas mãos;
 e <pariu> as Ninfas que se chamam Mélias sobre a ampla terra.
 E assim que cortou os órgãos genitais com a damanto,
 atirou-os da terra firme para o mar de muitas ondas;
 e foram levados sobre o mar durante muito tempo; e um branca
 espuma espalhou-se da carne imortal; e nela uma donzela
 foi criada. (...).
 Afrodite[deusa nascida da espuma e Citereia da bela coroa]
 lhe chamam os deuses os deuses e os homens, porque na espuma
 foi criada. (HESÍODO, 2020, *Teogonia*, v. 182-198).

Após ser destronado Céu, muitas linhagens foram formadas e vários acontecimentos permearam o universo cantado por Hesíodo, tanto que somente no verso 453 é que voltaremos a ter notícias de Crono. Assim, em Torrano (2006), temos conhecimento da prole de Crono e Réia. É interessante notar que a mãe dos filhos de Crono, Réia, não se une a ele em amor, como vários enlances amorosos são cantados na *Teogonia* hesiódica, ela foi submetida a ele. Essa informação desperta no espectador curiosidades sobre a relação existente entre esses dois seres, pois difere das apresentadas até então, e mostra que Crono não mudou sua característica de conquistar pela força, destoando da ordem estabelecida pelos outros seres de se envolverem uns com os outros por amor, sedução ou mesmo mero desejo, mas não por submissão constante, pois pela quantidade de filhos que tiveram, percebemos que ela passou muito tempo sob o domínio de Crono.

Réia submetida a Crono pariu brilhantes filhos:
 Héstita, Deméter e Hera de áureas sandálias,
 o forte Hades que sob o chão habita um palácio

com impetuoso coração, o troante Treme-terra
e o sábio Zeus, pai dos Deuses e dos homens,
sob cujo trovão até a ampla terra se abala.
(HESÍODO, 2006, v. 443-458).

Crono, possivelmente, por receio de perder a soberania, haja vista saber da profecia dos Uranidas, assumiu uma postura análoga a do pai Urano, pois, para garantir que não seria destronado por seus filhos, engolia-os, impedindo também que eles vissem a luz e que Réia repetisse o plano orquestrado por Terra, o qual ele mesmo executou.

E engolia-os o grande Crono tão logo cada um
do ventre sagrado da mãe descia aos joelhos,
tramando-o para que os outros dos magníficos Uranidas
não tivesse entre os imortais a honra de rei.
Pois soube da Terra e do Céu constelado
que lhe era destino por um filho ser submetido
apesar de ser poderoso, por desígnio do grande Zeus.
E não mantinha vigilância de cego, mas à espreita
engolia os filhos. (HESÍODO, 2006, *Teogonia*, v. 459-467).

3.2 O nascimento de Zeus

O comportamento de Crono no tocante ao nascimento dos filhos desagradava por demais Réia que fez suas súplicas aos pais, pedindo que eles ajudassem-na com o nascimento do filho que ela esperava, Zeus, e que Crono fosse punido pelas Erínias por este ter engolido seus filhos. Réia teve suas petições ouvidas e, mais uma vez, por meio de ardis, um Uranida teve seu trono ameaçado e depois usurpado, por um filho também, porém, este mais afeito à inteligência do que à violência, mais conquistador de poder, pois logo aprendeu reforçar seu trono com a sabedoria.

Réia agarrou-a longa aflição.
Mas quando a Zeus pai dos Deuses e dos homens
ela devia parir, suplicou-lhe então aos páis queridos,
aos seus, à Terra e ao Céu constelado,
comporem um ardil para que oculta parisse
o filho, e fosse punido pelas Erínias do pai
e filhos engolidos o grande Crono de curvo pensar.
Eles escutaram e atenderam à filha querida
e indicaram quanto era destino ocorrer
ao rei Crono e ao filho de violento ânimo.
(HESÍODO, 2006, *Teogonia*, p. 127, v. 467-476).

3.2.1 Zeus e suas lutas pela sobrevivência

Vimos que o filho pelo qual esperava Réia quando pediu ajuda a seus pais era Zeus. Sabemos também que este, para sobreviver à gula de Crono, foi salvo por um ardil realizado

por Gaia, Urano e Réia. Então, podemos observar que a primeira luta de Zeus, travada pelos seus parentes, foi pela sobrevivência dele, após o nascimento, quando ainda era um bebê recém-nascido, sendo salvo do negro infortúnio de ser engolido pelo pai.

Enviaram-na a Licto, gorda região de Creta,
quando ela deveria parir o filho de ótimas armas,
o grande Zeus, e recebeu-o Terra prodigiosa
na vasta Creta para nutri-lo e criá-lo.
Aí levando-o através da veloz noite negra atingiu
primeiro Licto, e com ele nas mãos escondeu-o
em gruta íngreme sob o covil da terra divina
no monte das Cabras denso de árvores.
Encueirou grande pedra e entregou-a
ao soberano Uranida rei dos antigos Deuses.
Tomando-a nas mãos meteu-a ventre abaixo
o coitado, nem pensou nas entranhas que deixava
em vez da pedra o seu filho invicto e seguro
ao porvir.
(HESÍODO, 2006, *Teogonia*, p. 127-127, v.v 477-489).

3.2.2 A infância de Zeus

De acordo com Junito Brandão (1986), Zeus foi entregue, logo na primeira infância, a demônios, Curetes, e a uma ninfa ou cabra horrenda, que o amamentou e, depois de morta, continuou protegendo Zeus com sua pele, a qual é mais conhecida como égide. Os demônios e a cabra cuidaram do pequeno deus e o protegeram do terrível Crono.

Os curetes eram, em síntese, demônios do cortejo de Zeus. Para que os gritos do deus infante não revelassem sua existência e presença a Crono, a ninfa Amaltéia solicitou-lhes que dançassem em torno do menino, entrecrocando suas lanças e escudos de bronze.

Amaltéia, nos mitos mais antigos, é a cabra miraculosa que aleitou Zeus. Outros consideram-na como uma Ninfa, que, para esconder o menino de Crono, o suspendera a uma árvore, para que o pai não o encontrasse, nem no céu, nem na terra, nem no mar. De qualquer forma, Ninfa ou cabra, Amaltéia era de aspecto tão medonho, que os Titãs, temendo-a, pediram a Géia que a escondesse numa caverna de Creta.

Égide, em grego (aiguís, -ídos), furacão, tempestade, "pele de cabra", escudo coberto com uma pele de cabra e particularmente o escudo de Zeus, coberto com o couro da *cabra Amaltéia*, que lhe servia de arma ofensiva e defensiva. Com esse escudo, ericado de pêlos como um tosão, guarnecido de franjas, debruado de serpentes e com a cabeça da Górgona no meio, Zeus espalha o terror, agitando-o nas trevas, no fulgor dos relâmpagos e no ribombar dos trovões. Etimologicamente, no entanto (aiguís), *égide*, nada tem a ver com (aíks, aigós), cabra. A aproximação é meramente fantasiosa e mítica.(BRANDÃO, 1986, p. 332).

Pelo exposto, vemos que Zeus foi criado em meio a seres medonhos, fortes e fiéis aos compromissos firmados, pois, a pedido dos avós do deus infante, tanto os demônios quanto a cabra Amaltéia esforçaram-se para cuidar e proteger, conseqüentemente, o Zeus aprendeu a astúcia para enganar os inimigos, a lutar, pois os demônios faziam isso o tempo todo, e a se

proteger, pois Amaltéia, sua mãe de leite, o protegia acima de tudo e de todos e com ela o futuro pai dos deuses e dos homens aprendeu a ser grato, pois quando a cabra Amaltéia morreu, ele a colocou no número das constelações (BRANDÃO, 1986).

3.3 A reorganização do universo por Zeus

Quando se tornou- adulto, Zeus iniciou sua batalha contra seu pai Crono e seus tios, os Titãs. Para vencê-los, o Cronida precisava de aliados, então, aconselhado pela Métis, a Prudência, ofereceu a Crono uma porção maravilhosa que o fez vomitar a prole que havia engolido. Hesíodo canta essa desventura de Crono, primeira vitória de Zeus em muitas batalhas vindouras, nos seguintes versos da *Teogonia*.

Rápido vigor e os brilhantes membros
do príncipe cresciam. E com o girar do ano,
enganado por repetidas instigações da Terra,
soltou a prole o grande Crono de curvo pensar,
vencido pelas artes e violência do filho.
(HESÍODO, 1996, *Teogonia*, v. 492-496).

3.3.1 Os grandes combates de Zeus

De acordo com Brandão (1986), a luta de Zeus e dos outros Deuses imortais contra Crono e os Titãs teve duração de dez anos e vários aliados, mesmo que momentaneamente, participaram, ao lado de Zeus, como: Briareu, Coto e Giges, que devido ao ódio e pavor de seu pai, Urano, por causa da bravura, do aspecto e do tamanho deles, permaneceram presos sob a terra, onde viviam angustiados e magoados.

Tão logo o pai lhes teve ódio no ânimo
prende em poderosa prisão Briareu, Cote e Giges
admirado da bem-aventurada bravura,
aspecto e tamanho, e meteu-os sob a terra de amplas vias.
Aí, doloridos sob a terra habitando
Jaziam nos confins e fronteiras da grande terra
Com longas angústias e grande mágoa no coração.
(HESÍODO, 1996, *Teogonia*, p. 135 v. 620).

Pelos versos supracitados, percebemos que os filhos de Gaia e Urano, Briareu, Cote e Giges, possuem sentimentos semelhantes às emoções humanas, como mágoa e angústia. E essas dores de seus filhos comoveram a Terra a ponto de ela vir a convencer o Cronida e os outros Deuses imortais que seus infelizes filhos eram excelentes armas de combate contra os Titãs.

Mas o Cronida e os outros Deuses imortais
 que Réia de belos cabelos pariu amada por Crono
 restituíram-nos à luz por conselhos da Terra.
 Ela lhes revelou clara e plenamente:
 teriam com eles vitória e renome esplêndido.
 Há muito combatiam com dolorosas fadigas
 uns contra outros em violentas batalhas
 os Deuses Titãs e quantos nasceram de Crono:
 uns no alto Ótris – Os Titãs magníficos, -
 outros no Olimpo – os Deuses doadores de bens
 que Réia de belos cabelos pariu amada por Crono.
 (HESÍODO, 1996, *Teogonia*, v. 625-632).

Até este momento de nosso estudo, observamos que esses seres de imenso tamanho são apresentados como portadores de força descomunal e sentimentos ruins que aliados à força deles os transformam em invencíveis combatentes. Não percebemos, na narrativa, traços de beleza ou de inteligência para articular planos que os livrassem da condição de prisioneiros. Zeus, possivelmente, percebeu a fragilidade desses grandes seres no quesito habilidade de agregar à força estratégia para vencer a adversidade. Por isso, foi além da liberdade almejada pela Terra aos seus filhos e deu-lhes mais para, assim, obter uma incondicional gratidão. Dessa forma, além de ganharem o direito de ver a luz, os filhos de Gaia e Urano, Briareu, Cote e Giges, também foram seduzidos pelo néctar e a ambrosia e, logicamente, pelo persuasivo discurso de Zeus que deles exigia, no mínimo, lealdade pelos desígnios dele e dos outros Deuses imortais de livrá-los das nevoentas trevas.

Após sorverem o néctar e a amável ambrosia
 Disse-lhes o pai dos homens e dos Deuses:
 “Ouvi-me, filhos magníficos da Terra e do Céu ,
 que eu diga o que no peito o ânimo me ordena :
 já há muitos anos, uns contra os outros,
 todo dia combatemos pela vitória e poder
 os Deuses Titãs e quantos nascemos de Crono.
 Vós com grande violência e braços intocáveis
 surgi contra os Titãs na lúgubre batalha,
 lembrai a doce lealdade e quanto sofrestes
 na prisão cruel antes de voltar à luz
 por nossos desígnios, de sob a treva nevoenta.”
 (HESÍODO, 1996, *Teogonia*, p. 135 v. 645).

O discurso de Zeus sortiu o efeito desejado, e as criaturas descomunalmente grandes agora estavam não somente agradecidas, mas dispostas a servir Zeus e os outros Deuses imortais como bem lhes aprouvessem.

Assim falou. Respondeu o irrepreensível Coto:
 “ Ó portento, não o não sabido revelas: nós
 sabemos que tens supremo cor e supremo espírito,
 e repeliste dos imortais o mal horrendo;
 por tua sabedoria, de sob a treva nevoenta
 das prisões sem-mel, nós já sem esperanças
 de volta viemos, ó rei filho de Crono.

Agora com rijo espírito e prudente vontade
 Combatendo os Titãs na violenta batalha.”
 (HESÍODO, 1996, *Teogonia*, p. 135 v. 655).

A obediência, a gratidão e a vontade de guerrear de Briareu, Coto e Giges eram os elementos que faltavam para que Zeus e os outros Deuses imortais vencessem a guerra contra Crono e os Titãs, unindo-se a outros seres que também queriam lutar ao lado de Zeus.

Assim falou. Aprovaram os Deuses doadores de bens
 a palavra ouvida. Ávido de guerra o ânimo
 ainda mais, e despertaram o triste combate
 todos – Deuses e Deusas - naquele dia:
 os Deuses Titãs, quantos nasceram de Crono,
 os que Zeus do Érebo sob a terra lançou à luz,
 terríveis, poderosos, com bem-armada violência.
 Deles eram cem braços que saltavam dos ombros
 de cada um, cabeças de cada um cinquenta
 brotavam dos ombros sobre grossos membros.
 Eles impuseram aos Titãs lúgubre batalha
 agarrando íngremes pedras com os grossos braços.
 (HESÍODO, 1996, *Teogonia*, p. 137-141 v. 655-676).

A descrição do combate mostra o quanto a batalha foi violenta e árdua e como o universo com os seus seres físicos ou metafísicos foi brutalmente atingido por essa batalha que não limitou espaço e ocorreu do Céu ao Tártaro, fazendo terra e mar sofrerem de dores e temores.

Os Titãs defronte fortificavam as fileiras
 com ardor. Ambos os lados mostravam obras
 braçais violentas. Terrível mugia o mar infinito,
 retumbava forte a terra, o vasto céu gemia
 sacudido, no solo estremecia o alto Olimpo
 sob golpe dos imortais, o abalo pesado atingia
 o Tártaro nevoento, e o surdo estrondo de pés
 de indizíveis assaltos e ataques brutais.
 E uns contra outros lançavam dardos gemidosos,
 vinda de ambos atinge o céu estrelado
 a voz exortante, e batiam-se com grande grito.
 (HESÍODO, 1996, *Teogonia*, p. 137-141 v. 677-687).

Assim, depois de imensa e laboriosa resistência aos ataques de Zeus com os seus raios e trovões, os Titãs são abatidos pelas pedras lançadas pelos fortes braços de Coto, Briareu e Giges. Dessa forma, dentro da nova organização do universo, os Titãs vão habitar as prisões do nevoento Tártaro.

Na frente despertaram áspero combate
 Coto, Briareu e Giges insaciável de guerra.
 Trezentas pedras dos grossos braços
 lançavam seguidas e cobriram de golpes
 os Titãs. E sob a terra de amplas vias
 lançaram-nos e prenderam em prisões dolorosas
 vencidos pelos braços apesar de soberbos,
 tão longe sob a terra quanto é da terra o céu,

pois tanto o é da terra o Tártaro nevoento.
(HESÍODO, 1996, *Teogonia*, p. 137-141 v. 713 -720).

Deste modo, Zeus e os deuses imortais ganham a batalha contra Trono e os Titãs. Os Titãs, vencidos, são expulsos do Céu e lançados no Tártaro. Os Ciclopes, agradecidos por terem sido libertos do horrendo Tártaro, fazem as seguintes oferendas aos deuses.

Agradecidos, os Ciclopes deram a Zeus o raio e o trovão; a Hades ofereceram um capacete mágico, que tornava invisível a quem o usasse e a Posídon presentearam-no com o tridente, capaz de abalar a terra e o mar.
(BRANDÃO, 1986, p. 334).

Vencida a guerra contra Crono e os Titãs, houve uma nova reorganização do universo sob a soberania de Zeus e, por sorteio, houve a seguinte divisão entre os deuses, agora, olímpianos.

Zeus obteve o Céu; Posídon, o mar; Hades Plutão, o mundo subterrâneo ou Hades, ficando, porém, Zeus com a supremacia no Universo.
(BRANDÃO, 1986, p. 334).

Zeus consegue ser o soberano Deus dos Deuses, mas não significa que deixou de ter inimigos, os quais se rebelaram contra os desígnios do Cronida por vários motivos entre eles, o descontentamento de Gaia com o desfecho da titanomaquia.

Vimos que Gaia e Urano, pais de Réia, foram os responsáveis pelo ardil que impediu que Zeus fosse devorado pelo pai, Crono, como foi o destino de seus irmãos mais velhos. Gaia também ofereceu seus filhos de colossal porte para serem armas de combate no episódio da titanomaquia. Mas irritou-se profundamente com os Olímpianos quando estes deram como futuro aos seus filhos Titãs a morada no inóspito Tártaro. Assim, para se vingar de Zeus e dos outros Deuses imortais, Gaia deu início à Gigantomaquia, ou seja, a luta dos gigantes.

Os gigantes foram gerados dos salpicos sanguíneos do pênis de Urano, de acordo com a *Teogonia*, de Hesíodo (2020), verso 185. Tinham a seguinte aparência:

Eram seres imensos, prodigiosamente fortes, de espessa cabeleira e barba hirsuta, o corpo horrendo, cujas pernas tinham a forma de serpente.

Podem ter participado da Gigantomaquia um grande número de gigantes, todavia só encontramos registro de treze, os quais eram Alcioneu, Porfírio, Efilates, Éurito, Clício, Mimas, Eucélado, Palas, Polibotes, Hipólito, Grátion, Ágrio e Toas. Os gigantes, mesmo sendo de origem divina, podiam ser mortos, mas, para que isso acontecesse, eram necessários os seguintes procedimentos:

Os Gigantes são mortais, quer dizer, podem ser mortos, desde que sejam atacados simultaneamente por um deus e por um mortal. Existia, além do mais, uma erva mágica, produzida por Geia, que podia curá-los de golpes mortais. Zeus, todavia, proibiu a Hélio, Selene e Eos de brilharem, a fim de que ninguém encontrasse a planta antes que ele próprio dela se apoderasse. (BRANDÃO, 1986, p. 211).

Assim, com a ajuda dos mortais, a batalha contra os Gigantes ocorreu da seguinte forma:

Alcioneu foi morto por Hércules, auxiliado por Atena, que aconselhou o herói a arrastá-lo para longe de Palene, sua cidade natal, porque, porque, cada vez que o gigante caía, recobrava as forças, por tocar a terra, de onde havia saído. *Porfírio* atacou a Hércules e Hera, mas Zeus inspirou-lhe um desejo ardente por esta e enquanto o monstro tentava arrancar-lhe as vestes, Zeus o fulminou com um raio e Hércules acabou com ele a flechadas. *Efialtes* foi morto por uma fecha de Apolo no olho esquerdo e por uma de Hércules no olho direito. *Éurito* foi eliminado por Dioniso, com um golpe de tirso. Hécate acabou com *Clício* a golpes de tocha; *Mimas* foi liquidado por Hefesto, com ferro em brasa. *Encélado* fugiu, mas Atena jogou em cima dele a ilha de Sicília; a mesma Atena escorchou a *Palas* e se serviu da pele do mesmo, como uma couraça, até o fim da luta. *Polibotes* foi perseguido por Posídon através das ondas do mar até a ilha de Cós. O deus, enfurecido, quebrou um pedaço da Ilha de Nisiro e lançou-o sobre o Gigante, esmagando-o. Hermes, usando o capacete de Hades, que o tornava invisível, matou *Hipólito*, enquanto Ártemis liquidava *Grátion*. As Moiras mataram *Ágrio* e *Toas*. Zeus, com seus raios, fulminou os restantes e Hércules acabou de liquidá-los a flechadas. (BRANDÃO, 1986, p. 211-212).

E Zeus e os outros deuses imortais venceram mais uma guerra, mas isso não significa que outros seres não se rebelaram contra os desígnios de Zeus e amotinando-se realizaram novos planos de vingança contra o Cronida e os outros Deuses imortais. Um exemplo disso é o parto ou a expulsão de Tifeu de dentro da Terra que só foi possível por causa da ajuda de Tártaro e Afrodite.

Ele tem braços dispostos a ações violentas
e infatigáveis pés de Deus poderoso. Dos ombros
cem cabeças de serpente, de víbora terrível,
expeliam línguas trevosas. Dos olhos
sob cílios nas cabeças divinas faiscava fogo
e das cabeças todas fogo queimava no olhar.
Vozes havia em todas as terríveis cabeças
a lançar vários som nefasto:
ora falavam como para Deuses entender, ora como
touro mugindo de indômito furor e possante voz,
ora como leão de ânimo impudente,
ora símil a cadelas, prodígio de ouvir-se,
ora assobiava a ecoar sob alta montanhas.
(HESÍODO, 1996, *Teogonia*, v. 820-834).

Com Tifeu, os Deuses imortais combateram violentamente e só não perderam a batalha porque Zeus interviu com suas armas: trovão, relâmpago e raio.

Zeus encrista seu furor, agarra as armas,
o trovão, o relâmpago e o raio flamejante,
e fere-o saltando do Olimpo. Fulmina em torno
todas as cabeças divinas do terrível prodígio.

E ao dominá-lo açoitando com os golpes
Mutila e abate-o, e geme a terra prodigiosa.
(HESÍODO, 1996, *Teogonia*, v. 853-859).

Pelo exposto, Gaia conseguiu tirar de dentro de si seres grandes e pesados, uns com o intuito de ajudar Zeus contra Crono e os Titãs, outros para se vingar de Zeus por causa do funesto destino que reservou a seus filhos. Os seres gigantescos, apesar da força, foram destruídos pela astúcia e pelas estratégias dos Deuses imortais chefiados por Zeus, poderoso estrategista que conseguiu manter no Tártaro tanto os seres grandes, os quais se dispuseram a lutar a seu lado, quanto os que se opuseram a subterrem-se aos Deuses imortais.

3.4 Zeus e a raça humana

Os Titãs inimigos de Zeus e dos outros Deuses imortais são os filhos de Jápeto e Climene: Atlas, Menécio, Prometeu e Epimeteu, todos castigados por Zeus por desobediência aos desígnios deste e dos Deuses imortais. Dentre os filhos de Jápeto, dois nos interessam mais neste estudo: Prometeu e Epimeteu. Mas registremos também os castigos de Menécio e Atlas.

Ao soberbo Menécio, Zeus longividente
lançou-o Érebo abaixo golpeando com fúmeo raio
por sua estultícia e bravura bem-armada.
Atlas sustém o amplo céu sob cruel coerção
nos confins da Terra ante as Hespérides cantoras,
de pé, com a cabeça e infatigáveis braços:
este destino o sábio Zeus atribuiu-lhe.
(HESÍODO, 1996, *Teogonia*, v. 510-519)

Prometeu é o titã responsável por plasmar o homem da terra que há pouco tempo havia sido separada do Céu, podendo ainda haver sementes celestiais ainda nesta terra que também é divina.

Prometeu tomou um pouco dessa terra e, misturando-a com água, fez o homem à semelhança dos deuses. Deu-lhe o porte ereto, de maneira que, enquanto os outros animais têm o rosto voltado para baixo, olhando a terra, o homem levanta a cabeça para o céu e olha as estrelas. (BULFINCH, 2018, p. 20).

Prometeu e Epimeteu, sendo os responsáveis pela raça humana, deveriam assegurar que esta conseguisse sobreviver bem na natureza, mas Epimeteu, encarregado de distribuir os itens necessários para a segurança e sobrevivência dos seres vivos, esqueceu de reservar ao homem algo que o garantisse diante de alguma intemperes. O esquecimento ou descuido de Epimeteu fez com que Prometeu articulasse um plano, com a ajuda de Atena, para ajudar os homens. Ele ofertou ao homem, mortal, o que pertencia aos Deuses imortais. Então, o fogo tornou-se para o homem, pela forma que lhe foi ofertado, e por quem lhe dera, um motivador de discórdia entre

Zeus e a raça humana, principalmente porque Prometeu muito desafiava a tolerância de Zeus, por meio de ardis que irritavam grandemente o Cronida. Assim, quando intentou uma nova trapaça, deixou Zeus furioso e este negou ao homem o fogo divino.

(Prometeu) Quando se discerniam Deuses e homens mortais
em Mecona, com ânimo atento dividindo ofertou
grande boi, a trapacear o espírito de Zeus:
aqui pôs carnes e gordas vísceras com a banha
sobre a pele e cobriu-as com o ventre do boi,
ali os alvos ossos do boi com dolosa arte
dispôs e cobriu-os com a brilhante banha.
Disse-lhe o pai dos homens e dos Deuses:
“Filho de Jápeto, insigne dentre todos os reis,
ó doce, dividiste as partes zeloso de um só!”
Assim falou a zombar Zeus de imperecíveis desígnios.
E disse-lhe Prometeu de curvo pensar
sorrindo leve, não esqueceu a dolosa arte:
“Zeus, o de maior glória e poder dos Deuses perenes,
toma qual dos dois nas entranhas te exorta o ânimo”.
Falou por astúcia. Zeus de imperecíveis desígnios
soube, não ignorou a astúcia: nas entranhas previu
males que aos homens mortais deviam cumprir-se.
Com as duas mãos ergueu a alva gordura,
raivou nas entranhas, o rancor veio a seu ânimo,
quando viu alvos ossos do boi sob dolosa arte.
Por isso aos mortais sobre a terra a grei humana
queima os alvos ossos em altares turiais.
E colérico disse-lhe Zeus agrega-nuvens:
“Filho de Jápeto, o mais hábil em seus desígnios,
ó doce, ainda não esqueceste a dolosa arte!”
Assim falou irado Zeus de imperecíveis desígnios,
depois sempre desse ardil lembrado
negou nos freixos a força do fogo infatigável
aos homens mortais que sobre a terra habitam.
(HESÍODO, 1996, *Teogonia*, v. 535-564).

Devido a esse ardil de Prometeu, que tinha também o intuito de esconder de Zeus que o fogo infatigável já estava na oca dos homens, e à insolência deste em não se curvar aos desígnios de Zeus, esse titã foi castigado e talvez não tenha sido morto porque sabe de um segredo que Zeus quer que lhe seja revelado, ou porque queria honrar Hércules com a vitória sobre a ave devoradora do fígado de Prometeu e, assim, também irritar Hera, perseguidora de Hércules.

Este mito de Prometeu, iniciado na *Teogonia* de Hesíodo, inspirou a tragédia grega de Ésquilo *Prometeu Cadeteiro*. Buscaremos nesta obra elementos que descrevam Prometeu ou pelo menos nos ofereçam indícios do tamanho e da força deste titã, o qual aparece já diferenciados dos outros seres de grande porte por apresentar-se munido de ardis que, se não enganavam Zeus, irritavam-no bastante. Destarte, já percebemos no prólogo dessa tragédia a iniquidade e a punição de Prometeu.

Chegamos a longínquos e limítrofe chão
 da terra sendeiro cita, imortal solidão.
 Hefesto, incumbe-te de cuidar da missão
 Que o Pai de impôs: nestas pedras
 Precipites, dominar este facínora,
 com infrágeis peias de cadeias de aço.
 Teu adorno, brilho de artificioso fogo,
 ele furtou e outorgou aos mortais. Por
 um erro tal, ele deve pagar aos Deuses,
 para aprender a anuir à tirania de Zeus
 e a abster-se de ser amigo de humanos.
 (ÉSQUILO, *Prometeu Cadeeiro*, v. 1-10).

Prometeu era uma espécie de titã que tinha como característica principal conhecer os acontecimentos futuros e, tomado pelo desejo de ajudar a raça humana, que parecia desgraçada por não lhe ter sobrado, durante a divisão dos talentos, algo que a protegesse das intempéries, e, assim, possivelmente, logo ela padeceria na primeira tragédia natural. Sofreu por longos anos o castigo por apiedar-se dos homens, mesmo sabendo o que lhe aconteceria quando Zeus descobrisse a desobediência e audácia desse titã de rouba dos desuses aquilo que só a eles era reservado para oferecer aos perecíveis mortais.

Ó divino Fulgor e velozes alados ventos
 e fontes de rios e inúmero brilho
 de ondas marinhas e Terra mãe de todos,
 e invoco o onividente círculo do Sol.
 Vede-me que dos Deuses padeço Deus.
 Contemplai que afrontas
 dilacerado sofrerei
 durante miríade de anos.
 O novo chefe dos Venturosos inventou
 tal cadeia para mim aviltosa.
 Pheû pheû, a presente e a vindoura
 Dor lamento! Como deve, afinal,
 dar-se o termo deste tormento?
 Mas que digo? Bem sei de antemão
 todo o futuro, nenhuma dor para mim
 imprevista virá. A parte cabida se deve
 suportar o mais bem, sabendo-se que
 a força da Necessidade é inelutável.
 Mas nem posso calar nem não calar
 esta sorte: dei privilégio aos mortais.
 Peno punições por tais errâncias
 sob o céu pregado com cadeias.
 (ÉSQUILO, *Prometeu Cadeeiro*, v. 88-113).

Como já informamos, Hércules libertou Prometeu do suplício de ter uma águia comendo-lhe o fígado roído e renascido constantemente. Mas a lembrança do castigo perduraria por muitos anos, em forma de um anel que continha um pedaço do Cáucaso.

3.5 Pandora

Instituído o castigo de Prometeu, Zeus logo tratou de punir os homens, com um presente inusitado, que possivelmente fez Prometeu pensar muito no seria, pois Zeus tratou o presente como um enigma e pela forma que falou ao Titã ardiloso, parecia que o plano já estava arquitetado.

Filho de Jápeto, sobre todos hábil em tuas tramas,
apraz-te furtar o fogo fraudando-me as entranhas;
grande praga para ti e para os homens vindouros!
Para esse em lugar do fogo eu darei um mal e
todos se alegrarão no ânimo, mimando muito este mal”.
(HESÍODO, *Os trabalhos e os dias*, v. 54-58).

Pelo exposto, vimos que Zeus pensou como seria o castigo para os homens vindouros, então, possivelmente, não os que conviviam com os deuses em Mecona, logo a narração nos confere dois suspenses: qual é o presente que Zeus enviará e qual raça de homens receberá? A primeira questão é respondida com um presente, possivelmente inimaginável, uma mulher, confeccionada de argila e água, mas adornada com o melhor do pior daquilo que os outros deuses pudessem oferecer aos homens come-pão.

Disse assim e gargalhou o pai dos homens e dos deuses;
ordenou então ao ínclito Hefesto muito velozmente
terra à água misturar e aí pôr humana voz e
força, e assemelhar de rosto às deusas imortais
esta bela e deleitável forma de virgem; e a Atena
ensinar os trabalhos, o polidedáleo tecido tecer;
e à áurea Afrodite à volta da cabeça verter graça,
terrível desejo e preocupações devoradoras de membros.
Aí pôr espírito de cão e dissimulada conduta
determinou ele a Hermes Mensageiro Argifonte.
Assim disse e obedeceram a Zeus Cronida Rei.
Rápido o ínclito Coxo da terra plasmou-a
conforme recatada virgem, por desígnio do Cronida;
Atena, deusa de glaucos olhos, cingiu-a e adornou-a;
deusas Graças e soberana Persuasão em volta
do pescoço puseram colares de ouro e a cabeça,
com flores vernais, coroaram as bem comadas Horas
e Palas Atena ajustou-lhe ao corpo o adorno todo.
(HESÍODO, *Os trabalhos e os dias*, v. 59-76).

Epimeteu não pensou no que lhe dissera Prometeu: que nunca aceitasse um dom da parte de Zeus Olímpio, mas que deveria mandá-lo para trás, para que não se tornasse o dom um mal para os mortais. É certo que Epimeteu era bastante distraído, pouco atento às instruções de Prometeu, mas temos que observar também que Zeus foi por demais astuto ao enviar como presente uma mulher.

E quando terminou o íngreme invencível ardil,
 A Epimeteu o pai enviou o ínclito Argifonte
 Veloz mensageiro dos deuses, o dom levando; Epimeteu.
 (HESÍODO, *Os trabalhos e os dias*, v. 82-85).

Destarte, podemos observar que Zeus sabia utilizar-se muito bem da Astúcia, primeira esposa que ele engoliu e absorveu o seu dom. o episódio seguinte, também mostra que Zeus sabia esperar o momento exato para se vingar, pois, como vimos, o castigo não foi dado aos que com os deuses conviviam, mas a um pequeno grupo de humanos que vivia feliz sobre a terra, longe dos males vindouros.

Antes vivia sobre a terra a grei dos humanos
 A recato dos males, dos difíceis trabalhos,
 Das terríveis doenças que ao homem põem fim;
 Mas a mulher, grande tampa do jarro alçando,
 Dispersou-os e para os homens tramou tristes pesares.
 (HESÍODO, *Os trabalhos e os dias*, v. 90-95).

Pandora recebeu um jarro com os vários males reservados à humanidade e isso mudou toda organização anterior a sua chegada, pois os homens agora não se tornaram apenas mortal, mas também suscetíveis às doenças e, possivelmente, catástrofes inimagináveis para essa grei no espaço em que vivia, logo, o castigo de Zeus parece ser perpétuo ou pelo menos companheiro da agora frágil raça humana.

Mas outros mil pesares erram entre os homens;
 Plena de males, a terra, pleno, o mar;
 Doenças aos homens, de dia e de noite,
 Vão e vêm, espontâneas, levando males aos mortais,
 Em silencio, pois o tramante Zeus a voz lhes tirou.
 (HESÍODO, *Os trabalhos e os dias*, v. 100-104).

O cenário e o futuro da raça humana pareciam insuportavelmente hostis para ela. Provavelmente, Zeus já sabia que o homem não suportaria tantos males sem um alento, assim, podemos pensar que para defender a humanidade da sensação de impotência perante as adversidades, Zeus não permitiu que se evadisse do jarro a expectativa, sentimento muitas vezes contraditório, que pode levar uma pessoa ao medo do futuro ou vontade de mudar a realidade em que está inserida.

Sozinha, ali, a Expectação em indestrutível morada
 Abaixo das bordas restou e para fora não
 voou, pois antes repôs ela a tampa no jarro,
 Por desígnios de Zeus porta-égide, o agrega-nuvens.
 (HESÍODO, *Os trabalhos e os dias*, v. 96-99).

3.5.1 Breve comentário sobre Pandora

Pandora é uma personagem verdadeiramente interessante, pois é possível que ela tenha bem pouco protagonismo em sua história, pois sendo criada e moldada pelos deuses, temos dificuldade de entender o que ela realmente pensou fazer e fez. Foi constituída já adulta, com uma personalidade um tanto duvidosa, visto que já veio com o dom de enganar. Por ter sido adornada com itens que destacavam sua beleza, possivelmente tornou-se afeita a riquezas e luxos, mas tudo isso já estava a ela arraigado.

Não podemos afirmar que foi ela quem decidiu abrir o jarro contendo os males à humanidade, pois a curiosidade não está presente nos itens dos dons ofertados à Pandora. Destarte, se abriu por iniciativa própria, mesmo assim, não poderíamos afirmar que seria uma culpa exclusiva dela, pois, como já dissemos, já veio fabricada com uma personalidade um tanto torpe. Se agiu por iniciativa de Zeus, é mero elemento da vingança, que, possivelmente, até o próprio Cronida achou excessiva para os humanos, por isso permitiu que ela fechasse a tampa do jarro antes da saída da expectativa. Assim, Zeus se mostraria protagonista de toda a relação criador e criatura com Pandora, sendo esta hipossuficiente tanto no universo dos deuses quanto no dos homens, que, para não se indispor com o Deus dos Deuses e dos homens, muitas vezes, preferem acreditar que Pandora é a única culpada pelos males e adversidades do mundo em que vivem os homens.

3.6 O dilúvio narrado na cultura grega

A *Teogonia* de Hesíodo não informa quando os homens surgiram na terra, mas pela informação da localidade de Mecona, sabemos que conviviam juntos desde a Idade de Ouro, narrada na obra *Os trabalhos e os dias*, do mesmo autor, que apresenta essa época como feliz para o homem.

Como da mesma origem nasceram deuses e homens
 Primeiro de ouro a raça dos homens mortais
 Criaram os imortais, que mantêm olímpias moradas.
 Eram do tempo de Cronos, quando no céu este reinava
 Como deuses viviam, tendo despreocupado coração,
 apartados, longe de penas e misérias; nem temível
 velhice lhes pesava, sempre iguais nos pés e nas mãos,
 alegravam-se em festins, os males todos afastados,
 morriam como por sono tomados; todos os bens eram
 para eles: espontânea a nutriz fruto
 trazia abundante e generoso e eles, contentes,
 tranquilos nutriam-se de seus prodigiosos bens.
 (HESÍODO, *Os trabalhos e os dias*, v. 110-119).

Essa raça de mortais vivia nos tempos de Crono e foi criada pelos imortais. Possivelmente quando Zeus reorganizou o universo, deixou de habitar a terra e passou a ser uma raça de onipresentes pela terra. Logo não foi uma raça nem castigada tampouco extinta por Zeus.

Mas, segundo Hesíodo, surgiu outra raça humana: a da idade da prata, que não honrava os imortais, mas, mesmo assim, foi ocultada por Zeus sob a terra, tal qual ocorreu com a raça áurea.

Zeus Cronida encolerizado os escondeu porque honra
Não dava aos ditoso deuses que o Olimpo detêm.
Depois também esta raça sob a terra ele ocultou
E são chamados hipocônicos, venturosos pelos mortais,
Segundos, mas ainda assim honra os acompanha.
(HESÍODO, *Os trabalhos e os dias*, v. 138-142).

Por mais diferente que possa ser a raça humana da idade de prata da pertencente à Idade de Ouro, esta também não irritou Zeus a ponto de ele querer extingui-la com raios ou dilúvio. Não ficou claro na narrativa por quem essa raça foi criada, mas, como não adoravam os imortais, possivelmente não era amada por eles, mesmo assim, não foi castigada com o presente da primeira mulher, e sim ocultados sob a terra.

O próprio Zeus criou a raça de bronze que, além de nada parece com a de ouro, também era bem diferente da de prata, mas essa também não foi castigada por Zeus, pois sozinha conseguiu se destruir.

Era do freixo, terrível e forte, e lhe importavam de Ares
Obras gementes e violências; nenhum trigo
eles comiam e de aço tinham resistente o coração;
inacessíveis: grande sua força e braços invencíveis;
dos ombros nasciam sobre as robustas partes.
Deles, brônzeas as armas e brônzeas as casas,
Com bronze trabalhavam: negro ferro não havia.
E por suas próprias mão tendo sucumbido
Desceram ao úmido palácio do gélido Hades;
Anônimos; a morte, por assombrosos que fossem,
Pegou-os negra. Deixaram, do sol, a luz brilhante.
(HESÍODO, *Os trabalhos e os dias*, v. 143-155).

Outra raça de mortais que habitaram sobre a terra foi a Idade dos Heróis. Era corajosa e justa, possivelmente amada por Zeus, eram conhecidos como semideuses, que foi anterior à raça da Idade de Ferro, da qual nem o próprio poeta gostaria de fazer parte. As cinco raças nos leva a pensar que pode ser o fim da reorganização do universo por Zeus, pois agora mortais já não mais habitam o mesmo espaço de deuses imortais. Também não são mais protegidos por Prometeu e Epimeteu, convivem com os males saídos do jarro de Pandora e com as mulheres semelhantes ou não a ela. Mas o que a agora desgraçada raça humana fez para desagradar a

Zeus a ponto de ele planejar destruí-la com um dilúvio é p que vamos estudar no próximo tópico.

3.6.1 A degradação da raça humana

Provavelmente foi a raça da idade de ferro que desagradou demasiadamente Zeus, pois, segundo Thomas Bulfinch (2018), foi o momento em que os deuses já não mais conseguiram conviver com a raça humana, porque esta, além de impiedosa, isto é, incapaz de cultuar os deuses, tornou-se ambiciosa e violenta.

Produziu-se o danoso ferro e o ainda mais danoso ouro. Surgiu a guerra, utilizando-se de um e de outro como armas; o hóspede não se sentia em segurança em casa de seu amigo; os genros e sogros, os irmãos e irmãs, os maridos e mulheres não podiam confiar uns nos outros. Os filhos desejavam a morte dos pais, a fim de lhes herdarem a riqueza; o amor familiar caiu prostrado. A terra ficou úmida de sangue, e os deuses a abandonaram, um a um, até que ficou somente Astréia, que, finalmente, acabou também partindo. (BULFINCH, 2018, p. 23).

Quando a justiça, na figura de Astreia também abandonou a terra onde habitava o homem, Zeus não mais via condições dessa raça desrespeitosa habitar a terra, que estava sendo constantemente ferida e umedecida com o sangue vertido nas batalhas travadas entre os próprios homens. Por isso, decidiu, primeiramente, extinguir a raça humana com um raio e depois habitar a Terra com seres mais tementes aos deuses e mais dignos de um habitat já mais propício ao ser humano.

Assim dizendo, apoderou-se de um raio e já estava prestes a atirá-lo contra o mundo, destruindo-o pelo fogo, quando atentou para o perigo que o incêndio poderia acarretar para o próprio céu.
(BULFINCH, 2018, p. 23).

Com o intuito de proteger o céu, ou a morada dos deuses, Zeus desistiu da forma, mas não da ideia, então, decidiu destruir a raça humana com um dilúvio que iniciou primeiramente sozinho, utilizando os ventos e as nuvens.

O vento norte, que espalha as nuvens, foi encadeado; o vento sul foi solto e em breve cobriu todo o céu com escuridão profunda. As nuvens, empurradas em bloco, romperam-se com fragor; torrentes de chuva caíram; as plantações inundaram-se; o trabalho de um ano do lavrador pereceu em uma hora.
(BULFINCH, 2018, p. 23).

Por insatisfação ou por ira ou mesmo vontade de ver logo o perecimento dessa raça inimiga dos deuses, Zeus pediu a ajuda de Poseídon, que prontamente atendeu e liberou as águas dos mares e dos rios, além dos terremotos que compuseram o cenário de horror.

Este soltou os rios e lançou-os sobre a terra. Ao mesmo tempo, sacudiu-a com um terremoto e lançou o refluxo do oceano sobre as praias. Rebanhos, animais, homens e casas foram engolidos e os templos, com seus recintos sacros, profanados. Todo edifício que permanecera de pé foi submergido e suas torres ficaram abaixo das águas. Tudo se transformou em mar, num mar sem praias. (BULFINCH, 2018, p. 24).

De acordo com o estudo de Thomas Bulfinch (2018), os humanos lutaram bastante para tentar se salvar do dilúvio, pois ação era verdadeiramente devastadora e reveladora da fragilidade dos homens e dos outros seres vivos mortais diante da força e da ira dos Deuses.

Aqui e ali, um indivíduo refugia-se num cume e alguns poucos, em barcos, apóiam o remo no mesmo solo que ainda há pouco o arado sulcara. (BULFINCH, 2018, p. 24).

A raça humana poderia ter sido extinta completamente com o dilúvio de Zeus, mas ele agiu com justiça com o casal Deucalião e Pirra. Eles se refugiaram no monte Parnaso. Este casal representa a típica raça humana da qual Zeus gostaria, pois são piedosos, ou seja, rendem cultos e adoração aos deuses e revelavam uma vida honesta perante seus pares. Assim, não poderiam ser comparados aos outros mortais e serem vítimas da fúria de Zeus, pois uma das principais características deste Cronida é o reconhecimento de uma aliança em que as partes respeitam seu papel na relação, isto é, reconhecem a soberania do Pai dos Deuses e dos homens. Destarte, o casal do qual Zeus se agradou, salvou-se.

De todas as montanhas, apenas o Parnaso ultrapassa as águas. Ali, Deucalião e sua esposa Pirra, da raça de Prometeu, encontram refúgio — ele é um homem justo, ela, uma devota fiel dos deuses. Vendo que não havia outro vivente além desse casal, e lembrando-se de sua vida inofensiva e de sua conduta piedosa, Júpiter ordenou aos ventos do norte que afastassem as nuvens e mostrassem o céu à terra e a terra ao céu. (BULFINCH, 2018, p. 24).

Deucalião e Pirra serão os precursores da raça humana pós-diluviana que possivelmente será diferente das outras que tanto desgostaram Zeus. Eles buscarão refúgio e resposta dos Deuses e terão retorno de suas petições, pois se mostrarão dependentes dos Deuses e gratos pelos seus favores.

Deucalião assim se dirigiu, então, a Pirra: "Ó esposa, única mulher sobrevivente, unida a mim primeiramente pelos laços do parentesco e do casamento, e agora por um perigo comum, pudésemos nós possuir o poder de nosso antepassado Prometeu e renovar a raça, como ele fez, pela primeira vez! Como não podemos, porém, dirijamo-nos àquele templo e indaguemos dos deuses o que nos resta fazer." Entraram num templo coberto de lama e aproximaram-se do altar, onde nenhum fogo crepitava. Prostraram-se na terra e rogaram à deusa que os esclarecesse sobre a maneira de se comportar naquela situação miserável. (BULFINCH, 2018, p. 24).

O comportamento piedoso do casal, provavelmente, mudou o pensamento dos deuses acerca da raça humana, dando a esta uma nova chance de existir sobre a terra, possivelmente em uma relação mais harmoniosa, visto que renasceriam de uma outra forma, sem interferência de Titãs, por vontade exclusiva dos Deuses e sob a obediência de quem se salvou graças ao reconhecimento do poder soberano de Zeus. Assim, seguindo cautelosamente o oráculo, Deucalião e Pirra viram nascer a nova raça humana.

Deucalião falou: "Se minha sagacidade não me ilude, poderemos obedecer à ordem sem cometermos qualquer impiedade. A terra é a mãe comum de nós todos; as pedras são seus ossos; poderemos lançá-las para trás de nós; e creio ser isto que o oráculo quis dizer. Pelo menos, não fará mal tentar." Os dois velaram o rosto, afrouxaram as vestes, apanharam as pedras e atiraram-nas para trás. As pedras (maravilha das maravilhas!) amoleceram e começaram a tomar forma. Pouco a pouco, foram assumindo uma grosseira semelhança com a forma humana, como um bloco ainda mal acabado nas mãos de um escultor. A umidade e o lodo que havia sobre elas transformaram-se em carne; a parte pétreia transformou-se nos ossos; as veias ou veios da pedra continuaram veias, conservando seu nome e apenas mudando sua utilidade. As pedras lançadas pelas mãos do homem tornaram-se homens, as lançadas pela mulher tornaram-se mulheres. Era uma raça forte e bem disposta para o trabalho como até hoje somos, mostrando bem a nossa origem. (BULFINCH, 2018, p. 25).

O relato supracitado mostra a origem da raça humana como se apresenta ou se aparenta hoje. Não podemos afirmar se essa raça de agora é mais ou menos importante para os deuses ou tem os deuses como elemento essencial para a existência tanto humana quanto divina. Dito isso, não é mais interessante para este estudo esse novo exemplar dos seres mortais.

3.6.2 Breve comentário sobre a Teogonia de Hesíodo

A *Teogonia* hesiódica, no tocante à relação criador-criatura, mostra-se bastante intrigante, pois como tem a sua centralidade na figura de Zeus e como houve vários acontecimentos até o nascimento dele e a sua hegemonia, não é patente amizade ou afetuosidade entre Zeus e a raça humana. Mas ao observarmos que o ser humano existe desde a Idade de Ouro e que, possivelmente, neste mesmo período, quando Zeus tornou-se o soberano Deus presenteou o homem com a Pandora, portadora de milhares de males para a humanidade, revela-se que a relação é bem pouco amistosa, todavia, os mesmo seres dessa idade foram transformados em onipresentes e ocultados na terra, esconderijo também a raça da Idade de Prata, conhecida como hipocônicos. A Idade do Bronze é outro desafio para entendermos a afinidade de Zeus com os mortais, pois esta raça criada pelo próprio Cronida extinguiu-se sozinha, sem que pudéssemos perceber traços de gratidão ou qualquer outra manifestação afetuosa.

A degradação humana parece presente na raça de ferro mais do que nas outras, visto que a impiedade, o desrespeito à terra enquanto solo e planeta e principalmente a insegurança em confiar no próprio semelhante, possível reflexo da falta de amor ou temor aos deuses, levaram o homem a ser inimigo das divindades. Lógico que esse cenário de animosidade, dentro do que já observamos da relação criador e criatura instituída no enredo da *Teogonia* de Hesíodo não poderia subsistir sem que não houve uma resposta dos deuses para tamanho desdém. Então, Zeus pensou em uma punição definitiva para a raça humana, mas enquanto soberano não podia deixar de perceber a retidão de Deucalião e a devoção de Pirra, únicos sobreviventes do dilúvio. Deles nasceram uma nova raça e novas histórias pudes de devoções e insujeições, que deverão ser objeto de futuras investigações por parte dessa pesquisadora.

4 LIVRO DE *GÊNESIS* E NARRATIVAS AFINS

A civilização judaico-cristã não ficou alheia à necessidade de registrar o mito da criação, tão pouco de narrar a relação criador e criatura de uma forma um tanto diferente das outras apresentadas na região do Oriente Médio, pois a narrativa cosmogônica de *Gênesis* traz várias semelhanças com as narradas em outras culturas da mesma localidade, todavia a história construída em torno do mito é preta de características monoteístas e teocêntricas. Assim, estudaremos o livro de *Gênesis*, da cosmogonia ao dilúvio, por meio de um prisma literário, pois analisaremos a narração do nascimento da terra e dos céus, assim como os outros seres citados na narrativa, o aparecimento do primeiro homem e a relação deste com o seu criador, a formação da primeira mulher e a relação desta com o seu criador, a relação homem *versus* mulher antes e após a desobediência ao criador, a mudança na ordem estabelecida na relação existente entre os animais, a relação do criador com a descendência de Caim e Sete, o dilúvio, a arca de Noé e o pacto de Deus com Noé.

Neste estudo sobre o recorte que fixamos como *corpus* para análise, adotaremos Moisés como narrador e a tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida. A escolha por esse exemplar bíblico deriva da necessidade de registrar os trechos que servirão para endossar nossas observações, pois, de acordo com Durão (2016) não há uma fonte das Sagradas Escrituras que seja destituída de equívocos.

Não há uma fonte inequívoca para os textos que compõem a Bíblia; qualquer versão que você escolha ler será o resultado de um processo de edição que contrapõe os diversos manuscritos disponíveis e seleciona, segundo critérios determinados, a melhor opção dentre as variantes existentes. E as fontes disponíveis são relativamente recentes. Até meados do século passado, os manuscritos mais antigos do Antigo Testamento eram o Códice de Alepo, que data aproximadamente 920 E.C. e o Códice de Leningrado, *circa* 1008 E.C., os Manuscritos do Mar Morto, descoberto em 1947 (há menos de 70 anos atrás!), são de um milênio antes. A transmissão dos manuscritos era feita por meio de copistas, que reproduzia o texto original à mão, o que levava a erros, apesar da impressionante dedicação que grande parte deles empenhava. Além disso, é preciso considerar que na base dos livros da Bíblia está a tradição oral: muitas das histórias narradas no papel tiveram sua origem em citações em grupos. (DURÃO, 2016, p. 48-49).

Nosso método fundamental, mas não exclusivo, é a análise literária intrínseca (intrinsic study), cujo princípio é enunciado por Wellek & Warren (2003, p. 177).

O ponto de partida natural e sensato para os estudos literários é a interpretação e a análise das próprias obras literárias. Afinal, apenas as próprias obras justificam todo o nosso interesse pela vida de um autor, pelo seu ambiente social e por todo o processo da literatura. (WELLEK & WARREN, 2003, p. 177).

Ou seja, é uma investigação retórica e, sempre que se fizer necessário, buscaremos nas Escrituras Sagradas elementos que comprovem nossas observações. Por se tratar de uma narrativa bíblica, achamos por bem colocarmos algumas observações encontradas no texto *A Cicatriz de Ulisses*, da obra *Mimesis*, Auerbach (2003), pois o autor faz uma análise comparativa entre o modo de narrar do texto bíblico e o de Homero, revelando características da narrativa de *Gênesis*. Como a obra em tela é de origem hebraica, apresentaremos um pouco da história de Moisés e do povo hebreu e buscaremos, em outros trechos bíblicos, citações que nos permitam validar nossas observações e análises.

4.1 O povo hebreu e o narrador Moisés

Como *Gênesis* narra a criação do mundo a partir da perspectiva hebraica, ou seja, dos patriarcas citados na Bíblia, cujas histórias se confundem com os relatos bíblicos, é mister deixar claro que a história dos hebreus é baseada quase totalmente na Bíblia, que, de fato, pode servir como documento, mas não exclusivamente como prova histórica. Por isso, há discussões infundáveis a respeito da veracidade dos fatos referidos, o que para nós não suscita problemas, pois nos importamos com a narrativa da criação e com a relação do criador com suas criaturas, não com verdades históricas documentadas. Mas para não nos apoiarmos somente na fonte bíblica, vejamos alguns pontos históricos, geográficos e linguísticos acerca do que é relatado sobre os hebreus. Assim, do ponto de vista político e mesmo material, jamais poderemos comparar a civilização hebraica aos povos que exerceram grande poder, como os egípcios, os assírios, os persas, pois, diante deles, os hebreus se afiguravam como uma pequena nação, cuja grande importância histórica se deve a sua grande força religiosa, a sua cultura e a sua união frente a todas as adversidades que enfrentaram ao longo das eras. Esse estudo histórico, encontrado em livros de História Geral, como: *História das Sociedades: Das sociedades primitivas às sociedades modernas* (2005), contrasta com a narrativa de Flávio Josefo, o qual coloca que todos esses povos citados nos livros de história são oriundos das descendências de Noé.

Os filhos dos filhos de Noé, para honrar-lhe a memória, deram os próprios nomes aos países onde se estabeleceram. Assim, os sete filhos de Jafé, que se estabeleceram pela Ásia desde o monte Tauro e o Amã até o rio de Tanais e na Europa até Gades, deram os seus nomes às terras que ocuparam e que não eram ainda povoadas. Gomer fundou a colônia dos gôrneres, que os gregos chamam gaiatas. Magogue fundou a dos magogianos, a que chamam citas. Javã deu o nome à Jônia e a toda a nação dos gregos. Madai foi o fundador dos madianos, que os gregos chamam medas. Tubal deu o seu nome aos tubalinos, que agora se chamam iberos. Meseque deu o próprio nome aos mescinianos (o de capadóciolos, que eles têm agora, é novo), e ainda hoje uma de suas

idades tem o nome de Malaca, o que nos mostra que essa cidade antigamente se chamava assim. Tiras deu o seu nome aos tírios, dos quais foi o príncipe e que os gregos chamam trácios. Assim, todas essas nações foram fundadas pelos filhos de Jafé. Gomer, que era o mais velho dos filhos de Jafé, teve três filhos: Asquenaz, que deu o seu nome aos asquenázios, aos quais os gregos chamam reginianos; Rifate, que deu o seu nome aos rifanianos, aos quais os gregos chamam paflagonianos; Togarma, que deu o seu nome aos togarmanianos, aos quais os gregos chamam frígios. Javã, outro filho de Jafé, teve quatro filhos: Elisa, Társis, Quitim e Dodanim. Elisa deu o seu nome aos elisamos, que hoje se chamam ecolianos. Társis deu o seu nome aos tarsianos, que hoje são os cilicianos, cuja principal cidade ainda hoje se chama Tarso. Quitim ocupou a ilha que agora se chama Chipre, à qual deu o seu nome, razão por que os hebreus chamam de Quitim todas as ilhas e todos os lugares marítimos. Ainda hoje, uma das cidades da ilha de Chipre é chamada Citium por aqueles que dão nomes gregos a todas as coisas, que pouco difere do nome Quitim. Eis as nações de que os filhos de Jafé se tornaram senhores. Antes de retomar o fio de minha narração acrescentarei uma coisa que talvez os gregos ignorem: esses nomes foram mudados segundo a maneira de falar, para tornar a pronúncia mais agradável, pois entre nós não serão jamais mudados. (FLÁVIO JOSEFO, 2004, p. 30).

Sobre a origem do nome, hebreu pode ter vindo do nome Heber ou Éber, filho de Sem, neto de Noé. Éber ou Heber foi ancestral de Abraão. O nome hebreu vem da palavra hebraica *ibri* (que se pronuncia *iv-ri*), a qual combina a raiz preposicional eber, com o sufixo *i*, formando o substantivo. Nas Escrituras Sagradas, a palavra hebreu aparece em *Gênesis*:

A Sem, irmão mais velho de Jafé, nasceram filhos; ele foi o pai de todos os filhos de Éber. (*Gênesis* 10:21).

Assim, o nome Éber foi aparentemente usado para identificar a região ocupada pelo povo que descendia de Sem por meio de seu bisneto Éber. Segundo Davis (1983), hebreu significa: Que é do outro lado, ou que pertence a Eber. Pois, de acordo com as histórias bíblicas os hebreus vieram do outro lado do Eufrates.

Então Josué disse a todo povo: “o Senhor, o Deus de Israel, diz isto: “Há muito tempo, os antepassados de vocês viviam no outro lado do rio Eufrates e adoravam outros deuses. Tera, um desses antepassados, era pai de Abraão e de Naor. Porém eu tirei Abraão da terra que está do outro lado do Eufrates e fiz com que ele andasse por toda terra de Canaã. Eu lhe dei muitos descendentes: a Abraão eu dei Isaque, e a Isaque dei Jacó e Esaú. (*Josué*. 24:2-3).

Ainda de acordo com Davis (1983), o povo hebreu se origina de pastores, tribos primitivas nômades que se dividiam em clãs, provavelmente, são oriundas da Mesopotâmia, pois o estudo dos mitos e da língua de origem semita os coloca no mesmo grupo do aramaico. Por volta de 3000 a.C., nas margens do rio Jordão, onde chegaram os cananeus, uma tribo de origem semita, o que originou o nome Terras de Canaã. Em 1500 a.C., chegaram os filisteus que também eram tribos inimigas e vieram da ilha de Creta, deles a região herdou o nome Filistina ou Palestina.

No início do relato do *Gênesis*, a partir do capítulo 12, temos Abraão, que viveu em Ur, na Mesopotâmia, que era uma das cidades mais importantes da época. Ele vivia com Sara, sua esposa, com seu pai, Terá, e seus irmãos. Terá decidiu então ir embora para Canaã, sudoeste da Síria. Ao chegar a Haram, hoje uma cidade da Turquia, ele morreu. Então, Abraão ouviu a voz de Deus, pela primeira vez, que lhe prometeu terra e descendência. Esta promessa se cumpriria com o nascimento de Isaque, que daria origem a Jacó, que seria pai de doze filhos, os quais seriam os pais das doze tribos de Israel.

É impossível comprovar o que é história e o que é religião dentro desse assunto, mas, para nós, o importante é esclarecer, com relatos bíblicos e outros suportes que venham nos informar mais sobre os assuntos tratados, a narrativa da criação presente no recorte que fizemos de *Gênesis* e, como precisamos embasar nossas observações sobre o tema pesquisado, recorreremos, sempre que necessário, às Sagradas Escrituras, pois nelas estão as comprovações literárias as quais julgamos pertinentes ao assunto em tela. No entanto, é bom lembrar que cientistas, arqueólogos, estudiosos da Bíblia e historiadores buscam comprovações de que esses personagens, como: Abraão, Sara, Agar, Isaac, Ismael e tantos outros, de fato foram pessoas reais, existiram e fizeram parte da história.

É possível que tal preocupação com a existência real dessas personagens ocorra porque os primeiros relatos históricos e religiosos eram orais e foram redigidos apenas entre 1250 a.C. e 1000 a.C., em cinco livros que formam a *Torá* judaica, os cinco primeiros livros da Bíblia. Isso pode significar que muitos assuntos podem e devem ter sido modificados, até mesmo pelas próprias mudanças históricas, como a fase do patriarcalismo, em que o povo não tinha unidade política e nem mesmo território para chamar de sua terra, e estava organizado em tribos lideradas pelos patriarcas, cujo primeiro foi Abraão. Então, não esquecendo a base da tradição oral da Bíblia, lembramos que:

Muitas das histórias narradas no papel tiveram sua origem em citações em grupo. (Com efeito, a ideia que temos da leitura como algo silencioso e individual, que toca nossa intimidade, só se consolidou tardiamente, possivelmente no século XVIII, e tem como pressuposto a invenção da prensa e a popularização do livro como objeto). (DURÃO, 2016, p. 49).

Cientificamente, já se sabe que os antepassados dos hebreus viveram na Mesopotâmia, a leste do rio Eufrates e conviveram com povos chamados semitas ocidentais, de acordo com as tabuinhas de argila que foram encontradas nas diversas escavações que se referem a eles como **Amuru**, ou seja, **Am** (homens), **Uru** (ocidente), possivelmente os amoritas (DAVIS, 1986). Na época dos patriarcas, todo cidadão, para ter direitos, precisava ser dono de terras e

sedentário pelo menos durante algumas gerações. Era por esse motivo que os amarus e os patriarcas não eram admitidos nas cidades, pois embora praticassem o comércio, não podiam viver dentro delas, portanto permaneciam nômades, com suas tendas montadas do lado de fora dos muros das cidades. Antes dos Reis, quando ainda viviam no sistema tribal, é possível que a região de Canaã tenha sido assolada pela fome e esse tenha sido o motivo do povo de Israel, antes Jacó, ter partido em direção ao Egito onde havia fartura e paz. Jacó e as tribos provavelmente se adaptaram ao Egito onde deveria ter havido muitas construções na época e, portanto, trabalho e comida. A escravidão relatada no livro de *Êxodo*, segundo livro da Bíblia, até hoje não foi comprovada historicamente e, no livro de *Gênesis*, há indícios de liberdade do povo hebreu quando saíram da terra de Canaã e migraram para o Egito, onde foram muito bem recebidos pelo Faraó Ramessés, graças à excelente relação que havia entre este e José, que era governador do Egito e filho de Jacó:

Então veio José, e disse a Faraó: Meu pai e meus irmãos, com seus rebanhos e seu gado, e tudo o que têm, chegaram da terra de Canaã, e estão na terra de Gósen. E tomou cinco dos seus irmãos e os apresentou a Faraó
 Então perguntou Faraó aos irmãos de José: Qual é a vossa ocupação? Eles responderam: Teus servos são pastores, tanto nós como nossos pais.
 Disseram mais a Faraó: Viemos para habitar nesta terra, porque não há pasto para os rebanhos de teus servos, pois a fome é grave na terra de Canaã. Agora, rogamos-te, permitas que teus servos habitem na terra de Gósen.
 Então disse Faraó a José: teu pai e teus irmãos vieram a ti e a terra do Egito está diante de ti; no melhor da terra faze habitar teu pai e teus irmãos. Habitem na terra de Gósen. E se sabes que entre eles há homens capazes, põe-nos por chefes dos pastores do meu gado.
 Trouxe José a Jacó, seu pai, e o apresentou a Faraó. E Jacó abençoou a Faraó.
 Então perguntou Faraó a Jacó: Quantos são os dias dos anos da tua vida?
 Respondeu-lhe Jacó: Os anos das minhas peregrinações são cento e trinta. Poucos e maus foram os anos da minha vida, e não chegaram aos anos da vida de meus pais nos dias das suas peregrinações.
 Então Jacó abençoou a Faraó, e saiu da sua presença.
 Assim, José estabeleceu a seu pai e seus irmãos, dando-lhes possessão na terra do Egito, no melhor da terra, na terra de Ramessés, como Faraó ordenara.
 E José sustentou de pão a seu pai, a seus irmãos e a toda a casa de seu pai, segundo o número de seus filhos. (*Gênesis* 47:1-12).

A história confirma que o povo hebreu tinha liberdade de culto, pois uma das comunidades judaicas que existia no Egito ficava na ilha de Elefantina, o que é comprovado por um papiro em aramaico do quinto século a.C. Ali existiu um Templo de Iaveh antes da invasão do Egito por Cambises, embora não se conheça a localização exata. E também havia comunidades do povo de Israel que habitavam no Delta do rio Nilo.

A tradição judaico-cristã atribui a autoria do texto de *Gênesis* a Moisés, mas a crítica literária moderna apresenta a mesma narrativa como um compilado de textos escritos por diversos autores. Nossa pesquisa tem como *corpus* a *Bíblia* traduzida por João Ferreira de

Almeida. Destarte, adotaremos a teoria que defende Moisés como autor do *Gênesis*. Recorreremos a passagens tanto do velho testamento quanto do novo. Portanto, no primeiro testamento, temos as seguintes passagens que apresentam Moisés como autor do livro de *Gênesis*:

Moisés escreveu esta lei, e a entregou aos sacerdotes, filhos de Levi, que levavam a arca da aliança do Senhor, e a todos os anciãos de Israel.” (Deuteronômio 31:9).

E no mesmo livro,

Quando Moisés acabou de escrever todas as palavras desta lei, deu ordem aos levitas, que levavam a arca da aliança do Senhor: Tomai este livro da lei, e ponde-o ao lado da arca da aliança do Senhor vosso Deus, para que ali esteja por testemunha contra ti. (Deuteronômio 31: 24-26).

No livro de *Levítico*, encontramos:

Estes são os estatutos, juízos e leis que Deus deu entre si e os filhos de Israel no monte Sinai por intermédio de Moisés. (*Levítico* 26: 46).

Em *Êxodo* 17:14,

Disse Deus a Moisés: Escreve isto para memorial num livro, e faze-o ouvir a Josué; porque eu hei de extinguir totalmente a memória de Amaleque de debaixo do céu. (*Êxodo* 17: 14).

Ainda em *Êxodo* 24:4,

Moisés escreveu todas as palavras de Deus e, tendo se levantado de manhã cedo, erigiu um altar ao pé do monte, e doze colunas segundo as doze tribos de Israel. (*Êxodo* 24:4).

No Novo Testamento, encontramos as seguintes passagens em *Mateus*,

Respondeu-lhes ele: Moisés, por causa da dureza dos vossos corações, vos permitiu repudiar vossas mulheres. Mas no princípio não foi assim. (*Mateus* 19:8).

Em *Lucas*,

E começando por Moisés, e por todos os profetas, explicou-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras. (*Lucas* 24:27).

Em *João*,

Não penseis que vos acusarei perante o Pai. Quem vos acusa é Moisés, em quem esperais. Se crêsseis em Moisés, creríeis também em mim, pois ele escreveu a meu respeito. Mas se não credes nos seus escritos, como creeris nas minhas palavras? (*João* 5: 45-47).

Em *Atos*,

Pois Moisés disse: O Senhor vosso Deus levantará dentre vossos irmãos um profeta semelhante a mim, a ele ouvireis em tudo o que vos disser. (*Atos* 3:22).

Em *Romanos*,

Moisés descreve a justiça que é pela lei, dizendo: O homem que fizer estas coisas viverá por elas. (*Romanos* 10:5).

E em *Apocalipse* 15: 3,

Tinham as harpas de Deus, e cantavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e maravilhosas são as tuas obras, ó Senhor Deus Todo-Poderoso. Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei dos séculos. (*Apocalipse* 15: 3).

O livro de *Êxodo* oferece um relato da história de Moisés começando pelo casamento de seus pais até o seu nascimento.

O nascimento de Moisés

Foi-se um homem da casa de Levi e casou com uma filha de Levi. A mulher concebeu e deu à luz um filho. (*Êxodo* 2: 1-2a).

Por ter parido uma criança do sexo masculino, a mãe de Moisés, temendo que o menino fosse morto por causa do decreto de faraó, que havia mandado lançar no rio todos os filhos dos hebreus (*Êxodo*, 1:22), ela toma a seguinte decisão:

Vendo que ele era formoso, escondeu-o três meses. Não podendo, porém, escondê-lo por mais tempo, tomou um cesto de juncos, e o revestiu de betume e piche. Então pôs nele o menino, e o largou entre os juncos à beira do rio. Sua irmã postou-se de longe para ver o que lhe havia de acontecer. (*Êxodo* 2: 3-4).

Com esse estratagema, a arca de junco contendo Moisés chegou ao local onde a filha de Faraó tomava banho. Quando viu que havia um menino no cesto, tomou para si a criança e a adotou como filho, oferecendo a ele todos os cuidados que um bebê da idade em que estava Moisés precisava: uma ama de leite para alimentar o então lactante, que conviveu com a mãe hebreia até tornar-se grande o suficiente para ser entregue à filha de Faraó.

A filha de Faraó desceu para se lavar no rio, e as suas donzelas passeavam pela beira do rio. Ela viu o cesto no meio dos juncos, e enviou a sua criada, e o tomou. Abrindo-o, viu o menino. Ele chorava, e ela teve compaixão dele, e disse: Este é menino dos hebreus. Então disse sua irmã à filha de Faraó: Queres que eu vá chamar uma ama dentre as hebreias, que crie este menino para ti? Respondeu-lhe a filha de Faraó: Vai. Foi, pois, a moça e chamou a mãe do menino. Então lhe disse a filha de Faraó: Leva este menino e o cria, que eu te darei o teu salário. A mulher tomou o menino e o criou. Sendo o menino já grande, ela o trouxe à filha de Faraó, a qual o adotou. Ela lhe pôs o nome de Moisés, e disse: Das águas o tirei. (*Êxodo* 2: 5-10).

Por ser filho da filha de Faraó, Moisés já não corria mais perigo de morte que assolava os filhos dos hebreus, mesmo, de acordo com o relato, estando na casa de uma família hebreia,

possivelmente, vivendo de acordo com a cultura dos hebreus até ser inserido na cultura egípcia quando foi morar com a sua mãe adotiva, a filha do Faraó.

Moisés é apresentado na Bíblia como o narrador dos cinco primeiros livros, *Pentateuco*, e/ ou a *Torá*, para os judeus.

Assim, com base na evidência interna de nosso *corpus*, tomamos Moisés como o autor de *Gênesis*, *Êxodo*, *Levítico*, *Números* e *Deuteronômio*. Então, vamos ao nosso estudo sobre o recorte que vai da cosmogonia ao dilúvio.

4.2 A cosmogonia de *Gênesis*

A narrativa da criação encontrada nos dois primeiros capítulos do livro de *Gênesis* relata um começo sobrenatural para a Terra e a vida. Para entendermos melhor esse livro de narrativa hebraica, começaremos nossa pesquisa pelo próprio nome. Assim, de acordo com Davis (1983), *Gênesis*:

Nome que os Setenta deram ao primeiro livro do Antigo Testamento, que os hebreus chamavam Bereshith, que significa “no princípio”, palavras iniciais do livro. Divide-se naturalmente em três secções. Primeira: História do universo em suas relações com a Divindade, e introdução e introdução à história da humanidade, cap. 1 e 2 ao v.3. Segunda: Esboço da história da humanidade, antes de Abraão, expondo as relações entre Deus e a raça humana, e a introdução à história do povo escolhido, cap. 2.4 até ao cap. 11. 26. E terceira: A história do povo escolhido até a sua entrada no Egito 11. 27, até ao cap. 50.

A segunda secção inclui a criação do homem e a sua condição original, 2. 4-25; a queda, cap. 3: progresso do mal 4. 1-15; a raça humana, 16-24; a raça dos fiéis, 25 ao cap. 5. 32; aumento da perversidade, 6.18; o dilúvio, 6.9 até cap. 10. 32; construção da torre de Babel, 11. 1-9 [...] (DAVIS, 1983, p. 246).

Nosso estudo busca contemplar as duas primeiras secções do livro de *Gênesis* narrado por Moisés, pois a cosmogonia deste enredo, no primeiro capítulo, descreve a criação do mundo por Deus, por meio da fala divina, como pode ser visto no estudo de Flávio Josefo.

No princípio, Deus criou o céu e a Terra, mas a Terra não era visível porque estava coberta de trevas espessas, e o Espírito de Deus adejava por cima dela. Deus ordenou em seguida que se fizesse a luz, e a luz apareceu imediatamente. Depois de ter considerado essa massa, Deus separou a luz das trevas. Às trevas chamou noite, e à luz, dia, dando ao começo do dia o nome de manhã, e ao fim, o de tarde. Foi ao primeiro dia que Moisés chamou “um dia”, e não “o primeiro dia”. (JOSEFO, 2004, p.18).

Depois, houve a formação do universo e de outros elementos componentes da cosmogonia e a culminância com a criação da humanidade à *imagem de Deus*, encerrando o capítulo com a designação do sétimo dia como sabático, um dia de descanso ordenado por Deus.

No segundo dia, Deus criou o céu, separou-o de todo o resto e colocou-o por cima, como sendo o mais nobre. Rodeou-o de cristal e temperou-o com umidade própria para formar as chuvas que regam docemente a terra, para torná-la fecunda. No terceiro dia, tornou fixa a terra, rodeou-a pelo mar e fê-la produzir as plantas com as suas respectivas sementes. No quarto dia, criou o Sol, a Lua e os outros astros e colocou-os no céu para lhe serem o ornamento principal. Regulou de tal maneira os seus movimentos e o seu curso que eles determinam claramente as estações e as revoluções do ano. No quinto dia, criou os peixes que nadam na água e os pássaros que voam no ar e quis que formassem casais, a fim de crescerem e se multiplicarem, cada um segundo a sua espécie. No sexto dia, criou os animais terrestres e distinguiu-os em sexos diversos, fazendo-os macho e fêmea. E, nesse mesmo dia, criou também o homem. Assim, segundo o que refere Moisés, Deus criou em seis dias o mundo e todas as coisas que nele existem. No sétimo dia, Ele descansou e deixou de trabalhar as grandes obras da criação do mundo: é por esse motivo que não trabalhamos nesse dia e lhe damos o nome de *sábado*, que em nossa língua quer dizer “descanso”. (FLÁVIO JOSEFO, 2004, p. 18).

É interessante ressaltar que o ato da criação, em *Gênesis*, é o momento que Deus chama à existência todos os elementos físicos e metafísicos que vemos até os dias de hoje, pois, de acordo com Davis (1983), o verbo “criar”, no hebraico (*bara*), só se refere à ação original de Deus. Podemos ilustrar esse pensamento de Davis (1983) nos seguintes trechos bíblicos, os quais buscam mostrar a criação do Universo por um só Deus, por meio da palavra, em um só momento.

- 1) No começo Deus criou os céus e a terra. (*Gênesis*.1:1).
- 2) Assim Deus criou os grandes monstros do mar, e todas as espécies de seres vivos que em grande quantidade se movem nas águas, e criou também todas as espécies de aves. E Deus viu que isso era bom. (*Gênesis*.1:21).
- 3) Assim Deus criou seres humanos; Ele os criou parecidos com Deus. Ele os criou homem e mulher. (*Gênesis*.1:27).
- 4) Olhem para o céu e vejam as estrelas. Quem foi que as criou? Foi aquele que as faz sair em ordem como um exército; ele sabe quantas são e chama cada uma pelo seu nome. A sua força e o seu poder são tão grandes, que nenhuma delas deixa de responder. (*Isaías*.40:26).
- 5) Foi Deus quem fez as montanhas e criou o vento. Ele revela seus planos aos seres humanos. Ele faz o dia virar noite e anda por cima das montanhas. Este é o seu nome: o Senhor, o Deus Todo-Poderoso. (*Amós*. 4: 13).
- 6) Ó Deus, cria em mim um coração puro e dá-me uma vontade nova e firme. (*Salmos*. 51: 10).
- 7) Todos os que estão nos céus, louvem o Senhor Deus nas alturas! Louvem o Senhor todos os seus anjos, todos os exércitos celestiais! Sol e lua, louvem o Senhor! Todas as estrelas brilhantes, louvem a Deus! Que os mais altos céus e também as águas que estão acima dos céus! Que todos eles louvem o Senhor, pois ele deu uma ordem, e eles foram criados! Ele mandou, e foram firmados para sempre nos seus lugares; eles não podem desobedecer. Louve o Senhor, tudo que existe na terra: monstros do mar e todas as profundezas do oceano! Louvem o Senhor, relâmpagos e chuva de pedra, neve e nuvens, e ventos fortes que obedecem a sua ordem! Louvem o Senhor, colinas e montanhas, florestas e árvores que dão frutas! Louvem o Senhor todos os animais, mansos e selvagens! Louvem o Senhor, passarinhos e animais que se arrastam pelo chão! (*Salmos* . 148:1-10).
- 8) Ó Senhor, tu tens feito tantas coisas e foi com sabedoria que as fizeste. A terra está cheia de tuas criaturas. Ali está o mar imenso, enorme, onde vivem animais grandes e pequenos, tantos que não podem ser contados. No mar passam os navios, e nele brinca o Leviatã, o monstro marinho que tu criaste. Todos esses animais

dependem de ti, esperando que lhes dê alimentos no tempo certo. Tu dás a comida, e eles comem e ficam satisfeitos. Quando escondem o rosto, ficam com medo; se cortas a respiração que lhes dás, eles morrem e voltam ao pó de onde saíram. Porém, quando lhes dá o sopro de vida, eles nascem; e assim dás vida nova à terra. (*Salmos*.1014:24-30).

9) Por meio da Palavra, Deus fez as coisas, e nada do que existe foi feito sem ela. (*João*. 1:3).

De acordo com os relatos dos livros de História Geral de Aquino (2005) e as narrativas da história do povo hebreu de Josefo (2004) e ainda o estudo de Davis (1983), podemos perceber que o conceito de mundo exemplificado nesta exegese é o da cosmologia comum no antigo Oriente Médio, a qual imagina a Terra como um disco plano com uma enormidade de água acima e abaixo. Que o céu era formado por um firmamento sólido e metálico, ou seja, uma lata, de acordo com os sumérios, e ferro, de acordo com os Egípcios, separando o mundo habitado das águas que o rodeavam. As estrelas estavam incrustadas na superfície inferior desta abóbada, com portões que permitiam a passagem do Sol e da Lua. O disco da Terra era visto como um continente-ilha único, rodeado por um oceano circular, que era ligado aos mares conhecidos - mar Mediterrâneo, golfo Pérsico e o mar Vermelho.

Os relatos dos acontecimentos em *Gênesis* são repletos de histórias complexas. Até a última metade do século XIX, elas eram vistas como um contínuo uniforme. Assim, *Gênesis* 1: 2-6 descreve as origens do universo e *Gênesis* 2:2-25 mostra um quadro mais detalhado da criação da humanidade. Esses dois capítulos são essenciais para o nosso estudo, pois neles nos debruçaremos mais pormenorizadamente com o intuito de entendermos a cosmogonia narrada por Moisés e traçarmos perfis tanto do criador quanto das criaturas, personagens constantes nesses trechos supracitados.

4.2.1 O relato da criação em Gênesis

O segundo relato da criação, ou seja, o capítulo dois, já narra Deus formando o primeiro homem, ainda não nomeado (Adão), do pó da terra e soprando-lhe vida pelas narinas, plantando o jardim, formando os animais e pássaros e, finalmente, criando a primeira mulher, Eva, para ser sua companheira. Deus, tendo criado o jardim do Éden, manda que o homem o cultive e cuide dele, permite que coma do fruto de todas as árvores que há no jardim, exceto da árvore do conhecimento do bem e do mal porque no dia em que o homem dela comesse certamente morreria ou se tornaria mortal. Deus já havia criado os animais e, então, apresentou todos a Adão, mas não foi possível encontrar uma auxiliar satisfatória para ele, então Deus adormeceu

Adão e retirou-lhe uma costela, da qual cria a mulher, que Adão nomeia Eva (heb. *ishshah*, "mulher") porque foi tirada do homem (heb. *ish*, "homem"). Por causa disso:

Portanto, deixará o varão o seu pai e a sua mãe e apegar-se-á a sua mulher, e serão ambos uma carne. (*Gênesis*, 2:24)

O capítulo termina com a nota de que homem e mulher estavam nus e não se envergonhavam.

Os dois primeiros capítulos resumidos da forma supracitada não permite notarmos alguns pormenores que despertaram a curiosidade desta pesquisadora para este estudo, pois sendo a narrativa da criação e a relação criador e criatura temáticas recorrentes na literatura universal, como já apresentado neste capítulo, resolvemos explorar por outro prisma uma relação por demais comentada, quiçá até julgada, desde os períodos bíblicos até os dias de hoje, o relacionamento de Deus com o primeiro homem.

A criação do universo começa com a seguinte afirmação: “No princípio Deus criou os céus e a terra.” (*Gênesis*, 1:1). Isto é, a água já existia em uma superfície sem forma, vazia e em trevas sobre a face do abismo, o qual pelo relato não temos como saber qual é, enquanto o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas, sua primeira ação foi criar a luz, pois sem esta a terra não era visível, e para, então, haver separação entre dia e noite, todavia, não há indícios da duração de ambos e nem clara a duração de um dia, pois só no capítulo três e versículo oito, neste seguinte trecho do versículo, “E ouviram a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim pela viração do dia.” (*Gênesis*, 3: 8a), podemos ter uma ideia de dia, mas sem manhã, somente tarde e noite, sem no entanto, podermos afirmar se em 24 horas. Depois, quando tudo era só água, Deus criou um firmamento, ao que chamou de céu, separando água de água.

Validando a presença da água como um elemento já existente no momento da criação, temos a seguinte passagem dos *Salmos* 24,

Do Senhor é a terra e sua plenitude, o mundo e todos os que nele habitam; pois ele a fundou sobre os mares, e a firmou sobre as águas. (*Salmos* 24:1-2).

Após criar a parte seca, a terra, Deus começa a trabalhá-la, mas por meio da palavra, visto que a terra vai produzir seguindo as ordens de Deus:

Produza a terra relva, ervas que deem semente, e árvores frutíferas que deem frutos segundo a sua espécie, cuja semente esteja nela, sobre a terra. (*Gênesis* 1:11).

A terra, entendida aqui como solo e não planeta, é um espaço fértil, capaz de criar e de satisfazer a expectativa do criador.

A terra produziu relva, ervas que davam semente conforme a sua espécie, e árvores que davam fruto, cuja semente estava nele, conforme a sua espécie. E viu Deus que isso era bom. (*Gênesis* 1:12).

Após aprovar o nascimento e funcionamento da terra enquanto solo, Deus começou a formação do universo com a criação dos luminares, sol e lua, e das estrelas, com as respectivas funções de iluminar o dia e a noite e de determinar estações do ano e sinais, possivelmente de localização de espaços geográficos, nesta fala do criador, segundo o narrador, a terra é agora tratada como planeta, pois há o firmamento do céu e não mais o céu como firmamento único mostrado no versículo oito de *Gênesis* “ Chamou Deus ao firmamento céu. [...]”.

E disse Deus: Haja luminares no firmamento do céu, para fazerem separação entre o dia e a noite, e sejam eles para sinais e para estações, e para dias e anos, e sirvam no firmamento do céu, para iluminar a terra. E assim foi.

Fez Deus os dois grandes luminares: o luminar maior para governar o dia, e o luminar menor para governar a noite. Fez também as estrelas. Deus os pôs no firmamento do céu para iluminar a terra. (*Gênesis*: 1: 14-17).

A criação ou a reorganização dos mares é citada no relato de Moisés no primeiro capítulo:

E disse Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar; e apareça a porção seca. E assim foi.

E chamou Deus à porção seca Terra; e ao ajuntamento das águas chamou Mares. E viu Deus que era bom. (*Gênesis* 1: 9-10).

Como já havia água no universo informe e vazio narrado no *Gênesis*, é possível que o Deus dos hebreus tenha harmonizado as águas com a porção seca que ele criou e chamou de terra. E, da mesma forma que criou seres para viver na terra, também criou os que viveriam no mar.

Novamente a terra tem a função de produzir, não somente vegetais, mas agora, neste momento, seres viventes.

E disse Deus: Produza a terra seres viventes conforme a sua espécie; animais domésticos, répteis, animais selvagens conforme a sua espécie. E assim foi. (*Gênesis* 1:24).

Mas será que foi? Pois logo após, temos a seguinte afirmação:

Deus fez os animais selvagens conforme a sua espécie, e os animais domésticos conforme a sua espécie, e todos os répteis conforme a sua espécie. E viu Deus que isso era bom. (*Gênesis* 1: 25).

Diferentemente da terra que produziu os vegetais e recebeu o crivo da aprovação de Deus, vendo que era bom, temos um criador fazendo ele próprio os seres viventes e depois

vendo que isso era bom. Questionamos então: Será que a terra não conseguiu gerar seres que satisfizesse a expectativa de Deus, como fez da primeira vez com os vegetais? Os seres criados pela terra ficaram em seu interior, como os vermes, por exemplo? Não temos indícios de nossas suspeitas, mas o versículo vinte e seis nos faz pensar que a terra falhou nessa tarefa e por isso Deus fez os animais e começou a planejar um ser vivente mais complexo do que os criados primeiramente: o homem. Assim:

Então disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem e conforme a nossa semelhança; domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra, e sobre todos os répteis que se arrastam sobre a terra. (*Gênesis* 1:26).

Como observado, o criador fez os animais da terra, ou seja, esta é matéria-prima da criação dos seres viventes. Todavia, não tivemos marcas de planejamento de concepção dessas criaturas, pois, como é reafirmado no capítulo 2: 19 “Havendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todos os animais do campo e todas as aves do céu [...]”, eles foram formados não pela palavra como as plantas, mas pelo próprio artífice.

Seguindo o raciocínio de que a terra não mais é produtora a partir da palavra e que os seres viventes precisavam de uma complexidade que ela não era capaz de oferecer, acreditamos, pela narrativa sequenciada em vegetais, animais e homem, que Deus, novamente se utilizou da mesma matéria-prima para tessitura dos animais, que testou e viu que era bom, mas para concepção desse novo ser precisava de um modelo, visto que esse último elemento da criação talvez fosse mais complexo e já viesse dotado de um plano traçado para ele pelo criador, como pode ser visto na seguinte passagem:

Então disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra, e sobre todos os répteis que se arrastam sobre a terra. Assim Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou, macho e fêmea os criou.
Deus os abençoou e lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos; enchei a terra, e sujeitai-a. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre todas as aves dos céus e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra.
E disse Deus ainda: Tenho-vos dado todas as ervas que produzem semente, e se acham sobre a face de toda a terra, bem como todas as árvores em que há fruto que dá semente. Ser-vos-ão para mantimento. (*Gênesis* 1: 26-30).

4.2.2 O discurso do narrador nos capítulos um e dois de Gênesis

Criado o último elemento da cosmogonia, achamos por bem observarmos a construção do discurso de Moisés nesse trecho. Vimos que, no primeiro capítulo de *Gênesis*, Deus cria o universo por meio da palavra, então, vejamos as falas do criador: (1) “Haja luz.”; (2) “Haja

entre as águas um firmamento que (3) separe águas e águas.”, (4) “Ajuntem-se num só lugar as águas que estão debaixo do céu, e (5) apareça a parte seca.”, (6) “Cubra-se a terra de vegetação(...)”, (7) “Haja luminares no firmamento do céu para separar o dia da noite.”, (8) Sirvam eles de sinais para marcar estações, dias e anos, “ e (9) sirvam de luminares no firmamento do céu para iluminar a terra.”, (10) “Encham-se as águas de seres vivos, e (11) voem as aves sobre a terra.”, (12) “Sejam férteis e (13) multipliquem-se.”, (14) “Encham-se as águas dos mares!”, “E (15) multipliquem-se as aves na terra.”, (16) “Produza a terra seres vivos de acordo com as suas espécies (...)”, (17) “Façamos o homem a nosso imagem, conforme a nossa semelhança.”, “Domine ele (...), (18) “Sejam férteis e (19) multipliquem-se!”, (20) “Encham e (21) subjuguem a terra!”, (22) “Dominem sobre todos os animais que se movem pela terra.”

O capítulo um possui trinta e um versículos e vinte e duas formas imperativas, ou seja, mais de 70% das falas de Deus são mandatórias, isto é, ele manda e os seres, animados ou inanimados, são criados e, levando em conta a voz do narrador, parece-nos acontecer tudo isso de uma forma espontânea e imediata, visto que, logo após as tarefas realizadas, vêm as expressões:

“E houve tarde e manhã – primeiro dia”, “E houve tarde e manhã – segundo dia”, “E houve tarde e manhã – terceiro dia”, “E houve tarde e manhã – quarto dia”, “E houve tarde e manhã – quinto dia”, “E houve tarde e manhã – sexto dia”. (Gênesis 1:5-23).

Todavia, a formação do homem é diferente, pois a forma imperativa muda para primeira do plural “façamos” e não percebemos a criação do homem ocorrendo imediatamente, o que apreendemos ser um projeto de concepção da criatura a qual dominará sobre todos os seres da terra.

O homem que dominará sobre tudo que há na terra não possui predadores nem há predadores entre os animais e rebanhos,

E disse Deus ainda: Tenho-vos dado todas as ervas que produzem sementes, se encham sobre a face de toda terra, bem como todas as árvores em que há frutos que dá semente. Ser-vos-ão para mantimento.

E a todos animais da terra, a todas as aves do céu e a todos os seres viventes que se arrastam sobre a terra, tenho dado todas as ervas verdes como mantimento. E assim foi. (Gênesis 1: 29-30).

E com tudo criado e harmonicamente perfeito, Deus descansou da sua obra no sétimo dia, afirmando que tudo que havia feito era muito bom. Mas não podemos nos furtar a uma questão que é tão presente nas narrativas, mesmo essas sendo épicas, a temporalidade, também,

muitas vezes, questionada nas epopeias homéricas. Esses sete dias são literais? Davis (1983) nos mostra um estudo acerca da temporalidade no relato da criação em *Gênesis* e nos mostra uma visão diferente da narrada por Moisés, que diz claramente que Deus descansou no sétimo dia, oferecendo ao leitor uma ideia de que o universo foi criado em sete dias.

A narração geral fala de seis atos sucessivos, logicamente relacionados em grupos correspondentes a outros tantos dias. Todos os fatos parecem indicar que entre os seis dias sucessivos entrevieram longos períodos. A falta do artigo definido antes de cada dia enumerado, como esta na V.B. favorece esta suposição. A tradição paralela, como se encontra nos documentos babilônicos, refere-se claramente a intervalos nos atos sucessivos da criação e dá-lhes longa e demorada existência. (DAVIS, 1983, p. 131).

No capítulo 2, é introduzida uma nova personagem ao enredo: Eva. Contudo, é interessante notarmos como era o cenário antes de sua chegada. Consoante a narração, os quatro primeiros versículos reafirmam as obras realizadas por Deus, mas o versículo cinco contradiz a ideia de tudo pronto e formado do capítulo um:

Não havia ainda nenhuma planta do campo na terra; nenhuma erva do campo tinha brotado, pois o Senhor Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra, e também não havia homem para lavrar o solo. (*Gênesis* 2:5).

O versículo sete é de execução do projeto de criação do homem, o narrador agora detalha a tessitura do homem:

Formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida, e o homem tornou-se alma vivente. (*Gênesis* 2:7).

Não percebemos nenhum diálogo entre criador e criatura. O homem nasce adulto, conforme a imagem e semelhança de seu criador, todavia sem palavras ou qualquer outra ação ou gesto que merecessem ser expressos pelo narrador. Por não termos outro referente que nos torne capazes de entendermos como era fisicamente o homem nem também por que surgiu o nome Adão, inferimos apenas que há uma relação com o fato de o homem ter sido feito de barro ou pó, como reafirma o seguinte trecho:

Do suor do teu rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, porque dela fostes tomado; pois és pó, e ao pó tornarás. (*Gênesis* 3:19)

Ainda sobre a criação do homem, ou melhor, sobre a formação desse ser tão especial, não criado pela palavra, mas formado pelo próprio Deus, compreendemos um pouco mais de sua composição no *Salmo* 8,

Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que preparaste, que é o homem mortal para que te lembres dele; o filho do homem, para que o visites? Contudo, pouco menor do que Deus o fizeste, e de glória e de honra o coroaste. (*Salmo 8:3-5*).

A citação anteriormente reforça também a observação que fizemos sobre a sequência da criação dos elementos vivos: vegetais, animais e homem, ser com semelhança divina, que possivelmente foi criado para ser imortal. Sobre a criação do homem tendo como matéria-prima a terra, Flávio Josefo faz a seguinte narração.

Esse homem foi chamado Adão, que em hebreu significa “ruivo”, porque a terra de que ele foi formado era dessa cor, que é a cor da terra natural e a qual se pode chamar virgem. (JOSEFO, 2004, p. 19).

Então, Deus vai providenciar moradia para o homem, ou seja, vai criar um jardim no Éden,

Ora, plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, ao oriente, e pôs ali o homem que tinha formado. (*Gênesis 2:8*).

A descrição do jardim nos mostra um lugar agradável, propício para o novo ser formado. Após colocar o homem no jardim, sem percebermos qualquer esboço de expressão do homem no tocante a esse presente de Deus, temos novamente a personalidade aconselhadora de Deus,

Ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal dela não comerás, pois no dia em que dela comeres, certamente morrerás. (*Gênesis 2: 16-17*).

Também percebemos que o jardim foi criado no Éden, mas o narrador não nos informa o que é ou onde é esse lugar. Então vejamos as seguintes citações das Sagradas Escrituras para assim termos uma ideia mais clara desse espaço escolhido por Deus para o homem, ou seja, o jardim do Éden, o qual tem a seguinte descrição paisagística.

O Senhor Deus fez brotar da terra toda árvore agradável à vista e boa para comida, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal. (*Gênesis 2:9*).

Do lugar chamado Éden saía um rio cujo nome o narrador não diz, mas descreve como o rio que se dividia ao passar pelo jardim.

E saía um rio do Éden para regar o jardim; e dali se dividia e se tornava em quatro braços. (*Gênesis 2:10*).

A partir da extensão dos braços do rio do Éden, as Escrituras nos mostram onde era, possivelmente, o Éden e o próprio jardim.

O nome do primeiro é Pison; este é o que rodeia toda terra de Havilá, onde há ouro. E o ouro dessa terra é bom; ali há o obdélion e a pedra sardônica. E o nome do segundo rio é Gion; este é o que rodeia toda a terra de Cuxe. E o nome do terceiro rio é Hidéquel; este é o que vai para a banda do oriente da assíria; e o quarto rio é o Eufrates. (*Gênesis* 2:11-14).

Flávio Josefo faz a seguinte descrição sobre o jardim do Éden.

O jardim era regado por um grande rio, que o rodeava completamente e se dividia em quatro outros rios. O primeiro desses rios, chamado Pison, que se significa “plenitude” e o qual os gregos chamam Canges, corre para a Índia e desemboca no mar. O segundo, que se chama Eufrates e Fora, em nossa língua, significa “dispersão” ou “flor”, e o terceiro, a que chamam Tigre ou Diglath, que significa “estreito e rápido” ambos desembocam no Mar Vermelho. O quarto, de nome Gion, que significa “que vem do oriente”, é chamado Nilo pelos gregos e atravessa todo o Egito. (FLÁVIO JOSEFO, 2004, p. 19).

De acordo com as informações dos nomes dos rios, das cidades ou povoados, temos que a região do Éden se estende da Arábia até a Babilônia, como pode ser visto no verbete do dicionário de Davis (1983) e pelo relato de Heródoto sobre o rio Eufrates.

Nome de um distrito da Arábia, povoado em parte por cusitas e em parte por jetanitas, povo de raça semítica. A associação deste nome com Asarmote e outros lugares, dá a entender que este distrito ficava no centro da Arábia. (DAVIS, 1983, p. 263).

De acordo com Heródoto.

Assim foi construída a muralha da Babilônia. A cidade se compõe de dois lados, pois é dividida ao meio por um rio, cujo nome é Eufrates, vindo do território dos armênios; trata-se de um rio caudaloso, profundo e de curso veloz, cuja foz é no mar Eritraios. (HERÓDOTOS, 1985, p. 76).

Assim, pelo que foi pesquisado, temos que a parte referente ao primeiro lar da raça humana, na narrativa de *Gênesis*, encontra-se possivelmente, na região da Arábia à Babilônia.

Voltando aos personagens da narrativa em estudo, a ordenança de Deus foi dirigida apenas ao homem, pois Eva ainda não tinha sido criada, logo a advertência não foi proferida ao casal. Assim, era a árvore um teste para obediência do homem? Sendo o homem criado à imagem, conforme a semelhança de Deus, era desprovido de qual conhecimento? Nenhum desses questionamentos foi levantado pelo homem naquele momento. Também não houve por parte desta concordância ou discordância com a ordem ministrada por Deus, pois, até este momento da narrativa, não percebemos nenhuma fala ou expressão do homem.

A ausência de reações da personagem Adão, a pouca descrição, física e/ou psicológica da personagem, e do espaço Éden nos remete ao texto *A cicatriz de Ulisses*, de Auerbach (2003), este faz o seguinte comentário sobre a forma da narrativa bíblica, em um estudo sobre o episódio do sacrifício de Isaque, filho de Abraão, e expõe que o texto bíblico, neste caso uma narrativa também de *Gênesis*, só apresenta aquilo que quer que seja iluminado pelo narrador.

Só é acabado formalmente aquilo que nas manifestações interessa à meta da ação; o restante fica na escuridão. Os pontos culminantes e decisivos para a ação são os únicos a serem salientados; o que há entre eles é inconsistente; tempo e espaço são indefinidos e precisam de interpretação; os pensamentos e os sentimentos permanecem inexprimidos; só são sugeridos pelo silêncio e por discursos fragmentários. (AUERBACH, 2003, pág. 9).

Ainda em um contexto em que só há o homem e seu criador, o narrador, em discurso direto, mostra uma observação de Deus sobre a sua criatura.

Disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só. Far-lhe-ei uma adjutora que lhe corresponda. (*Gênesis* 2:18).

A quem o criador estava fazendo essa afirmação e por que no tempo futuro, se as criações anteriores, inclusive o projeto de criação do homem, tinham ação de presente? Por que ele chegou a essa conclusão? Fazemos essas indagações, pois não há registro no texto de diálogo entre Deus e o primeiro homem.

O versículo dezenove do capítulo dois afirma que todos os seres vivos foram criados da terra, formados por Deus.

Havendo, pois o SENHOR Deus formado da terra todo animal do campo e toda ave do céu, os trouxe a Adão, para este ver com lhes chamaria; e tudo o que Adão chamou a toda a alma vivente, isso foi o seu nome. (*Gênesis*. 2:19).

Não é uma descrição detalhada como foi a do homem, mas também quebra a ilusão de imediatismo apresentada no capítulo um. Além disso, apresenta-nos um pouco da relação do criador e o homem, pois, após a criação dos seres, Deus os trouxe a Adão para que este lhes atribuísse um nome, ou seja, parte do projeto do domínio do homem sobre os animais se desenhava, porque os animais não se autoneavam nem Deus os nomeava, mas concedeu a Adão essa tarefa, o qual a realizava sem detalhamento do narrador, cujo esclarecimento que oferece ao leitor é: “Mas para o homem não lhe achava adjutora que lhe correspondesse”. Esse trecho, segunda parte do versículo vinte, faz-nos indagar: Deus apresentou a Adão os animais e lhe concedeu a oportunidade de procurar entre eles uma companhia mais próxima e o homem não conseguiu encontrá-la porque não percebeu uma compatibilidade reprodutiva da espécie humana? Deus estava procurando entre os animais algum que correspondesse ao homem e não

encontrou por isso utilizou a forma futura “far-lhe-ei”? De qualquer forma, o relevante nessa passagem é observarmos que antes de Eva, houve um projeto de criação da raça humana formada por machos e fêmeas e que a parte feminina da humanidade foi criada posteriormente embora esse distanciamento entre as duas criações não fique clara na seguinte passagem:

Assim Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou, macho e fêmea os criou.

Deus os abençoou e lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos; enchei a terra, e sujeitai-a. Dominai sobre os peixes do mar, sobre todas as aves dos céus e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra.

E disse Deus ainda: Tenho-vos dado todas as ervas que produzem semente, e se acham sobre a face de toda a terra, bem como todas as árvores em que há fruto que dá semente. Ser-vos-ão para mantimento. (*Gênesis* 1: 27-29).

4.2.3 A possível omissão de Lilith no discurso de Moisés

O trecho de *Gênesis* 1: 27-29 não deixa perceptível que o mito de Lilith está na cosmogonia de *Gênesis* narrada por Moisés, porque, apesar das formas plurais, não houve, por parte do narrador, a clareza, no tempo da narrativa, acerca da presença de um outro ser criado ao mesmo tempo e com a mesma matéria-prima de Adão, apesar de o texto oferecer ao leitor uma ideia de ambos, macho e fêmea, terem sido, no mínimo, plasmados concomitantemente e as ordenanças de frutificar, multiplicar-se e dominar encontrarem-se no plural.

E criou Deus o homem à sua imagem e semelhança; a imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou. E Deus os abençoou e Deus lhes disse: Frutificai, e multiplicai-vos e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra. E disse Deus: Eis que vos tenho dado toda erva que dá semente e que está sobre a face de toda a terra e toda árvore em que há fruto de árvores que dá semente; ser-vos-ão para mantimento. (*Gênesis* 1: 27-29).

Assim, com a ausência de elementos que expressem um nascimento após o outro, com o conhecimento de que Moisés pertencia à nação dos hebreus e que a narrativa de *Gênesis* é proveniente deste povo, e ainda com o estudo que realizamos sobre a localização do jardim do Éden na região da Mesopotâmia, vamos apresentar, neste trabalho, mais adiante, Lilith, uma personagem do folclore hebreu que, segundo as lendas hebraicas e da região da Mesopotâmia, foi o ser feminino nascido concomitante a Adão e, conseqüentemente, formado da mesma matéria-prima que ele.

4.2.4 A matéria-prima utilizada na formação dos seres e as fases nebulosas de Lilith

É apenas no versículo vinte e dois do segundo capítulo de *Gênesis* que Eva é criada, o que nos comprova o distanciamento nas criações narradas no capítulo 1: 27-29.

E da costela que o Senhor Deus tomou do homem formou uma mulher, e trouxe-a a Adão. (*Gênesis* 2: 22).

Outro fator relevante sobre o aparecimento de Eva diante de Adão é a expressão que este demonstra diante da mulher dada a ele pelo próprio Deus como uma forma de resolver o problema da solidão que o homem enfrentava.

18) E disse o Eterno Deus: “Não é bom que esteja o homem só; far-lhe-ei uma companheira frente a êle; [...] 21) E fêz o Eterno Deus cair um sono pesado sôbre o homem e (êste) adormeceu; e tomou uma das suas costelas e fechou (com) carne o seu lugar. 22) E fêz o Eterno Deus (da) costela que tinha tomado do homem, uma mulher, e a trouxe ao homem. 23) E disse o homem: *Esta vez é ôsso dos meus ossos e carne da minha carne; a esta será chamada mulher, porque do homem foi tomada esta.* 24) Portanto, deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e unirá-se à sua mulher, e serão uma (só) carne. 25) E estavam ambos nus, o homem e sua mulher, e não se envergonhavam. (*Gênesis*. MELAMED, p. 16, 1962, sem grifos no original).

A matéria-prima da criação de Eva é diferente da utilizada para plasmar Adão, mas o processo de criação é o mesmo, isto é, por tessitura e de forma detalhada. Analisando este novo processo, teremos uma continuação da cosmogonia com um ser criado com um propósito de resolver o problema da solidão do homem. Eva, no entanto, não foi criada com a mesma matéria-prima de Adão, ou seja, a terra, mas foi formada de uma parte do corpo do homem, a costela. Assim, percebemos uma mudança de matéria-prima, então, seguindo a sequência da criação, temos: a terra criadora, a terra matéria-prima dos seres vivos e Adão, matéria-prima de Eva. Mas como não podemos deixar de citar Lilith, pois, mesmo não estando explicitamente na narrativa de *Gênesis*, de acordo com o folclore hebreu e as lendas da região da Mesopotâmia, é elemento constante nesta cosmogonia e, respeitando a cronologia deste enredo em análise, vamos apresentar sequencialmente Lilith e depois Eva.

De acordo com o estudo de Kaltuv (1986), o Talmud, edição hebraica e inglesa de *The Babylonian Talmud*, organizada pelo rabi I. Epstein e publicada pela Socino Press, Londres, 1978, traz a seguinte descrição física de Lilith.

Lilith, um notório demônio noturno, possui longos cabelos (B.Er. 100b).
Lilith, demônio feminino da noite, tem um aspecto humano, mas também tem asas (B. Nido 24b). (KALTUV, 1986, p. 11).

Segundo Ruphael Patai, apud Kaltuv (1986) na obra *Gates to the Old City*, Nova York, Avon, 1980, p. 464.

Diz-se que, da cabeça até o umbigo, o corpo de Lilith é o de uma bela mulher; porém, do umbigo para baixo, ela é um fogo abrasador. (KALTUV, 1986, p. 20).

Ainda segundo Kaltuv (1986).

Lilith, um irresistível demônio feminino da noite, de longos cabelos, sobrevoa as mitologias suméria, babilônia, assíria, cananéia, persa, hebraica, árabe e teutônica. (KALTUV, 1986, p. 13).

Nossa pesquisa sobre Lilith ultrapassa essas regiões, chegando até a cultura grega, e, quanto à temporalidade, encontramos o mito de Lilith repercutindo em várias literaturas incluindo as atuais. Assim, mostraremos algumas versões desse mito em discussão em algumas culturas.

4.2.4.1 Lilith hebraica

De acordo com Davis (1983), Lilith, para os hebreus, tem a seguinte tradução:

Tradução do hebreu Lilith, ser noturno, monstro que frequenta as ruínas das cidades que se encontram em Gileade, Basã, Libano e no vale do Jordão quebrando o silêncio da noite com os seus gemidos. (DAVIS, 1983, pág. 353).

Para embasar Lilith como ser noturno, Davis (1983) indica como referência o livro de *Isaías*.

Aí vão se encontrar o gato do mato e a hiena, o cabrito selvagem chamará seus companheiros: aí Lilith vai descansar, encontrando lugar de repouso. (*Isaías*, 34: 14, Prado 91, p. 978).

É interessante ressaltar que este capítulo trinta e quatro de *Isaías* é uma admoestação a Edom, região ocupada pelos descendentes de Edom ou Esaú, antes chamada de monte Seir.

Jacó enviou mensageiros adiante de si a Esaú, seu irmão, à terra de Seir, território de Edom. (*Gênesis* 32: 3).

A região de Edom era montanhosa e extremante acidentada e o nome Seir, segundo Davis (1983), em hebraico, significa sátiro, bode, designando os animais selvagens ou demônios, que dançavam entre as ruínas da Babilônia.

Babilônia, o ornamento dos reinos, a glória e a soberba dos caldeus, será como Sodoma e Gomorra, quando Deus as transtornou. Nunca mais será habitada, nem reedificada de geração em geração; o árabe não armará ali a sua tenda, nem os pastores ali farão deitar os seus rebanhos. Mas as feras do deserto repousarão ali, e as suas casas se encherão de chacais; ali habitarão as corujas, e os bodes selvagens pularão ali. As hienas gritarão umas às outras nos seus palácios de prazer. (*Isaías*, 13: 19-22).

Ainda de acordo com Davis (1983), sátiro é para os hebreus da época babilônia:

Nome de um deus rústico dos gregos e romanos, companheiro de Baco. A princípio apresentavam-no com longas orelhas pontiagudas, nariz chato e cauda de bode. Depois, acrescentaram-lhe também pernas de cabra. Emprestavam-lhe uma natureza de sensualidade brutal. (DAVIS, pág. 543).

Assim, seguindo os passos do estudo de Davis (1983), entendemos por que no folclore popular hebreu medieval, Lilith, por causa da associação com os sátiros e por ter sido a primeira mulher criada por Deus com a mesma matéria-prima de Adão, mas que o abandonou, partindo do jardim do Éden, por causa de uma disputa sobre igualdade dos sexos, passou a ser descrita como um demônio.

E, para entendermos melhor essa demonização de Lilith, vamos buscar subsídios no estudo de Barbara Black Koltuv, na obra *O Livro de Lilith*, que tem como uma das referências de pesquisa a edição hebraica e inglesa de *The Babylonian Talmud*, o qual traz as seguintes referências de Lilith nas mitologias Mesopotâmicas.

Lilith, um irresistível demônio feminino da noite, de longos cabelos, sobrevoa as mitologias sumérias, babilônia, assíria, cananea, persa, hebraica, árabe e teutônica. Durante o terceiro milênio antes de Cristo, na suméria, ela foi, a princípio, Lil, uma tempestade destruidora ou espírito do vento. Entre os semitas da Mesopotâmia, ela ficou conhecida como Lilith, que, mas tarde, ao confabular com layil (a palavra hebraica para noite), tornou-se Lilith, um demônio noturno que agarra os homens e as mulheres que dormem sozinhos, provocando-lhes sonhos eróticos e orgasmos noturnos. (*Talmude Babilônico apud KOLTUV, 1986*).

Uma referência acerca de Lilith que a apresenta como a primeira mulher criada por Deus, antes de Eva, no folclore da mitologia Mesopotâmica, é um texto medieval intitulado *Alpha Beta Ben Sira* que narra como o rei Nabucodonosor teve ciência do mito de Lilith conhecido pelo povo hebreu.

Logo depois, o jovem filho do rei adoeceu. Disse Nabucodonosor: “Cure meu filho. Se você o macular, eu mato você. Ben Sira imediatamente se sentou e escreveu um amuleto com o Santo Nome, e inscreveu os anjos encarregados da medicina por seus nomes, formas e imagens, e por suas asas, mãos e pés. Nabucodonosor olhou para o amuleto. “Quem são estes?”.

“Os anjos encarregados da medicina são: Snyi, Snsyi e Smnglof. Depois que Deus criou Adão, e ele estava sozinho, ele disse: ‘Não é bom que o homem fique sozinho (Gênesis 2:18). Ele então criou uma mulher para Adão, da terra, como havia criado o próprio Adão, e a chamou de Lilith. Adão e Lilith imediatamente começaram a brigar. Ela disse: ‘Eu não vou ficar embaixo’, e ele disse: ‘Eu não vou ficar embaixo de você, mas apenas em cima. Pois você está apta apenas para estar na posição inferior, enquanto eu devo estar na posição superior’, Lilith respondeu: ‘Somos iguais um ao outro, porque fomos criados da terra’. Mas eles não quiseram ouvir um ao outro. Quando Lilith viu isso, pronunciou o Nome Inefável e voou para o ar. Adão estava em oração diante de seu Criador: ‘Ó soberano do universo!’, e ele disse, “a mulher que você me deu fugiu”. Imediatamente, o Santo, bendito seja Ele, enviou esses três anjos para trazê-la de volta”.

“Disse o Santo a Adão: ‘Se ela concordar em voltar, tudo bem. Caso contrário, ela deve permitir que cem de seus filhos morram todos os dias’. Os anjos deixaram Deus e perseguiram Lilith, a quem eles alcançaram no meio do mar, nas poderosas águas

em que os egípcios estavam destinados a se afogar. Eles disseram a palavra Gos, mas ela não queria voltar. Os anjos disseram: ‘Afogar-te-emos no mar. ‘Deixe-me!’ ela disse. ‘Fui criada apenas para causar doenças aos bebês. Se o bebê for do sexo masculino, eu o domino por oito dias após o nascimento e, se for do sexo feminino, por vinte dias’.

“Quando os anjos ouviram as palavras de Lilith, eles insistiram que ela voltasse. Mas ela lhes jurou pelo nome do Deus vivo e eterno. “Sempre que ver vocês ou seus nomes ou suas formas em um amuleto, não terei poder sobre esse bebê. Ela também concordou em morrer-lhe cem filhos todos os dias. Conseqüentemente, todos os dias cem demônios perecem, e pela mesma razão, escrevemos os nomes dos anjos nos amuletos das crianças. Quando Lilith vê o nome deles, ela se lembra do juramento e a criança se recupera¹. (STERN & MIRSKY, 2001, p. 194-195).

Sobre a narrativa de Ben Sira é interessante notar alguns pontos, como a discussão de Lilith e Adão sobre igualdade de direitos, ainda que em aspecto sexual, é semelhante ao discurso utilizado por Hera quando relembra ao marido, Zeus, a origem de ambos.

Os meus trabalhos, contudo, não devem ficar infrutuosos.

Sou também deusa imortal e a mesma ascendência que tens também tenho.

Filha mais velha de Cronos, deidade de mente tortuosa. (HOMERO, *Ilíada*. Canto IV, v. 57-59).

Por causa da revolta de Lilith e de sua desobediência à ordem de voltar para companhia de Adão, ela, no folclore popular hebreu medieval, passou a ser descrita como um demônio que prefere ser punida diariamente com a morte de cem filhos e ter uma prática diferente da que tinha quando estava em companhia de Adão a voltar ao Éden, mesmo sendo, de acordo com a lenda, um ser maligno limitado pelos anjos de Deus e presa a um juramento que demonstra o

¹ Tradução livre da versão inglesa de David Stern e Mark Jay Mirsky: Soon afterward the young son of the king took ill. Said Nebuchadnezzar, “Heal my son. If you dot, I will kill you.” Ben Sira immediately sat down and wrote an amulet with the Holy Name, and he inscribed on it the angels in charge of medicine by their names, forms, and images, and by their wings, hands, and feet. Nebuchadnezzar looked at the amulet. “Who are these?”. “The angels who are in charge of medicine: Snyi, Snsyi, and Smnglof. After God created Adam, who was alone, He said, ‘It is not good for man to be alone (Genesis 2:18). He then created a woman for Adam, from the earth, as He had created Adam himself, and called her Lilith. Adam and Lilith immediately began to fight. She said, ‘I will not lie below,’ and he said, ‘I will not lie beneath you, but only on top. For you are fit only to be in the bottom position, while I am to be in the superior one.’ Lilith responded, ‘We are equal to each other inasmuch as we were both created from the earth.’ But they would not listen to one another. When Lilith saw this, she pronounced the Ineffable Name and flew away into the air. Adam stood in prayer before his Creator: ‘sovereign of the universe!’ he said, ‘the woman you gave me has run away.’ At once, the Holy One, blessed be He, sent these three angels to bring her back. “Said the Holy One to Adam, ‘If she agrees to come back, fine. If not, she must permit one hundred of her children to die every day. ‘The angels left God and pursued Lilith, whom they overtook in the midst of the sea, in the mighty waters wherein the Egyptians were destined to drown. They told her Gos word, but she did not wish to return. The angels said, ‘We shall drown you in the sea’. ‘Leave me!’ she said. ‘I was created only to cause sickness to infants. If the infant is male, I have dominion over him for eight days after his birth, and if female, for twenty days.’. “When the angels heard Lilith’s words, they insisted she go back. But she swore to them by the name of the living and eternal God: ‘Whenever I see you or your names or your forms in an amulet, I will have no power over that infant. ‘She also agreed to have one hundred of her children die every day. Accordingly, every day one hundred demons perish, and for the same reason, we write the angel names on the amulets of young children. When Lilith sees their names, she remembers her oath, and the child recovers.”

quanto ela é aplacável, pois só a menção aos nomes dos anjos já a impede de realizar sua ação mortal às crianças, ou seja, ela perde cem de seus demônios todos os dias, mas só tem condições de agir contra aqueles que desconhecem o poder dos anjos de Deus.

Quando o povo hebreu entrou em contato com a cultura babilônica, em uma época tardia, percebeu uma outra versão do ato de Lilith de abandonar Adão, pois viu que, na Mesopotâmia, ela é comparada à lua negra, à sombra do inconsciente, ao mistério, ao poder, ao silêncio, à sedução, à tempestade, à escuridão e à morte. Representando também a força feminina, aquela que busca sua afirmação e a igualdade. Como está representada no dicionário de símbolos.

Lilith foi uma deusa muito cultuada na mesopotâmia, comparada à lua negra, à **sombra do inconsciente**, ao **mistério**, ao **poder**, ao **silêncio**, à **sedução**, à **tempestade**, à **escuridão** e à **morte**. (www.dicionariosdesimbolos.com.br)

Complementando e também discordando do pensamento de Lilith como um demônio satisfeito em ser livre das leis de Deus e, por isso, fadada ao castigo eterno, encontramos esse estudo da *Cabala*, realizado por Theodore H. Gaster, na obra *Myth, Legend and Custom in the Old Testament* sobre o comportamento de Lilith no deserto.

Uma vez que, pelo processo, cabalístico da gematria, a soma das letras do nome de Lilith é igual à soma da palavra "guincho", Lilith, muitas vezes, é chamada de o demônio que guincha. Conta-se que Lilith passa todo o Dia de Reconciliação, o mais sagrado dos dias sagrados, travando uma batalha de guinchos com Mahalath, uma das concubinas de Samael. Elas se insultam mutuamente ali no deserto até suas vozes se elevarem aos céus, e a Terra tremer sob seus gritos agudos. Acredita-se que seus guinchos têm o objetivo de abafar as preces dos justos. Talvez seja também mais um esforço da parte de Lilith de ser ouvida por Deus e de erguer-se acima de seu papel de proscrita espiritual. (KALTUV, 1986, p. 46).

2.6.3.1 Lilith suméria

Os sumérios também têm uma versão de Lilith sob o nome *Lilitu*, apareceu primeiramente representando uma categoria de demônios ou espíritos de ventos e tormentas na Suméria por volta de 3 000 a.C. Muitos estudiosos atribuem a origem do nome fonético *Lilite* por volta de 700 a.C. Na Suméria e na Babilônia, ela, ao mesmo tempo que era cultuada, era identificada com os demônios e espíritos malignos. Seu símbolo era a lua, pois assim como a Lua ela seria uma deusa de fases boas e ruins. Outros pesquisadores assimilam-na a várias deusas da fertilidade, assim como deusas cruéis devido ao sincretismo com outras culturas.

A Mitologia Mesopotâmica diz que ela é também associada a um demônio feminino da noite que se originou na antiga Mesopotâmia. Era associada ao vento e, pensava-se, por isso,

que ela era portadora de mal-estares, doenças e até mesmo da morte. Porém, algumas vezes ela se utilizaria da água como uma espécie de portal para o seu mundo.

De acordo com J. Gordon Melton, Lilith é “uma das mais famosas figuras do folclore hebreu, originou-se de um espírito maligno tempestuoso e mais tarde se tornou identificada com a noite”. A referência mais antiga à personagem está no épico babilônico de Gilgámesh em que está narrado o seguinte conto de Samuel Kramer, na obra *Sumerian Mythology*.

Havia certa vez uma *árvore-huluppu*, talvez um salgueiro; ela foi plantada, nos primórdios do tempo, nas margens do Eufrates. Em sua base, a serpente "que desconhece qualquer encanto" construiu seu ninho. Em sua copa, o pássaro-Zu - uma criatura mitológica que, às vezes, fomenta o mal depositou seus filhotes. No meio, Lilith, a jovem da desolação, construiu sua casa. Então Gilgamesh, o grande herói sumério, vestiu sua armadura, que pesava cinquenta minas – aproximadamente cinquenta libras - e com seu "machado da estrada", de sete talentos e sete minas de peso - cerca de quatrocentas libras -, matou, na base da árvore, a serpente "que desconhece qualquer encanto". Ao ver isso, o pássaro-Zu fugiu com seus filhotes para a montanha e Lilith desfez sua casa, fugindo para as regiões desérticas que estava costumada a frequentar. Expulsa pela espada heróica da consciência masculina de Gilgamesh, ou fugindo do direito divino de Adão de dominá-la, Lilith escolhe o deserto. Ela não será abatida, nem sujeitada. Ela não se submeterá. (Samuel Kramer *apud* KALTUV, 1986, p. 43).

Percebemos que as histórias sobre Lilith acontecem no deserto e são tantos os fatos narrados que alguns acreditam ser mais de uma Lilith.

Os mitos da permanência de Lilith no deserto abundam de uma energia ígnea, violenta, demoníaca, dupla e copuladora. Os antigos escreveram que há duas Liliths, uma pequena e outra grande. A Lilith grande, a Lilith Avó, é a esposa de Samael, rei dos Demônios, e uma Mulher Devassa. A Lilith pequena, Lilith a Moça, é a esposa de Ashmodai, também um rei dos Demônios. Há muito ciúme entre Samael, o príncipe supremo, e Ashmodai no que se refere a Lilith. Há também discussões e hostilidades entre Lilith a Filha (ou Moça) e a Lilith Avó. No Dia da Reconciliação, Lilith e as 420 legiões de demônios sob seu controle avançam pelos desertos. Elas marcham e ela emite guinchos, como afirmam os cabalistas, pois é a princesa do guincho e, em seu íntimo, não há nenhuma boa intenção. Ela deseja apenas desencadear a guerra e todos os tipos de destruição. Ela não é outra coisa senão uma fornicadora no mundo. (KALTUV, 1986, p. 53).

Os cabalistas têm a seguinte versão sobre o povoamento do mundo, em uma narrativa em que Adão e Lilith produziram, por 130 anos, uma prole demoníaca.

Os cabalistas dizem que, durante a permanência de Lilith no deserto, um espírito de sedução dela emergiu. Ela levantou queixas contra o atributo divino, o Fundamento do Mundo. Durante os 130 anos depois da queda, no decorrer dos quais Adão esteve separado de Eva, Lilith conseguiu seduzi-lo e, desse modo, povoar o mundo com espíritos, demônios e *Lilim*, (KALTUV, 1986, p. 56).

Sobre o tema da queda de Adão ao comer do fruto proibido e da suposta separação de Adão e Eva, culminando com um adultério com Lilith, o *Zohar* tem a seguinte narrativa.

Segundo o Zohar (1 54b), depois da queda, Adão decidiu fazer penitência pelo seu pecado, abstendo-se de ter relações com Eva durante 130 anos. De acordo com o rabi Mier, no Talmud, Adão cobriu a cintura com espinhosos ramos de figueira para evitar o ato sexual com Eva. Durante esse tempo, Lilith visitou Adão enquanto ele dormia sozinho, sonhando, e se satisfazia, montada nele, provocando-lhe poluções noturnas. As criaturas nascidas dessa união são chamadas de os "flagelos da humanidade". O Zohar prossegue dizendo que Lilith se esconderá nos vãos das portas, em poços e latrinas, e continuará a desencaminhar os homens até o dia do juízo final. Como diz o rabi Simeão: "Ai da cegueira dos filhos dos homens que não percebem o quanto a Terra está repleta de seres estranhos e invisíveis... como Lilith... que se misturam aos homens e neles despertam a concupiscência que conduz à poluição" (Zohar 1 55a). (Zohar *apud* KALTUV, 1986, p. 60).

O livro de *Zohar* traz histórias narradas no antigo testamento da Bíblia como atos engendrados por Lilith e outros demônios fêmeas que tinham como plano destruir o mundo.

O *Zohar* afirma que, a partir das emanções de Samael e Ashmodai, Lilith gerou um estranho e maligno exército, destruidor do mundo Acima e Abaixo. Há uma duplicação da fêmea demoníaca na história cabalística, segundo a qual as duas prostitutas que compareceram diante do rei Salomão, disputando seus filhos recém-nascidos, eram, na verdade, Lilith e Igrat. Lilith é, aqui, a estranguladora de bebês, e Igrat, a sedutora do rei Davi quando este dormia em seu acampamento no deserto. Conta-se que Igrat copulou com Davi em seu sonho, dele engravidou e deu à luz o rei de Edom que, neste mito, era na verdade Ashmodai, rei dos Demônios. Mais tarde, Ashmodai destituiu Salomão de sua realeza e sentou-se no trono que lhe pertencia. O mito também inclui o relato de que Lilith e Igrat estrangularam o filho da mulher sulamita, acrescentando, em seguida, que havia quatro dessas rainhas do deserto: Lilith, Igrat, Mahalath e Naamah. (KALTUV, 1986, pág. 55).

2.6.3.4 Breve comentário sobre a trajetória de Lilith

Não podíamos nos furtar de um comentário sobre a personagem Lilith, pois a trajetória dele é realmente singular. Mas voltando ao fato de que, de acordo com o folclore hebreu, Lilith não aceitava ser submissa a Adão porque foi tecida pela mesma matéria-prima, temos que lembrar ao leitor deste trabalho que os animais também são da mesma matéria de que foi formado Adão, assim, este argumento parece ser um tanto irrelevante para insubmissão e abandono do Éden, pois a matéria-prima utilizada não era provida de poder algum e nem exclusiva para a criação da raça humana. No entanto, é possível que a insurreição de Lilith tenha surgido pela insatisfação do papel social que Adão imprimia à relação, visto que partindo do princípio da criação dos dois com a mesma matéria-prima e como mesmo processado de tessitura, ambos deveriam exercer o mesmo poder ou direito sobre os elementos do Jardim, no caso os animais e as árvores.

Assim, levando em conta o cenário pintado pela cultura dos povos da Mesopotâmia, especificamente a registrada no folclore hebreu, é possível acreditar que o protagonismo de Adão vinha sufocando o de Lilith, deixando-a insegura quanto a sua existência no Éden,

disponibilizando a ela apenas o papel de parte submissa ou simplesmente mais fraca da relação homem-mulher.

Destarte, a não aceitação desse papel pode ser um dos motivos que levou essas culturas a associar Lilith ao mal, ou pelo menos, a algo que não é divino e, por isso, para esses povos, deve ser repudiada, banida dos ciclos sociais e familiares e bastante temida. Também, é comum nas culturas hebraica, babilônica e suméria, vê-la como uma figura feminina insubmissa, tanto ao homem com quem, de acordo com o pensamento dessas culturas, deveria viver obedecendo, quanto ao criador, que não aceitou a fuga dela para longe do Jardim do Éden. Lilith, então, foi demonizada e, embora receada pelos homens, o comportamento de negação dessa aos valores impostos pelos homens dessas sociedades precisa ser evitado pelas outras mulheres, possivelmente, tida também por estas como uma ameaça aos filhos, ao casamento, ou seja, a tudo que o universo masculino mesopotâmico pensou para suas esposas, mães e filhas.

Assim, ao cabo desta pequena explanação acerca de uma personagem tão preta de mistérios a ser revelados, ou pelo menos conhecidos, percebemos que a recepção de um mito em uma determinada cultura tem aspectos diferentes, sejam esses positivos ou negativos, e quando se trata de um ser feminino, ou melhor dizendo, mulher, a aceitação é repleta de elementos que devem ou não ser refutados pelos que se acham guardiões dos costumes, da religião e até mesmo da fé de um povo. Dessa forma, a mulher criada pelo imaginário masculino tem que obedecer aos ditames da cultura do homem que a canta ou narra, pois, se assim não se desenhar, é apagada da história contada e/ou demonizada para que seu comportamento seja abominável aos olhos daqueles e daquelas que compõem a sociedade dita perfeita, dentro da moral e dos bons costumes. Assim, cabe a nós a pergunta que grita em nossas mentes: quais são e para quem são esses bons costumes? Como se trata de uma pergunta retórica, melhor é lembrar que uma personagem tão distante do perfil imaginado por Moisés, quando comparamos Lilith e Eva, não cabe no enredo de *Gênesis*, mas pensamos ser pertinente buscar a partir do que está revelado implícito ou explicitamente elementos que compõem a narrativa em tela.

4.3 Análise do perfil das personagens: Deus e Adão

Voltando à narrativa de *Gênesis*, visto que *Lilith é personagem do folclore hebreu*, provavelmente a solidão incomodava o primeiro homem e isso despertou em Deus uma preocupação, o que nos mostra que o criador observava sua criatura e que estava disposto a resolver o problema dela.

Deus, vendo que Adão estava sozinho, enquanto os outros animais tinham cada qual uma companheira, quis também dar-lhe uma consorte. Para isso, quando ele estava adormecido, tirou-lhe uma das costelas, da qual formou a mulher. E, logo que Adão a viu, percebeu que ela havia sido tirada dele e que era parte dele mesmo. (JOSEFO, 2004, p. 19).

Vale ressaltar que, até este momento da narrativa de *Gênesis*, temos os seguintes perfis das personagens apresentadas: um criador afeito a proferir ordens ou conselhos, e uma criatura sem voz, calada diante de tudo que até então a ela foi apresentada. Um criador que não deu nome a sua criatura, mas lhe concedeu, sobre a terra e todos os outros seres viventes, autoridade, inclusive, para nomeá-los. Uma criatura não questionadora, mas, possivelmente, observadora, pois a falta de companhia correspondente, provavelmente, no quesito reprodução, fazia-o procurar entre as outras criaturas um ser capaz de perpetuar a espécie humana. Um criador que concedeu à criatura sua imagem e semelhança, mas a proibiu de obter o conhecimento que pertencia a Deus e aos que com ele compartilhavam o saber proibido ao homem, por meio do fruto da árvore do conhecimento, colocada no meio do jardim sem nenhuma explicação prévia ou posterior.

Vemos, destarte, uma relação sem diálogos, porém amistosa e harmônica, visto que o criador prouver a criatura, a qual retribui realizando as tarefas as quais lhe são conferidas. A ausência de diálogo não é uma marca de que Adão conhece os planos de Deus para ele ou que seja ciente dos acontecimentos futuros no Éden, mas parece ser uma característica da narrativa de Moisés. Era, por certo, sempre observado pelo criador e o silêncio entre eles é uma marca da onisciência de Deus, que conhece a necessidade da criatura ainda que dela não escute descontentamentos. Assim, percebemos que Adão não era consciente dos planos de Deus para a vida dele, pois, no momento em que o criador decide mudar o estado sentimental de sua criatura, realiza essa tão grandiosa mudança ausentado o homem de todo o processo, visto que Adão, quando Eva foi formada, estava em profundo sono, parte do corpo dele foi utilizada para criá-la, mas ele só tem conhecimento do novo plano de Deus para ele no Éden quando acorda e vê Eva acompanhada de Deus sendo dada a ele como adjutora. Portanto, a primeira criatura é, no princípio da criação, um espectador das obras e ações do criador, e este é um Deus presente, bem próximo de sua criatura e disposto a satisfazer as necessidades do homem.

4.4 Eva

Vamos agora à introdução da primeira mulher explicitamente citada no enredo de *Gênesis*, Eva.

Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre o homem e este adormeceu; tomou, então, uma das suas costelas, e fechou a carne em seu lugar. Então da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou a mulher, e a trouxe ao homem. (*Gênesis 2: 21-22*).

A criação da mulher, também formada pelas mãos do criador, mostra-nos que, além do cuidado na tessitura do novo ser, não houve entre Deus e Adão um projeto juntos de como a mulher deveria ser formada, tão pouco ciência do homem sobre o nascimento e a introdução deste novo ser humano no Éden.

Neste momento da narrativa, encontramos uma mudança no comportamento de Adão, pois, até então, ele não possuía fala nem emitia opinião, logo, a introdução da mulher no Éden causou no homem a necessidade de se expressar.

Disse o homem:
Esta é agora osso dos meus ossos,
E carne da minha carne;
Ela será chamada mulher,
Pois do homem foi formada. (*Gênesis 2: 23*).

E não podemos deixar de salientar que a primeira fala e o primeiro esboço de reconhecimento das obras e ações de Deus pelo homem vieram em forma de discurso direto, apresentando-se ciente do processo de criação de Eva e já classificando-a como mulher por ser parte integrante do homem.

Como temos poucos elementos sobre o personagem Adão, pois psicologicamente, deduzimos que ele era calado e observador, mas fisicamente não sabemos como ele era, pelo nome, Adão, podemos ter a ideia de ele era vermelho ou ruivo, pois o termo Adão significa Homem Vermelho, de acordo com Davis (1983). Com relação ao trabalho, sabemos que ele executava as tarefas de cuidar do jardim do Éden e de cultivá-lo. Como a fala de Deus referente à preocupação com o homem mostra a mulher como adjutora, é possível inferir que Eva poderia ou deveria auxiliar Adão nas tarefas do Éden.

Assim como não temos uma descrição física da personagem Adão, também não temos de Eva. Mas temos sobre a vida dos futuros casais que já fica pré-determinada na seguinte fala do criador.

Portanto deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e uni-se-á à sua mulher, e serão os dois uma só carne. (*Gênesis 2: 24*).

O final da narrativa do capítulo dois destoa do encerramento do primeiro, que apresentou ações terminadas:

E Deus viu tudo que havia feito, e tudo tinha ficado muito bom. Passaram-se a tarde e a manhã; esse foi o sexto dia. (*Gênesis 1: 31*).

Percebemos que o narrador desperta a atenção do leitor para um detalhe que parece irrelevante, mas ao mesmo tempo desperta a vontade de saber como e quando as personagens vão se dar conta de que estão nus. Além disso, o narrador já deixa claro que a nudez é motivo de vergonha.

E ambos estavam nus, o homem e a sua mulher, e não se envergonhavam. (*Gênesis 2: 21-25*).

A questão da nudez como algo vergonhoso é retomado no mesmo livro de *Gênesis* e como elemento de disseção e maldição na única família que restou do dilúvio. Vejamos a história.

Noé planta uma vinha
 E começou Noé a cultivar a terra, e plantou uma vinha.
 Bebeu do vinho, embriagou-se, e se descobriu no meio de sua tenda.
 E Cão, pai de Canaã, vendo a nudez de seu pai, fê-lo saber, fora, a seus dois irmãos.
 Então Sem e Jafé tomaram uma capa e puseram-na sobre os ombros, e indo virados para trás, cobriram a nudez de seu pai, tendo os rostos virados, de maneira que não viram a nudez de seu pai.
 Despertando Noé do seu vinho, soube o que o seu filho mais moço lhe fizera.
 E disse:
 Maldito seja Canaã!
 Servo dos servos seja aos seus irmãos.
 Disse mais:
 Bendito seja o Deus de Sem, e seja-lhe Canaã por servo.
 Alargue Deus a Jafé; habite ele nas tendas de Sem, e seja-lhe Canaã por servo.
 (*Gênesis 9: 20-27*).

4.4.1 Eva e a serpente

Percebemos que a parte referente à cosmogonia, possivelmente, já está findada, pois todos os elementos criados estão funcionando, conforme o desígnio da criação. Os animais convivem amistosamente e se alimentam de relvas, sem haver necessidade de predador e presa. O cotidiano de Adão e Eva no Éden é bem harmonioso, mas esse cenário começará a mudar a partir da introdução de outra personagem importante para este momento da narrativa: a serpente, que é apresentada da seguinte forma:

Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais do campo, que o Senhor Deus tinha feito. Esta disse a mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim? (*Gênesis 3:1*).

A serpente é a primeira personagem desta narrativa de *Gênesis* que é descrita psicologicamente, pois o narrador afirma que ela é “o mais astuto dos animais do campo” e na

passagem nos informa que a serpente fala, tem conhecimento da ordenança de Deus a Adão, pois Eva não estava ainda no Éden quando o homem foi aconselhado a não comer o fruto proibido.

Temos que lembrar que não havia predadores, portanto, não havia motivos para que a mulher temesse a serpente nem vice-versa, não temos registro de que os animais falassem, mas o narrador deixou claro que a cobra era o mais astuto dos animais do campo, então, dentro dessa astúcia, nada mais natural que ela não só falasse como também argumentasse ou até mesmo ludibriasse, como fez na pergunta introdutória do diálogo com a mulher. No decorrer da conversa, a serpente novamente se utiliza de sua astúcia argumentando que,

Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que comerdes desse fruto, os vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal. (*Gênesis* 3: 4-5).

O conhecimento do bem e do mal seduziu Eva. Mas, em sua defesa, temos que ressaltar que a serpente sabia o que era o mal e Eva desconhecia, logo não sabia ou não tinha sequer ideia do que estava prestes a lhe acontecer. Adão também não sabia, pois, de acordo com o registro a seguir, sucumbiu ao fruto:

Vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, que estava com ela, e ele comeu. (*Gênesis* 3:6).

Vemos que Adão não tentou impedir Eva de comer o fruto e, mesmo sabendo da ordenança de Deus, aceitou comê-lo, talvez pelo mesmo motivo da mulher, seduzido pelo conhecimento ou ainda amedrontado com a ideia de ficar sozinho novamente caso Eva morresse ou fosse embora ou porque não quisesse que sua esposa tivesse algo ou algum conhecimento que ele não possuísse. São várias as hipóteses, mas o que temos de concreto pela narrativa é que Adão estava junto de Eva quando ela teve a iniciativa de comer o fruto proibido. Isto posto, podemos dizer de Eva que ela foi protagonista de sua escolha, pois sabia da ordem de Deus, tanto que corrigiu o discurso da serpente:

E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim comeremos, mas, do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: não comereis dele, nem nele tocareis, para que não morrais. (*Gênesis* 3:2-3).

Eva não consultou o marido acerca da proposta da serpente, resolveu ser protagonista das suas escolhas, aspecto que muda a narrativa que até então imprimia a ideia de felicidade e

harmonia graças à obediência do casal às ordenanças do criador que pareciam tão claras e aceitas por ambos.

4.4.2 Eva antes do castigo

Os episódios seguintes mostram que todas as decisões do casal foram tomadas e realizadas em comum acordo.

Então foram abertos os olhos de ambos, conheceram que estavam nus; coseram, pois, folhas de figueira, e cingiram-se. Então ouvindo a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim pela viração do dia, esconderam-se o homem e a mulher da presença do Senhor Deus, entre as árvores do jardim. (*Gênesis 3:6-7*).

A cumplicidade do casal é quebrada quando Deus chega ao jardim para visitá-los, e não encontra Adão e Eva como costumava vê-los e, diante do criador, o homem assume uma postura individual, possivelmente, aproveitando-se do novo conhecimento adquirido: o mal. Vejamos o diálogo do criador e do homem:

Mas chamou o Senhor Deus ao homem, e lhe perguntou: Onde estás?
 Ele respondeu: Ouvi a tua voz no jardim e tive medo, porque estava nu, e escondi-me.
 Perguntou-lhe Deus: Quem te mostrou que estavas nu? Comestes da árvore de que te ordenei que não comesses?
 Disse o homem: A mulher que me deste por companheira deu-me da árvore, e eu comi. (*Gênesis 3:9-12*).

Adão se coloca como vítima da mulher, não deixa claro para Deus que ele estava presente quando houve o diálogo entre Eva e a serpente e percebendo que havia perdido a confiança de Deus, decide culpar Eva.

Então disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi. (*Gênesis 3: 12*).

Deus não delibera antes de ouvir a mulher e também dialoga com ela:

E disse o Senhor Deus à mulher: Por que fizeste isso? E disse a mulher: A serpente me enganou, e eu comi. (*Gênesis 3: 13*).

Percebemos, pela fala de Eva, que ela aprendeu logo o jogo de culpas e não hesitou em se defender acusando a serpente. Esta não teve as mesmas prerrogativas dos humanos, pois não teve direito à voz para se defender, Deus logo lhe impôs o castigo:

Disse, pois, o Senhor Deus à serpente: Porque fizeste isto, maldita és entre todos os animais domésticos, e entre todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e

pó comerás todos os dias da tua vida. E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua descendência e o seu descendente; este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. (*Gênesis* 3:14-15).

Não sabemos como era fisicamente a serpente antes do castigo, a narrativa diz que ela era astuta e, como dialogou com Eva, sabia falar e ludibriar. Depois do castigo, tornou-se maldita entre os animais domésticos e do campo, começou a andar sobre o ventre e inimiga da mulher. Heródoto nos mostra em sua narrativa sobre o Egito uma espécie de serpente diferente da que vemos depois do castigo.

Há no território da Arábia, quase defronte da cidade de Buto, um lugar ao qual eu fui para obter informações acerca das serpentes aladas. Chegando lá, vi numerosos ossos e espinhas dorsais de serpentes; havia no local muitas costelas, grandes, médias e pequenas. O lugar onde estavam espalhadas as espinhas dorsais fica no ponto onde uma estreita garganta se abre da montanha para uma extensa planície adjacente à planície egípcia. Segundo se diz, no início da primavera as serpentes aladas voam da Arábia em direção ao Egito, mas a ave chamada íbis enfrenta as invasoras naquela garganta e as mata. Os árabes dizem que o íbis é muito venerado no Egito por causa desse serviço, e os egípcios alegam a mesma razão para venerar essas aves.[...] As serpentes são como serpentes d'água; suas asas não são de penas, e se assemelham mais às do morcego. (HERÓDOTOS, 1985, p. 111-112).

A mulher recebeu como castigo uma multiplicação de dores tanto na gestação, quanto no momento de parir, o que nos mostra que à mulher, possivelmente, já estava designado o papel de geradora da cria. Perdeu o direito ao desejo, ou seja, a liberdade de escolha e não mais estaria em pé de igualdade com o marido, mas dominada por ele:

À mulher disse: Multiplicarei grandemente a dor da tua gestação; em dor darás à luz filhos. O teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará. (*Gênesis* 3:16).

O homem recebeu do próprio Deus a ordenança de não comer do fruto, antes que Eva lhe fosse entregue como esposa. Ele sabia que dominava sobre todos os animais e tinha a terra sujeita a ele, não lhe estava reservado o trabalho e todas as suas necessidades eram supridas pela terra e pelo próprio criador. Adão negligenciou a importância dele no jardim do Éden, onde tudo era harmônico, sem ameaças do mal, sem que os animais precisassem se alimentar uns dos outros, pois a terra lhes alimentava com a relva dos campos. O homem, para ser protagonista de sua história, ou seja, desobedecer aos mandamentos preestabelecidos na relação criador e criatura tornou a terra maldita e trouxe a desarmonia para o mundo, por isso, daquele momento em diante, teve que lidar com as adversidades e contar com o conhecimento que ele achou tão sedutor quando lhe apareceu em forma de fruto saboroso. O preço de ser dono de si e responsável pela sua esposa custou-lhe a perda da imortalidade.

Ao homem disse: Porque deste ouvido à voz de tua mulher, comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por tua causa; em fadiga comerás dela todos os dias da tua vida.

Ela produzirá também espinhos e abrolhos, e comerás das ervas do campo, do suor do teu rosto comerás o pão, até que tornes à terra, porque dela foste tomado; pois és pó e ao pó tornarás. (*Gênesis 3:17-19*).

Após os castigos estabelecidos, Adão continuou cumprindo sua função de nomear os seres e deu a sua esposa o nome de Eva, “porque era a mãe de toda humanidade”. Deus continuou se preocupando com suas criaturas humanas, pois as vestiu com roupas de pele de animal, havendo, possivelmente o primeiro sacrifício de sangue animal. No momento seguinte da narração, Deus volta a conversar com os outros, possivelmente seres celestiais, sobre a nova condição do homem e qual deveria ser o destino deste, visto que se apoderar de mais uma parte daquilo que pertence a Deus poderia ser uma contenda eterna com a mesma geração desobediente:

Então disse o Senhor Deus: O homem agora se tornou como um de nós, conhecendo o bem e o mal; assim, para que não estenda a mão, e tome também da árvore vida, e coma e viva eternamente: o Senhor Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden, para lavrar a terra de que fora tomado. (*Gênesis 3:22-23*).

O homem tornou-se uma ameaça e por causa de sua desobediência jamais poderia voltar ao jardim, como Deus não mais acreditava em suas criaturas humanas e sabia da capacidade destas de agir contrariando os acordos, preveniu-se contra quaisquer artimanhas de Adão e Eva.

Havendo lançado fora o homem, pôs querubins ao oriente do jardim do Éden, e uma espada flamejante que se revolia por todos os lados, para guardar o caminho da árvore da vida. (*Gênesis 3:24*).

Vimos que Eva tinha uma vida tranquila no Éden, sem animais que ameaçassem a sua integridade física, sem ter que ir em busca de alimento, conversando com o seu criador no fim do dia, em harmonia com o marido e com os animais que habitavam o Edén. Todavia, quando resolveu ser protagonista de suas escolhas, não conseguiu distinguir o melhor para ela, tornando-se desobediente ao que parecia ser a única ordenança de Deus naquele momento.

Vítima de sua curiosidade e seduzida pelo discurso da serpente, Eva sucumbiu e teve como castigo dores durante a geração de novos humanos e ainda ser a parte hipossuficiente na relação homem-mulher, pois seria dominada pelo marido.

4.4.3 A vida fora do Éden

Quando foram expulsos do jardim, Adão e Eva começaram a viver as adversidades que o cotidiano oferece. Tiveram, no primeiro momento, de acordo com Flávio Josefo, três filhas e dois filhos.

Adão e Eva tiveram dois filhos e três filhas. O primeiro chamava-se Caim, que significa "aquisição", e o segundo, Abel, que quer dizer "aflição". (JOSEFO, 2004, p. 21).

A narrativa bíblica não fala das filhas, mas nos oferece indícios do sofrimento de Eva, agora subjugada pelo marido e mãe de meninas, e da alegria de ter um filho: Caim, cujo significado do nome, "aquisição", leva-nos a entender que um menino era pedido a Deus e que as súplicas de Eva foram atendidas:

Conheceu Adão a Eva, sua mulher, e ela concebeu e teve a Caim, e disse: Alcancei do Senhor um homem. (*Gênesis* 4:1).

O outro filho do casal: Abel, cujo significado é "aflição" não mostra um motivo claro para tal nome, mas percebemos que ambos eram de gostos e temperamentos diferentes, pois as profissões escolhidas são bastante opostas:

Tornou a dar à luz, e teve a Abel, seu irmão. Abel foi pastor de ovelhas, e Caim foi lavrador da terra. (*Gênesis* 4:2).

Sobre os dois filhos de Adão e Eva citados neste momento da narrativa, Flávio Josefo faz a seguinte observação:

Abel, que era pastor de rebanhos, era mais justo. Considerava que Deus se fazia presente em todas as suas ações e só pensava em agradar-lhe. Caim, ao contrário, que por primeiro trabalhou a terra, era muito mau. Buscava apenas proveito próprio. (JOSEFO, 2004, p. 21).

Destarte, ao que parece, a vida fora do Éden era bastante laboriosa para todas as personagens, pois apesar de Adão, como castigo pela desobediência, tinha que trabalhar em uma terra que se tornou maldita por causa dele e dessa mesma terra teria de tirar alimento até o dia que novamente se tornaria pó da terra.

4.4.4 Breve comentário sobre Eva

A introdução de Eva no Éden não deveria ser de forma algum motivo de tensão para a vida de Adão e Eva. Ela é a parte fêmea do ser criado por Deus. Deveria exercer as mesmas funções de Adão, mas, quando ocorre o erro cometido pelos dois, deixou de ser um presente divino que cessou a solidão do homem.

Eva, ao escolher provar o fruto, foi protagonista de sua escolha e conversava e deliberava com o marido os planos do casal, até parecia que eram realmente um só corpo. Todavia, ao serem chamados por Deus para darem conta de seus atos, Eva ganhou o seu primeiro inimigo declarado, pois Adão não a poupou, muito pelo contrário, viu nela uma saída para fugir da possível ira de Deus. Eva se defendeu sem atacar Adão, pois, como este a viu como parte hipossuficiente, ela se utilizou do mesmo estratagema e culpou a serpente.

Eva aceitou o castigo, não fugiu de Adão, ou se tentou fazer isso, o narrador não conta, pois a vida doméstica do casal não é apresentada, só há relato dos nascimentos dos filhos e como seria a labuta fora do Éden. E é por meio do relato desses nascimentos que imaginamos as aflições pelas quais ela passa e o faz agradecendo ao criador. Eva aparece na narrativa de *Gênesis* como uma solução para a vida que parecia monótona, como uma companheira com quem Adão pode contar, mas, infelizmente, talvez pela necessidade de defender os homens, ao falar sobre Eva, muitas pessoas apagam do discurso o fato de Eva e Adão estarem juntos no momento em comem o fruto. Eva, para aqueles que precisam culpar para fugir da responsabilidade, é o bode expiatório para todas as desgraças e desventuras da raça humana e uma forma de subjugar as mulheres culpando a parte fêmea da raça humana pelos castigos sofridos até os dias de hoje.

É interessante notar que Eva é uma mulher forte, pois pariu o mesmo assassino que matou seu filho, perdendo ao mesmo tempo os dois filhos homens e voltando à condição de mulher sem um varão para dar continuidade à geração do marido. Eva, talvez, retrate a mulher sofrida, culpada pelos males que sua família passou, mas configura-se como a mulher perseverante em seus pedidos e, principalmente agradecida pelos favores de Deus na sua vida, pois mesmo depois da tragédia que passou, teve humildade para agradecer pela vida de seu filho varão Sete.

4.5 Deus, Caim, Abel e Sete

Os filhos de Adão e Eva provam que ainda havia uma relação íntima do criador com suas criaturas, pois a segunda geração de humanos já se apresenta oferecendo ao criador sacrifício com a intenção de serem aceitos ou aprovados por Deus:

Ao cabo de dias, trouxe Caim do fruto da terra uma oferta ao Senhor. Abel também trouxe dos primogênitos das suas ovelhas, e da sua gordura. Atentou o Senhor para Abel e para sua oferta. Mas para Caim e para sua oferta não atentou. E irou-se Caim fortemente, e descaiu-lhe o semblante. (*Gênesis 4:3-5*).

É perceptível também que Deus continua a conversar diretamente com os humanos, sem precisar de intermediário, fazendo-lhes perguntas e dando-lhes conselhos como fez com Caim:

Então disse o Senhor: Por que te iraste? E por que descaiu o teu semblante? Se procederes bem, não serás aceito? E se não procederes bem, o pecado jaz à porta, e sobre ti será o seu desejo, mas sobre ele deve dominar. (*Gênesis 4: 6-7*).

Caim não se voltou para o conselho de Deus e, movido pela ira, matou seu irmão Abel e ainda ocultou o cadáver.

Aí Caim disse a Abel, o seu irmão:

- Vamos até o campo.

Quando os dois estavam no campo, Caim atacou Abel, o seu irmão, e o matou. (*Gênesis 4:8*).

Por causa desse episódio, Deus tem um diálogo com Caim, o que demonstra que o criador conversava claramente com a criatura.

Disse o Senhor a Caim: Onde está Abel, teu irmão? E ele respondeu: Não sei. Acaso sou eu guarda do meu irmão? Disse Deus: Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama a mim desde a terra. Agora maldito és desde a terra, que abriu a sua boca para receber das tuas mãos o sangue do teu irmão. Quando lavrares o solo, não te darás mais a sua força; fugitivo e errante serás pela terra. Então disse Caim ao Senhor: É maior o meu castigo do que o que eu possa suportar. Hoje me lanças da face da terra e da tua presença me esconderei; serei fugitivo e errante pela terra, e qualquer que comigo se encontrar me matará. O Senhor, porém, lhe disse: Portanto, qualquer que matar a Caim será vingado sete vezes. E pôs um sinal em Caim, para que não o ferisse quem quer que o encontrasse. Então saiu Caim da presença do Senhor, e habitou na terra de Node, ao oriente do Éden. (*Gênesis 4:9-13*).

Percebemos por esse episódio da morte de Abel que a segunda geração da humanidade é bastante dúbia, pois Abel por certo possuía uma boa índole, um caráter mais aprovado pelo criador. Todavia, não é possível dizer o mesmo de Caim, pois este não quis obedecer, também não mostrou arrependimento pelo ato praticado, e mostrou uma característica que não vimos na primeira geração de humanos, ele questionou o castigo e rompeu qualquer laço de submissão a Deus quando disse: “E da tua face me esconderei;”. Caim, em sua trajetória, gerou filhos e

filhas, mas não há relatos bíblicos que a sua geração tenha tido novamente contato direto com Deus. Sobre a trajetória de Caim longe de seus familiares e da face de Deus, Flávio Josefo faz o seguinte relato.

Depois de haver atravessado diversos países, Caim estabeleceu residência em um lugar chamado Node, onde teve vários filhos. No entanto o castigo, em vez de torná-lo melhor, fê-lo, ao contrário, muito pior. Abandonou-se a toda sorte de prazeres e até usou de violência, apoderando-se de bens alheios para enriquecer-se. Reuniu homens maus e celerados, dos quais se tornou o chefe, e ensinou-os a cometer toda espécie de crimes e de ações ímpias. Mudou a inocente maneira de viver que adotara no princípio, inventou os pesos e as medidas e substituiu a franqueza e a sinceridade, tão mais louváveis e simples, pela astúcia e pelo engano. Ele foi o primeiro a estabelecer limites para a divisão de propriedades e construiu uma cidade. Chamou-a Enoque, nome de seu filho mais velho, rodeou-a de muralhas e a povoou. (JOSEFO, 2004, p. 21-22).

Com a perda de seus dois filhos, Eva volta à condição de aflição do início da narrativa do capítulo quatro quando expressa o fim de sua vergonha por não ter um filho, um varão, ao nascer Caim. E, com o nascimento de outro filho varão, Sete, ver-se novamente na condição de agraciada:

Tornou Adão a conhecer a sua mulher, e ela teve um filho, a quem pôs o nome de Sete; porque, disse ela, Deus me deu outro descendente em lugar de Abel, que Caim matou. (*Gênesis* 4:25).

Vamos chamar Sete de terceira geração de homens e nesta há um distanciamento do criador de suas criaturas, pois, nas gerações anteriores, a narração dava-nos a ideia de que o criador estava bem próximo às criaturas. Mas o relato a seguir mostra que, na geração de Enos, filho de Sete, quarta geração de humanos, o criador precisa ser invocado pelo homem para com este se relacionar.

A Sete também nasceu um filho, a quem pôs o nome de Enos. Foi nesse tempo que os homens começaram a invocar o nome do Senhor. (*Gênesis* 4:26).

De acordo com Flávio Josefo, Sete é bastante semelhante a Adão, é virtuoso, é afeito a estudar os astros e transmitir conhecimento a seus descendentes, que obtiveram de Adão a revelação de que o mundo pereceria ou pela água ou pelo fogo, tiveram o cuidado de registrar a ciência dos astros em duas colunas de tijolos, para que as futuras gerações não perdessem esse conhecimento.

Seria demasiado longo discorrer sobre todos os filhos de Adão. Contentar-me-ei em dizer algo de um deles, de nome Sete. Educado junto de seu pai, deu-se com afeto à virtude. Deixou filhos semelhantes a ele, que permaneceram em sua terra, onde viveram felizes e em perfeita união. Deve-se ao seu espírito e ao seu trabalho a ciência dos astros. Como os seus filhos haviam sido informados por Adão que o mundo pereceria pela água e pelo fogo, o medo de que essa ciência se perdesse antes que os homens a aprendessem levou-os a construir duas colunas, uma de tijolos e outra de

pedras, e sobre elas gravaram os conhecimentos que possuíam. Se um dilúvio destruísse a coluna de tijolos, ficaria a de pedras, para conservar à posteridade a memória daquilo que haviam escrito. A providência deles deu bom resultado, e afirma-se que a coluna de pedras pode ser vista ainda hoje, na Síria. (JOSEFO, 2004, p. 21-23).

Sete e sua geração parecem exemplos de uma nova forma de Deus se relacionar com suas criaturas, não temos mais a ideia de que Deus conversava diretamente com os humanos, mas que se fazia presente quando invocado e, ao que parece, Deus esperou a quarta geração de Sete, representada por Enoque, para atender aos chamados da geração de Adão e Eva.

4.6 De Adão a Noé: os gigantes malignos, heróis mitológicos e filhos de gaia

No capítulo cinco de *Gênesis*, há a genealogia das gerações de Adão e nesta encontramos somente Sete como semelhante a seu pai. Como não existem indícios claros no texto bíblico de que o primeiro homem voltou a ter contato com o seu criador, seja fazendo-lhe reverência em agradecimento ou buscando uma aproximação por arrependimento, entendemos que ao relatar Sete como imagem de Adão, o narrador desconsidera Caim como membro familiar da geração do primeiro homem com a primeira mulher, mas a descendência de Caim, a qual aparece no capítulo quatro de *Gênesis*, povoou grande parte da terra ao oriente do Éden para onde ele foi banido.

E saiu Caim de diante da face do Senhor e habitou na terra de Node, da banda do oriente do Éden. (*Gênesis* 4:16).

Olhando, então, por meio do prisma do narrador, temos uma geração boa, a de Sete, imagem e semelhança de Adão:

Adão viveu cento e trinta anos, e gerou um filho a sua semelhança, conforme a sua imagem, e pôs-lhe o nome de Sete. (*Gênesis* 5:3).

E uma geração de Caim, apagada da de Adão, mas que foi bastante criativa, visto que o próprio Caim edificou uma cidade, Enoque, homônima ao seu filho. Seus descendentes habitaram em tendas e possuíram gado; criaram a harpa e a flauta, sabiam trabalhar cobre e ferro,

E Ada teve a Jabal; este foi o pai dos que habitam em tendas e têm gado. E o nome de seu irmão era Jubal; este foi o pai de todos que tocam harpa e flauta. E Zilá também teve a Tubalcaim, mestre de toda obra de cobre e de ferro; e a irmã de Tubalcaim foi Naamá. (*Gênesis* 4: 20-22).

Mesmo com toda pró-atividade existente na geração de Caim, possivelmente havia entre eles o cerne da violência e da ruptura com o passado no se refere ao quesito obediência ao criador, pois Lameque, quarta geração de Caim, possuía duas mulheres e cometeu dois assassinatos.

Disse Lameque às suas mulheres: Ada e Zilá, ouvi a minha voz; vós, mulheres de Lameque, escutai minhas palavras. Matei um homem por me ferir, e um rapaz por me pisar. Se Caim há de ser vingado sete vezes, com certeza Lameque o será setenta e sete vezes. (*Gênesis* 4: 23-24).

A geração de Sete vai até Noé e, pelo registro, este é filho de Lameque, mas não o mesmo da geração de Caim. Noé é filho único e nasce sendo uma esperança de seu pai:

Este nos consolará acerca de nossas obras, e do trabalho de nossas mãos, por causa da terra que o Senhor amaldiçoou. (*Gênesis* 5:28).

Esta passagem supracitada também nos remete à forma como Adão vivia, ou pelo menos deveria viver, lavrando a terra e tirando dela o seu sustento, mesmo com dificuldades devido ao castigo destinado ao homem. Não há na geração de Sete registro de casamento com duas mulheres ou de assassinato. Flávio Josefo, mostra em seu relato sobre o povo hebreu que Adão transmitiu para os descendentes de Sete os conhecimentos que obtivera de Deus, o que nos permite intuir que, mesmo depois da saída do Éden, de alguma forma, havia uma relação entre o Criador e sua primeira criatura.

Adão ainda vivia e tinha cento e trinta anos. A morte de Abel e a fuga de Caim fizeram-no desejar ardentemente outros filhos. E teve mesmo vários: depois de viver ainda oitocentos anos, morreu na idade de novecentos e trinta anos. (JOSEFO, 2004, p. 22).

A narrativa do seguinte trecho de *Gênesis* nos mostra que a multiplicação dos homens na terra aumentou e também nos apresenta outros tipos de personagens: os filhos de Deus. Viviam entre os humanos, mas não sabemos como era a aparência física desses personagens e nem como começaram a habitar a terra. O narrador só nos informa que eles se interessaram pelas filhas dos homens.

Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram. (*Gênesis* 6:2).

Da união dos filhos de Deus com as filhas dos homens, surgem, na narrativa, outros personagens: os gigantes.

Havia naqueles dias gigantes na terra, e também depois, quando os filhos de Deus conheceram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos. Estes foram valentes, os homens de renome que houve na antiguidade. (*Gênesis* 6:4).

Flávio Josefo faz a seguinte narração acerca dos gigantes que se formaram a partir da união dos filhos de Deus, descendência de Sete, com as filhas dos homens, descendência de Caim.

Sete gerações continuaram a viver no exercício da virtude e no culto do verdadeiro Deus, ao qual reconheciam por único Senhor do universo.

Mas as que vieram em seguida não imitaram os costumes dos pais. Não prestavam mais a Deus a honra que lhe era devida nem exerciam mais a justiça para com os homens, mas se entregavam com mais ardor ainda a toda sorte de crimes, enquanto os seus antepassados se haviam dedicado à prática de toda espécie de virtudes. Assim, atraíram sobre si a cólera de Deus, e os grandes da terra, que se haviam casado com as filhas dos descendentes de Caim, produziram uma raça indolente que, pela confiança que depositavam na própria força, se vangloriava de calcar aos pés a justiça e imitava os gigantes de que falam os gregos. (JOSEFO, 2004, p. 23).

4.6.1 Semelhança com os grandiosos heróis homéricos

Acreditamos que os gigantes citados na passagem de *Gênesis* 6:4 poderiam ser pessoas semelhantes aos heróis homéricos, pois estes se destacaram tanto pela altura, quanto pela inteligência, habilidade de governar reinos e comandar exércitos. Como exemplo, mostraremos algumas descrições físicas e os *stati* bélicos de alguns heróis narrados por Homero na *Iliada*, quando Helena apresenta a Príamo, rei de Tróia, alguns guerreiros gregos, começando por Agaménon.

Mas Príamo a Helena chamou em voz alta:
 “Vem, minha filha; aqui mesmo perto de mim vem sentar-te por que o primeiro marido, os parente e amigos revejas. Não és culpada de nada; os eternos somente têm culpa, que nos mandaram a guerra dos fortes Aqueus lacrimosa. Vem revelar-me que seja aquele homem de aspecto imponente; como se chama esse Acaio tão belo de tal corpulência? Outros heróis, é evidente, mais alto do que ele percebo; mas os meus olhos jamais admiraram tão belo conspecto, nem majestade tão grande; assemelha-se, é fato, a um monarca. Disse-lhe Helena, a divina mulher, em resposta, o seguinte: Sinto por ti, caro sogro, respeito e vergonha a um só tempo. (...) Ora vou te responder a respeito do que perguntaste. Esse é Agamémnone rei poderoso, de Atreu descendente. Tão grande rei, chefe de homens quão forte e notável guerreiro. (*Iliada*. Canto III, v. 161- 178).

Homero, por sua vez, faz a seguinte descrição de Agaménon entre os Aqueus, no momento de iniciar uma batalha contra os Troianos:

No meio se achava Agamémnone, ao grande fulminador semelhante, no olhar e feitio do rosto, a Ares no talho do cinto e a Posido no peito fortíssimo. (*Iliada*. Canto II, v.v. 477-479).

Helena assim descreve o rei de Ítaca, Odisseu:

Logo depois, a Odisseu divisando, pergunta de novo:
 “Filha querida, revela-me, agora, quem seja aquele outro,
 cuja estatura é menor que a do filho de Atreu, Agamémnone,
 mas é de espaldas mais largas de ver e de peito mais amplo.
 As armaduras deitou sobre a terra nutriz de guerreiros.
 Como um carneiro, percorre as fileiras em vários sentidos.
 Eu, pelo menos, só sei compará-lo a um guieiro veloso,
 quando no meio de uma grande rebanho de ovelhas velosas .”
 Disse-lhe Helena, nascida de Zeus, em resposta, o seguinte:
 “Esse é Odisseu, de Laertes nascido, astucioso guerreiro,
 de Ítaca oriundo, apesar de ser ilha de chão pedregoso,
 em toda a sorte de ardis entendido e varão prudentíssimo.”
 (HOMERO, *Ilíada*. Canto III, v.v 191- 203. Pág. 101-102).

Ajax e Idomeneu, respectivamente, assim, são descritos por Helena:

Príamo, a Ajax divisando, terceira pergunta formula:
 Como se chama esse Acaio tão belo e de tal corpulência,
 de bem maior estatura e de espaldas mais largas do que os outros?”
 Disse-lhe Helena, de peplo elegante, a divina criatura:
 “Esse é o baluarte dos homens Aquivos, Ajax, o gigante.
 Idomeneu do outro lado diviso, qual um dos eternos
 entre os Cretenses, cercado por todos os chefes de Creta. (...)”
 (*Ilíada*. Canto III, v.v 225- 231).

A altura de Aquiles se assemelha a de Ajax, mas as habilidades de Aquiles ultrapassam as de Ajax em vários aspectos, pois sua fama de guerreiro imbatível assustava os adversários a ponto de estes saírem do combate só em saber que Aquiles estava guerreando ou prestes a guerrear e, como se não bastassem a força e a fama desse herói, ele ainda contava com os favores dos deuses e deusas, os quais o tornavam ainda mais temível:

Disse-lhe Aquiles, de rápidos pés, em resposta:
 “Como é possível lutar? Minhas armas as têm os Troianos,
 E minha mãe me proibiu que armadura de guerra envergasse
 Sem que, primeiro, ante os olhos, aqui, novamente, a tivesse.
 Fez-me a promessa de dar-me outras armas, trabalho de Hefesto.
 Não sei de qual dos heróis poderia envergar a armadura,
 se excetuarmos o escudo de Ajax Telamônio; mas este,
 penso, se encontra também a lutar nas fileiras da frente,
 com sua lança, em defesa do corpo de Pátroclo exímio.”
 Íris, de pés mais velozes que o vento, lhe disse, em resposta:
 “Não ignoramos que os Teucros tomaram tua bela armadura.
 Mas aparece aos Troianos na beira do fosso, tal como
 te achas; talvez da batalha desistam, do Medo apossados,
 e os belicosos Aquivos consigam tomar novo alento,
 ainda que lassos; embora pequeno, o descanso é valioso.”
 Íris daí retorno, pós haver a mensagem cumprido.
 Alça-se o herói, a Zeus caro; ao redor das espáduas robustas
 a égide horrível Atena lhe pôs, de cem franjas ornada;
 Cinge-lhe a deusa preclara, em seguida, a cabeça com nuvem
 de ouro, fazendo que chama brilhante do herói se irradiasse.
 Como de grande cidade, numa ilha, pelo éter se eleva

Fumo que ao longe se vê, quando o sítio os inimigos apertam,
 e o dia todo, das altas muralhas, a luta sustentam
 os moradores; mas quando a luz clara do Sol desaparece,
 grandes fogueiras acendem; para o alto o esplendor logo sobe,
 por que das ilhas vizinhas, se acaso de longe for visto,
 trazem, nas naves recurvas, auxílio eficaz e oportuno:
 chega até o éter, assim, o esplendor da cabeça de Aquiles,
 que, tendo o muro deixado, avançou para o fosso, apartado
 dos valorosos Aqueus, obediente aos conselhos de Tétis.
 Aí se deteve e gritou, reforçando-lhe Palas o brado,
 Que nos guerreiros troianos terror indizível espalha.
 Como ressoa distinta a trombeta sonora que o alarma
 alquando toca em cidade cercada por cruel inimigo:
 soa, desta arte, bem claro, o alto brado do Eácida ilustre.
 Ficam tomados de medo os Troianos no instante em que a aênea
 voz escutaram; os próprios cavalos de crinas tratadas
 retrocederam, que o dano iminente já então pressagiavam.
 Tremem de susto os aurigas preclaros, ao verem a chama
 inextinguível em torno a cabeça do claro Pelida;
 a de olhos glaucos, Atena, fazia que ardesse incessante.
 Por sobre o fosso três vezes gritou o Pelida divino;
 por três vezes os Troianos e os filhos aliados recuaram
 com tal balbúrdia, que doze guerreiros distintos morreram
 por suas lanças feridos ou sob seus carros.
 (*Ilíada*. Canto XVIII, v.v 187-231).

4.6.2 Semelhanças com os grandes heróis da era de bronze de Hesíodo

Semelhante descrição de homens valentes e honrados da Antiguidade Clássica encontramos na obra *Os trabalhos e os Dias*, de Hesíodo, na seguinte passagem.

Raça divina de homens heróis e são chamados
 semideuses, geração anterior à nossa na terra sem fim.
 A estes a guerra má e o grito temível da tribo
 a uns, na terra Cadméia, sob Tebas de Sete Portas,
 fizeram perecer pelos rebanhos de Édipo combatendo,
 e a outros, embarcados para além do grande mar abissal
 a Tróia levaram por causa de Helena de belos cabelos.
 Ali certamente remate de morte os envolveu todos
 e longe dos humanos dando-lhes sustento e morada
 Zeus Cronida Pai nos confins da terra os confinou.
 E são eles que habitam de coração tranquilo
 a ilha dos Bem-Aventurados, junto ao Oceano Profundo,
 heróis afortunados, a quem doce fruto
 traz três vezes no ano a terra nutriz.
 (HESÍODO, *Os Trabalhos e os Dias*, v. 159-172).

4.6.3 Semelhança com os grandiosos heróis homéricos lembrados por Nestor

Outras referências de heróis da Antiguidade Clássica, anteriores a Agaménon, Ajax, Idomeneu, Odisseu e Aquiles, estão no Canto I da *Ilíada*, de Homero. Quando Nestor, que já

tinha visto duas gerações de seres de curta existência, lembra guerreiros de porte, forças e auxílio divinos incomparáveis.

Ora atendei-me, que muito mais moços do que eu sois sem dúvida.
 Já convivi, noutros tempos, com mais vigorosos guerreiros,
 do que vós ambos; no entanto, nenhum inferior me jugava.
 Não, nunca vi, nem presumo que possa inda ver algum dia,
 homens do porte de Driante, pastor de guerreiros, Pirítoo,
 o grande Exádio, Ceneu, e o que aos deuses é igual, Polifemo,
 e ainda Teseu, que de Egeu descendia, de formas divinas.
 Esses realmente, os mais fortes heróis que na terra viveram.
 Não foram fortes somente: lutaram com fortes guerreiros,
 monstros alpestres, a todos matando por modo terrível.
 Fui companheiro de todos nas lutas de então, pois chamado
 por eles próprios me vira, de Pilo longínqua, arenosa.
 Sim, quando me era possível, lutei, pois dos homens que a terra
 ora alimenta, nenhum suportara confronto com eles.
 Obedeciam-me, entanto; meu voto era sempre acatado.
 (*Ilíada*, v. 260-272).

4.6.4 Semelhança com o grandioso herói Hércules

Outro herói da Antiguidade Clássica cuja fama foi conquistada graças aos doze imensos trabalhos que realizou, sob o ódio incessante de Hera, é Hércules que, quando na realização de uma de suas tarefas, destruiu Tróia, praticamente sozinho, se compararmos aos inúmeros exércitos que lutaram ao lado de Agamémnom e Menelau. Esse feito é lembrado na seguinte passagem da *Ilíada*.

Bem diferente, por certo, é o que de Hércules forte se conta,
 meu audacíssimo pai, de coragem leonina dotado,
 que já aqui esteve, uma vez, por motivos dos fortes cavalos
 de Laomedonte, em seis naves somente e com bem pouca gente,
 quando destruiu a cidade, deixando as estradas desertas.
 (*Ilíada*. Canto V, v. 637-642).

Na *Teogonia* de Hesíodo, Hércules é apresentado como o filho de Alcmena e de Zeus que livrou Prometeu do terrível castigo imposto pelo próprio Cronida a esse titã desobediente, filho de Jápeto.

E prendeu com infrágeis peias Prometeu astuciador, cadeias dolorosas passadas ao
 meio duma coluna,
 e sobre ele incitou uma águia de longas asas,
 ela comia o fígado imortal, ele crescia à noite
 todo igual o comera de dia a ave de longas asas.
 O filho de Alcmena de belo tornozelos valente
 Hércules matou-a, da maligna doença defendeu
 o filho de Jápeto e libertou-o dos tormentos,

não discordando Zeus Olímpio o sublime soberano
 para que de Hércules Tebano fosse a glória
 maior que antes sobre a terra multinutriz.
 Reverente ele horou ao insigne filho,
 apesar da cólera pôs fim ao rancor que retinha
 de quem desafiou os desígnios do pujante Cronida.
 (*Teogonia* (2006), v. 521-534) .

Também é feito de Hércules na *Teogonia* de Hesíodo o episódio da morte de Gerioneu, um monstro de três cabeças, Ortro, cão de Gerioneu, pai do Leão de Neméia, e o vaqueiro Eurítion.

E a Gerioneu matou-o a força de Hércules
 perto dos bois sinuosos na circunfluída Eritéia
 no dia em que tangeria os bois de ampla testa
 para Tirinto sagrada após atravessar o Oceano
 após matar Ortro e o vaqueiro Eurítion
 no nevoento estábulo além do ínclito Oceano.
 (*Teogonia* (2006), v. 289- 294).

Ainda na *Teogonia*, vemos que Hércules matou Hidra, filha de Víbora e Tífon e nutrida por Hera em Lerna e também o Leão de Neméia.

A seguir gerou Hidra, sábia do que é funesto,
 E em Lerna nutria-a a Deusa de alvos braços Hera
 Por imenso rancor contra a força de Hércules;
 Matou-a o filho de Zeus com não piedoso bronze,
 Hércules Anfitrionida, com o dileto de Ares
 Iolau, por desígnio de Atena apresadora.
 (HESÍODO, 1996, *Teogonia*, v. 313-318).

Os feitos de Hércules, sem dúvida majestosos, mostram que a grandeza do herói não se limita a tamanho físico ou até mesmo força física ou mental, mas sobre tudo na relação entre o deus e a sua criatura, quando esta age de acordo com os desígnios divinos.

4.7 Os gigantes bíblicos não homéricos

Há também os gigantes citados em outras referências bíblicas, todavia são diferentes dos da Mitologia, principalmente, os homéricos, exemplificados nas figuras de Ajax, Aquiles e Odisseu, entre outros. Assim, pelas referências pesquisadas, que mostraremos a seguir, percebemos que os gigantes bíblicos não possuem muitos predicativos que possam descrevê-los como vencedores ou mesmo heróis, pois, muitas vezes, são destacados pela força e pelo tamanho, mas derrotados pela inteligência, estratégia e coragem aliadas à fé em um Deus pelos humanos, como mostra a seguinte sequência de trechos retirados de diversos livros da Bíblia:

Porém os homens que com eles subiram disseram: “Não poderemos atacar aquele povo; é mais forte do que nós. E diante dos filhos de Israel infamaram a terra que tinham explorado, dizendo: A terra pelo meio da qual passamos a espiar, é terra que devora os seus moradores. Todo o povo que vimos nela são homens de grande estatura. Também vimos ali gigantes (pois os descendentes de Anaque são de raça gigante), e éramos aos nossos próprios olhos como gafanhotos, e assim também lhes parecíamos. (*Números 13:31-33*).

No livro de *Deuterônimo*, temos:

Antes habitavam ali os emins, um povo grande e numeroso, alto como os enaquins; também estes foram considerados com refains, assim como os enaquins; os moabitas os chamavam emins. (*Deuterônimo 2: 10-11*).

Ainda no mesmo livro,

Também esta era considerada terra dos refains, pois outrora moravam lá gigantes que os filhos de Amon chamavam zanzumins. (*Deuterônimo 2: 20*).

Em *Deuterônimo*:

Só Ogue, rei de Basã, ficou do resto dos refains. Seu leito é o leito de ferro que está em Rabá dos filhos de Amon; tem nove côvados de comprimento e quatro côvados de largura, pelo côvado comum. (*Deuterônimo 3:11*).

Em *Josué*:

E disse-lhes Josué: Se tão grande povo és, sobe ao bosque, e corta para ti ali lugar na terra dos perizeus e dos refains, pois que as montanhas de Efraim te são tão estreitas. (*Josué 17:15*).

Ainda em *Josué*:

E desce este termo até a extremidade do monte que está defronte do vale do filho Hinon, que está no vale dos refains, para o norte, e desce pelo vale do Hinom da banda dos jebuseus para o sul; e então desce à fonte de Rogel. (*Josué 18:16*).

E, no livro de *ISamuel*, temos o mais conhecido gigante, Golias, que apesar de grande, era dominado pelos filisteus, seus compatriotas, utilizado como principal arma desse exército que, possivelmente, não possuía estratégia de combate capaz de superar a de seu adversário, o exército do rei Saul, e, contando com o medo que causava o tamanho e a possível força que Golias apresentava, aliados ao fato de que Golias era também um experiente guerreiro, os filisteus acreditavam que venceriam os guerreiros israelitas.

Então saiu do arraial dos filisteus um guerreiro, cujo nome era Golias, de Gate, que tinha de altura seis côvados e um palmo. Trazia na cabeça um capacete de bronze, e vestia uma couraça de escamas, e era o peso da couraça de cinco mil siclos de bronze. E trazia grevas de bronze por cima dos seus pés, e um escudo de bronze entre os seus ombros. E a haste de sua lança era como eixo de tecelão, e o ferro de sua lança de seiscentos siclos de ferro, e diante dele ia o escudeiro. E parou e clamou às campanhas de Israel, e disse-lhes: Para que saireis a ordenar a batalha? Não sou eu filisteu e vos servos de Saul? Escolhei entre vós um homem que desça a mim. Se ele puder pelejar

comigo e me ferir, seremos vossos servos; porém, se eu o vencer e o ferir, então sereis nossos servos e nos servireis. Disse mais o filisteu: Hoje, desafio as campanhas de Israel, *dizendo*: Dai-me um homem, para que ambos pelejemos. Ouvindo, então, Saul e todo o Israel essas palavras do filisteu, espantaram-se e temeram muito. (*1Samuel 17:4-11*).

Vimos que o gigante Golias se apresenta paramentado de vestes e armas de guerreiro, mas não há em seu discurso nenhuma referência a divindades pedindo-lhes proteção, apenas as cita para amaldiçoar Davi. Golias confia basicamente na sua força e tamanho, os quais despertam em seus adversários o medo tremendo e geral. Porém Davi, sem nenhum dos aparatos de guerreiro, vence o famigerado gigante com seixos do rio e, confiando na divindade chamada Senhor dos Exércitos, derrota o gigante e o mata com a própria espada de Golias, destruindo, assim, a única arma dos filisteus que, vendo que Golias morreu, saem correndo do campo de batalha.

E Saul vestiu a Davi das suas vestes, pôs-lhe sobre a cabeça um capacete de bronze, e o vestiu de uma couraça. E Davi cingiu a espada sobre as suas vestes e começou a andar; porém nunca o havia experimentado; então disse Davi a Saul: Não posso andar com isto, pois nunca o experimentei. E Davi tirou aquilo de sobre si. E tomou o seu cajado na mão, e escolheu para si cinco seixos do ribeiro, e pô-los no alforje de pastor, que trazia, a saber, no surrão; e lançou mão da sua funda e foi-se chegando ao filisteu. O filisteu também veio chegando a Davi; e o que lhe levava o escudo ia diante dele. E olhando o filisteu e vendo a Davi, o desprezou, porquanto era jovem ruivo e de gentil aspecto. Disse, pois, o filisteu a Davi: Sou eu algum cão, para tu vires a mim com paus? E o filisteu amaldiçoou Davi, pelos seus deuses. Disse mais o filisteu a Davi: Vem a mim e darei a tua carne às aves do céu e às bestas do campo. Davi, porém disse ao filisteu: tu vens a mim com espada, e com lança, e com escudo; porém eu vou a ti em nome do Senhor dos Exércitos, o Deus dos Exércitos de Israel, a quem tens afrontado. Hoje mesmo o Senhor te entregará na minha mão; e ferir-te-ei, e te tirarei a cabeça, e os corpos do arraial dos filisteus darei hoje mesmo às aves do céu e às bestas da terra; e toda terra saberá que há Deus em Israel. E saberá toda congregação que o Senhor salva, não com espada, nem lança; porque do Senhor é a guerra, e ele vos entregará na nossa mão. E Davi meteu a mão no alforje, e tomou dali uma pedra, e com a funda lha atirou, e feriu o filisteu na testa; e a pedra se lhe cravou na testa, e caiu sobre seu rosto em terra. Assim, Davi prevaleceu contra o filisteu, com uma funda e com uma pedra, e feriu o filisteu, e o matou sem que Davi tivesse uma espada na mão. Pelo que correu Davi, e pôs-se sobre o filisteu, e tomou a sua espada, e tirou-a da bainha; e o matou e lhe cortou com ela a cabeça; vendo, então, os filisteus que o seu campeão era morto, fugiram. (*1Samuel 17: 38-51*).

E, para finalizar nossas referências bíblicas de gigantes, temos, em *2Samuel*, quatro batalhas que nos mostram a habilidade e a inteligência vencendo a altura e a força física.

Tiveram mais os filisteus uma peleja contra Israel; e desceu Davi, e com ele os seus servos, e tanto pelearam contra os filisteus, que Davi se cansou E Isbí-Benobe, que era um dos filhos do gigante, e o peso de sua lança tinha trezentos siclos de cobre, e que cingia uma espada nova, este intentou ferir Davi. Porém Abisai, filho de Zeruaia, o socorreu, e feriu o filisteu, e o matou; então os homens de Davi lhe juraram dizendo: Nunca mais sairás conosco à peleja, para que não apagues a lâmpada de Israel. E aconteceu, depois disso, que houve em Gobe ainda outra peleja contra os filisteus; então, Sibecai, o husatita, feriu a Safe, que era dos filhos dos gigantes. Houve mais outra peleja contra os filisteus em Gobe; e Elanã, filho de Jaaré-Oregim, o belemita,

feriu Golias, o geteu, de cuja lança era a haste como eixo de tecelão. Houve ainda também outra peleja em Gate, onde estava um homem de alta estatura, que tinha em cada mão seis dedos e em cada pé outros seis, vinte e quatro por todos, e também este nascera dos gigantes. E injuriava a Israel; porém Jônatas, filho de Simeia, irmão de Davi, o feriu. Estes quatro nasceram dos gigantes em Gate; e caíram pela mão de Davi e pela mão de seus servos. (*2Samuel* 21: 15-22).

Pelo que foi exposto, acreditamos que os gigantes apresentados nos relatos bíblicos podem ser os descendentes dos filhos de Deus com as filhas dos homens, portanto, seus antepassados, possivelmente, são também motivadores do dilúvio, pois essa união expressa a desobediência a Deus, além da falta de culto ao criador e ausência de evocação do nome do Senhor:

Então disse o Senhor: Não permanecerá o meu Espírito para sempre com o homem, pois este é mortal; os seus dias serão cento e vinte anos. (*Gênesis* 6:3).

Também é possível perceber que a aparição desses novos personagens, os gigantes, aumentou o distanciamento entre os homens e seu criador, além de promover mais a maldade humana.

Viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra, e que toda imaginação dos pensamentos de seu coração era má continuamente. (*Gênesis* 6:5).

A narrativa nos traz a impressão que a raça humana não guardava praticamente nada da geração de Sete, assemelhando-se muito com a geração de Caim, a qual abertamente rompeu com o criador.

Então disse Caim ao Senhor: É maior o meu castigo do que o que eu possa suportar. Hoje me lanças da face da terra, e da tua presença me esconderei; serei fugitivo e errante sobre a terra, e qualquer que comigo se encontrar me matará. (*Gênesis* 4:12-14).

A geração de Caim também tinha a prática da bigamia e poligamia, pois Lameque, quarta geração de Caim, casou-se com duas mulheres.

Lameque tomou para si duas mulheres: o nome de uma era Ada e o nome da outra Zilá. (*Gênesis* 4:19).

De acordo Flávio Josefo, durante várias gerações, os descendentes de Adão e Eva viviam seguindo os preceitos das primeiras gerações de Sete, também chamados por alguns estudiosos de Filhos de Deus, mas, com o passar dos tempos, os novos descendentes dos filhos de Sete começaram a adotar o mesmo modo de casamento de Lameque, pois, como vimos, possuíam várias mulheres, filhas dos homens, e assim houve uma mistura entre a descendência de Caim com a de Sete e dessa combinação de descendentes dos filhos de Adão, nasceu uma

leva de homens indolentes que adotaram práticas de injustiça semelhante às dos gigantes dos quais falam os gregos.

Sete gerações continuaram a viver no exercício da virtude e no culto do verdadeiro Deus, ao qual reconheciam por único Senhor do universo.

Mas as que vieram em seguida não imitaram os costumes dos pais. Não prestavam mais a Deus a honra que lhe era devida nem exerciam mais a justiça para com os homens, mas se entregavam com mais ardor ainda a toda sorte de crimes, enquanto os seus antepassados se haviam dedicado à prática de toda espécie de virtudes. Assim, atraíram sobre si a cólera de Deus, e os grandes da terra, que se haviam casado com as filhas dos descendentes de Caim, produziram uma raça indolente que, pela confiança que depositavam na própria força, se vangloriava de calcar aos pés a justiça e imitava os gigantes de que falam os gregos. (JOSEFO, 2004, p. 23)

Acreditamos que a proliferação dos imitadores desses gigantes diminuiu a quantidade de pessoas que evocavam o nome de Deus, o que pode ter motivado o criador a destruir toda a sua criação.

Então arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a terra, e isso lhe pesou no coração.

Disse o Senhor. Destruirei de sobre a terra o homem que criei, tanto o homem como o animal, os répteis como as aves do céu: pois me arrependo de os haver feito. (*Gênesis* 6:6-7).

Os ferozes gigantes bíblicos assemelham-se, pela violência e brutalidade, aos homens descritos na quinta raça de mortais da obra *Os Trabalhos e os Dias*, de Hesíodo, pois tais quais aos homens da idade do bronze comportavam-se e a descrição física também lembra a dos gigantes bíblicos.

E Zeus Pai, terceira, outra raça de homens mortais
brônzea criou em nada se assemelhando à argêntea;
era do freixo, terrível e fértil, e lhe importavam de Ares
obras gementes e violências; nenhum trigo
eles comiam e de aço tinham resistente o coração;
inacessíveis: grande sua força e braços invencíveis
dos ombros nasciam sobre as robustas partes.
Deles, brônzeas as armas e brônzeas as casa,
com bronze trabalhavam: negro ferro não havia.
E por suas próprias mãos tendo sucumbido
desceram ao úmido palácio do gélido Hades;
anônimos; a morte, por assombrosos que fossem,
pegou-os negra. Deixaram, do sol, a luz brilhante.
(HESÍODO, *Os Trabalhos e os Dias*, v. 143-155).

4.7.1 Semelhanças com os imensos monstros da Teogonia

Outras referências de espécies extremamente grandes que vamos estudar são as apresentadas na *Teogonia*, de Hesíodo, são eles Coto, Briareu e Giges que possuem a seguinte aparência.

Outros ainda da Terra e do Céu nasceram,
três filhos enormes, violentos, não nomeáveis.
Coto, Briareu e Giges, assombrosos filhos.
Deles, eram cem braços que saltavam dos ombros,
improximáveis; cabeça de cada um cinquenta
brotavam dos ombros, sobre os grossos membros.
Vigor sem limites, poderoso na enorme forma.
(*Teogonia* (2006), v. 150).

O Céu não amou também esses filhos e os ocultou dentro da Terra:

Quantos da Terra e do Céu nasceram, filhos os mais temíveis, detestava-os o pai dès
o começo: tão logo cada um deles nascia a todos ocultava, à luz não os permitindo,
na cova da Terra .
(*Teogonia* (2006), v. 155)

A ação de Céu aumentou ainda mais as dores da Terra, visto que esses novos filhos
eram enormes e também pesados, fazendo com que ela, sentindo-se atulhada e dolorida, por
não dar à luz a nenhum de seus filhos, tanto os grandes quanto os de menor estatura, urdisse
um plano para libertar sua prole e livrar-se das dores,

Rápida criou o gênero do grisalho aço, forjou grande podão (...)
Assim falou. Exultou nas entranhas Terra prodigiosa, colocou oculto em tocaia, pôs-
lhe nas mãos foice dentada e inculcou-lhe todo ardil. Veio com a noite o grande Céu,
ao redor da Terra desejando amor sobrepairou e estendeu-se a tudo. Da tocaia o filho
alcançou com a mão esquerda, com a destra pegou a prodigiosa foice longa e dentada.
E do pai o pênis ceifou com ímpeto e lançou a esmo para trás. Mas nada inerte escapou
da mão: quantos salpicos respingaram sanguíneos a todos recebeu-os a Terra; com o
girar do ano gerou as Erínias duras, os grandes Gigantes rútilos nas armas, com longas
lanças nas mãos, e Ninfas chamadas Freixos sobre a terra infinita.
(HESÍODO, 1996, *Teogonia* v. 160, 185).

Percebemos pelos relatos que essa espécie gigantesca e pesada somou na decisão de
Gaia de romper drasticamente com Urano. Ao ser efetivado o plano de Gaia, quando houve o
corte do pênis de Urano, após o girar do ano, a Terra gerou uma nova espécie de seres grandes:
os Gigantes propriamente ditos:

Mas nada inerte escapou da mão: quantos salpicos respingaram sanguíneos a todos
recebeu-os a Terra; com o girar do ano gerou as Erínias duras, os grandes Gigantes
rútilos nas armas, com longas lanças nas mãos, (...). (HESÍODO, 1996, *Teogonia* , v.
185).

4.7.2 Semelhança com os Gigantes da Teogonia

A luta dos Deuses imortais contra os seres de imenso porte não se acabou com a
Titanomaquia, pois houve também a Gigantomaquia, ou seja, a luta dos gigantes. A motivação
dessa guerra ocorreu porque Gaia não se contentou com o destino que Zeus e os Deuses imortais

concederam aos Titãs, lançados no Tártaro. Os gigantes foram gerados dos salpicos sanguíneos do pênis de Urano, de acordo com a *Teogonia*, de Hesíodo, verso 185. Tinham a seguinte aparência:

Eram seres imensos, prodigiosamente fortes, de espessa cabeleira e barba hirsuta, o corpo horrendo, cujas pernas tinham a forma de serpente. (BRANDÃO, 1986, p. 211).

Podem ter participado da Gigantomaquia um grande número de gigantes, todavia só encontramos registro de treze, os quais eram Alcioneu, Porfírio, Efilates, Éurito, Clício, Mimas, Eucélado, Palas, Polibotes, Hipólito, Grátion, Ágrio e Toas. Os gigantes, mesmo sendo de origem divina, podiam ser mortos, mas, para que isso acontecesse, eram necessários os seguintes procedimentos:

Os Gigantes são mortais, quer dizer, podem ser mortos, desde que sejam atacados simultaneamente por um deus e por um mortal. Existia, além do mais, uma erva mágica, produzida por Geia, que podia curá-los de golpes mortais. Zeus, todavia, proibiu a Hélio, Selene e Eos de brilharem, a fim de que ninguém encontrasse a planta antes que ele próprio dela se apoderasse. (BRANDÃO, 1986, p. 211).

Assim, com a ajuda dos mortais, a batalha contra os Gigantes ocorreu da seguinte forma.

Alcioneu foi morto por Hércules, auxiliado por Atena, que aconselhou o herói a arrastá-lo para longe de Palene, sua cidade natal, porque, porque, cada vez que o gigante caía, recobrava as forças, por tocar a terra, de onde havia saído. *Porfírio* atacou a Hércules e Hera, mas Zeus inspirou-lhe um desejo ardente por esta e enquanto o monstro tentava arrancar-lhe as vestes, Zeus o fulminou com um raio e Hércules acabou com ele a flechadas. *Efilates* foi morto por uma flecha de Apolo no olho esquerdo e por uma de Hércules no olho direito. *Éurito* foi eliminado por Dioniso, com um golpe de tirsó. Hécate acabou com *Clício* a golpes de tocha; *Mimas* foi liquidado por Hefesto, com ferro em brasa. *Encélado* fugiu, mas Atena jogou em cima dele a ilha de Sicília; a mesma Atena escorchou a *Palas* e se serviu da pele do mesmo, como uma couraça, até o fim da luta. *Polibotes* foi perseguido por Posídon através das ondas do mar até a ilha de Cós. O deus, enfurecido, quebrou um pedaço da Ilha de Nisiro e lançou-o sobre o Gigante, esmagando-o. Hermes, usando o capacete de Hades, que o tornava invisível, matou *Hipólito*, enquanto Ártemis liquidava *Grátion*. As Moiras mataram *Ágrio* e *Toas*. Zeus, com seus raios, fulminou os restantes e Hércules acabou de liquidá-los a flechadas. (BRANDÃO, 1986, p.. 211-212).

4.7.3 Breve comentário sobre os gigantes

Os gigantes ou seres de imenso tamanho e força física descomunal não são invencíveis em nenhuma das narrativas pesquisadas neste estudo, pois, tanto no relato bíblico quanto o da mitologia grega, eles foram derrotados pela conjugação de deuses e mortais. Estes, por sua vez, souberam manipular os gigantes e usaram-nos como armas de batalha, como pode ser visto na luta de Davi e Golias e na Titanomaquia.

Percebemos também que em ambas as narrativas os gigantes possuem uma porção divina, talvez por isso há a necessidade da união de mortais e imortais no momento de eliminá-los.

Vimos, ainda, que há uma grande diferença entre os gigantes, ou monstros, e os heróis narrados por Homero, pois estes são capazes de aliar a força à sabedoria, seja esta para guerrear ou reinar entre os homens.

Assim, pelo nosso estudo, podemos notar que o mito dos gigantes é alimentado pelo medo daquilo que se apresenta como grande em tamanho e força física. Mas que pode ser derrotado pela conjugação das estratégias humanas com a ajuda do divino.

4.8 O prenúncio do dilúvio

Voltando ao descontentamento de Deus com as criaturas que se multiplicaram na terra, percebemos uma nova característica do criador: Arrependimento. Além do pesar em seu coração: “Então arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a terra, e isso lhe pesou o coração.” (*Gênesis* 6:6). Tomado pelo arrependimento e vendo apenas Noé e sua descendência como dignos de continuarem vivos, o criador, que até o presente momento apenas construía espaços e oferecia subsídios para as suas criaturas ficarem bem no meio em que viviam, projeta a destruição de grande parte de sua obra, a terra, agora totalmente diferente do Éden, pois percebemos, desde a geração de Enos, que Deus já não mais conversava diretamente com as suas criaturas ou mesmo passeava entre eles como fazia na geração de Adão.

Os homens mostravam-se independentes, agindo por sua própria vontade, indiferentes aos feitos do criador. Tal comportamento gerou um pesar no coração de Deus que decidiu que seu espírito não permaneceria para sempre com o homem:

Então disse o Senhor: Não permanecerá o meu Espírito para sempre como homem, pois este é mortal; os seus dias serão cento e vinte anos. (*Gênesis* 6:3).

Ainda endossando a nossa tese de que havia bastante hostilidade entre o criador e as suas criaturas e que estas estavam importando-se apenas com elas mesmas e pouco tementes a Deus,

A terra, porém, estava corrompida diante de Deus, e cheia de violência. Viu Deus a terra, e que estava corrompida, pois todas as pessoas haviam corrompido o seu caminho sobre a terra. (*Gênesis* 6:11-12).

Ao observar esse cenário de corrupção do homem na terra e do descontentamento de Deus com suas criaturas, vemos uma dualidade na vontade de Deus em destruir a terra e do

desejo de manter os seres criados pelas mãos dele, principalmente o homem que o adorava. Mas o que parece mesmo patente nesse momento de Deus com suas criaturas é um sentimento de tristeza e decepção com o ser humano.

Quando o Senhor viu que as pessoas eram muito más e que sempre estavam pensando em fazer coisas erradas, ficou muito triste por haver feito os seres humanos. O senhor ficou tão triste e com o coração tão pesado, que disse: - vou fazer desaparecer da terra essa gente que criei, e também todos os animais, os seres que se arrastam pelo chão e as aves, pois estou muito triste porque os criei. (*Gênesis*, 6: 5-7).

Essa dúvida do Criador em acabar definitivamente com as suas criaturas insurgentes e a vontade de ter novamente uma relação harmoniosa com os seres humanos torna-se possível ao criador quando ele reconhece a perseverança de Noé em permanecer sob os desígnios de Deus, mesmo em um ambiente hostil que estava a terra em que habitava naquele momento.

Noé, entristecido pela dor de vê-los imersos nos crimes, exortava-os a mudar de vida. Mas quando viu que em vez de seguir os seus conselhos eles se tornavam cada vez piores, o temor de que o fizessem morrer com toda a sua família levou-o a deixar a sua pátria. (JOSEFO, 2004, p. 24).

A falta de arrependimento dos homens, a disposição destes de praticar o mal contra eles próprios e também a ameaça de matar Noé e sua família pesaram bastante na decisão de Deus, que amava a retidão que esse membro do clã de Sete apresentava, de extinguir da face da terra esses seres corrompidos.

Deus, que o amava por causa de sua probidade, ficou tão irritado pela malícia e corrupção do resto dos homens que resolveu não somente castigá-los, mas exterminá-los completamente e repovoar a terra com homens que vivessem na pureza e na inocência. (FLÁVIO JOSEFO, 2004, p. 24).

4.8.1 Noé e a arca

O relato da arca de Noé é um tanto diferente do estilo que o narrador vinha imprimindo até então às personagens, pois Noé, possivelmente um camponês, visto ser ele da descendência de Adão, a qual cultivava o solo, deixa de ser o patriarca de uma pequena família e torna-se o arquiteto executor da arca que irá salvar a semente da humanidade e alguns espécimes de animais e vegetais, ou seja, no plano da teoria da literatura, Noé deixa de ser uma personagem plana para ser uma redonda, pois, no decorrer da exegese, ele evolui em suas ações, deixando os leitores intrigados com a evolução dele no enredo.

4.8.2 Noé e o evento da construção da arca

Como foi visto, Noé agradou a Deus e por isso foi escolhido para ser salvo da grande destruição, juntamente com sua família e com os animais que o próprio Deus lhe enviou. Para

entendermos melhor como foi a evolução e as mudanças no comportamento de Noé, vamos analisar a complexidade da construção da arca e a logística da chegada dos habitantes que residiriam nessa edificação durante o dilúvio. Percebemos, primeiramente, que algumas informações desse episódio foram duplicadas na narrativa, pois está tanto em *Gênesis* 6:13-22 quanto em *Gênesis* 7: 1-5.

Então disse Deus a Noé: O fim de todos os seres humanos é chegado perante mim, pois a terra está cheia da violência dos homens. Destruí-los-ei juntamente com a terra. Faze para ti uma arca de madeira de cipreste: farás compartimentos na arca, e a revestirás de betume por dentro e por fora. Dessa maneira a farás: o comprimento da arca será de trezentos côvados, a sua largura de cinquenta e a sua altura de trinta. Farás na arca uma janela e lhe darás um côvado de altura. A porta da arca porás no seu lado; farás um primeiro, um segundo e um terceiro andares. Eu trago o dilúvio sobre a terra, para destruir tudo que tem vida debaixo dos céus; tudo que há na terra expiará. Mas contigo estabecerei a minha aliança, e entrarás na arca tu e contigo os teus filhos, a tua mulher e as mulheres de teus filhos. De tudo que vive, de tudo o que é carne, dois de cada espécie, farás entrar na arca, para os conservares vivos contigo; macho e fêmea serão. Das aves conforme as suas espécies, de todos os animais conforme as suas espécies, dois cada espécie virão a ti, para o conservares em vida. Leva contigo de tudo o que se come, e junta-os para ti; e ti será para mantimento, a ti e a eles. Assim fez Noé, conforme a tudo o que Deus lhe mandou. (*Gênesis* 6:13-22).

No capítulo 7:1-5 de *Gênesis*, temos:

Depois disse o Senhor a Noé: Entra na arca, tu e toda a tua casa, porque és justo diante de mim nesta geração. De todos os animais limpos levarás contigo sete e sete, o macho e sua fêmea; mas dos animais que não são limpos, dois, o macho e sua fêmea. Também das aves dos céus sete e sete, macho e fêmea, para se conservar em vida a semente sobre a face de toda a terra. Porque passados ainda sete dias, farei chover sobre a terra quarenta dias e quarenta noites, e exterminarei da face da terra todos os seres que fiz. E Noé fez conforme tudo o que o Senhor lhe ordenara. (*Gênesis*, 7:1-5).

Sobre esse episódio da ordenança de construir a arca, Flávio Josefo faz a seguinte narração.

A Noé, para salvá-lo, ordenou que construísse uma arca de quatro andares, com trezentos côvados de comprimento, cinquenta de largura e trinta de altura; que lá se encerrasse com a esposa, os três filhos e as três esposas deles; e que levasse todo o necessário para o seu alimento e também para os animais de todas as espécies, os quais ele deveria levar consigo, para conservar-lhes a raça. Isto é, um casal de cada espécie, macho e fêmea, e sete casais de algumas. O teto e os lados da arca eram tão fortes que ela resistiu à violência das águas e dos ventos e salvou Noé e sua família da inundação geral que fez morrer todos os outros homens. (JOSEFO, 2004, p. 24).

Ainda sobre a arquitetura da arca, Davis (1983) faz o seguinte estudo.

A arca de Noé foi uma embarcação, construída por ordem divina, em a qual Noé se manteve em segurança, enquanto duraram as águas do dilúvio. Se o côvado, em

medida que serviu de unidade à construção da arca, corresponde à nossa antiga unidade de 18 polegadas, então o comprimento devia ser de 148 metros e meio, e a largura de 24,75 com a altura de 14,19. Para torná-la impermeável, foi betumada por dentro e por fora; possuía três compartimentos sobrepostos e uma porta de ingresso e egresso, e bem acima uma janela de 0,66 de alto. Uma cobertura servia de proteção contra a chuva e o sol. (DAVIS, 1983, p.51)

A duração do episódio da construção da arca e o período que Noé, sua família e os animais que foram selecionados por Deus para entrarem na arca e nela residir até o final do dilúvio é narrado a partir do capítulo 6:14 de *Gênesis* e transcorre até o capítulo 8:19 do mesmo livro. Já vimos que algumas informações foram duplicadas e que Noé, mesmo sendo apenas um camponês, conseguiu realizar a construção da arca. Vejamos agora quem era a personagem Noé.

De acordo com Flávio Josefo:

Ele era o décimo descendente de Adão, de masculino em masculino, pois era filho de Lameque, que era filho de Metusalém. Metusalém era filho de Jared. Jared era filho de Maalalel, que tinha vários irmãos. Maalalel era filho de Cainã. Cainã era filho de Enos. Enos era filho de Sete, e Sete era filho de Adão. (JOSEFO, 2004, p. 24).

Davis (1983) tem a seguinte explicação para o nome Noé.

Noé, repouso. Nome do filho de Lameque, descendente de Sete. A razão deste nome afirma-se nas palavras que têm alguma semelhança de som. “E ele lhe pôs o nome de Noé, dizendo: Este nos consolará em nossos trabalhos e nas obras das nossas mãos na terra que o Senhor amaldiçoou.” Este método é um dos muitos que os escritores hebreus empegam. (DAVIS, 1983, p.422)

Pelas referências dos estudiosos acima citados, percebemos que Noé é um homem do campo, sem nenhuma menção a uma outra profissão ou trabalho que não fosse relacionado ao modo de vida adotado por Adão e seus descendentes. Todavia, vimos que a construção da arca foi uma edificação um tanto complexa para ser realizada por apenas uma pessoa, visto que a narrativa de Moisés não nos oferece indícios de que Noé recebeu ajuda que não fosse a divina.

O relato bíblico diz que Noé tinha seiscentos anos quando começou o dilúvio e data esse acontecimento em dezessete do segundo mês.

Nesse tempo Noé tinha seiscentos anos. No dia dezessete do segundo mês, se arrebutaram todas as fontes do grande mar, e foram abertas as janelas do céu, e caiu chuva sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites. (*Gênesis*, 7: 11-12).

Sobre essa narrativa bíblica, Flávio Josefo faz o seguinte relato.

Noé tinha seiscentos anos quando veio o dilúvio. Foi no segundo mês, que os macedônios chamam dius, e os hebreus, maresvã, pois os egípcios assim dividiram o ano. Quanto a Moisés, ele deu, nos seus fastos, o primeiro lugar ao mês chamado nisã, que é o xântico macedônio, porque foi nesse mês que ele retirou os hebreus da terra do Egito e por essa razão começou por esse mesmo mês a registrar o que se refere ao

culto a Deus. No que se refere às coisas civis, no entanto, como as feiras e mercados determinados pelo comércio e empreendimentos semelhantes, não houve mudança alguma. Moisés registra que a chuva causadora do dilúvio geral começou a cair no dia 27 do segundo mês do ano 2256 depois da criação de Adão. A Sagrada Escritura faz o cálculo disso e anota com cuidado muito particular o nascimento e a morte dos grandes personagens daquele tempo. (JOSEFO, 2004, p. 24).

Não temos informações de como era a vida dentro da arca. Sabemos apenas que habitavam a arca Noé, Sem, Cão e Jafé e suas respectivas esposas, além de todos os animais que o próprio Deus enviou para Noé. Também temos como informação que Deus fechou a porta da arca por fora.

Nesse mesmo dia entrou Noé na arca, e junto com ele seus filhos Sem, Cão e Jafé, como também sua mulher e as três mulheres de seus filhos, e como eles todo animal conforme a sua espécie, e todo gado conforme a sua espécie, e todo o réptil que se arrasta sobre a terra conforme a sua espécie, e toda ave conforme a sua espécie, pássaros de toda qualidade. E todas as criaturas, em que havia fôlego de vida, entraram de dois em dois para Noé na arca. E os que entraram eram machos e fêmeas de todos os seres vivos, como Deus lhe tinha ordenado. Então o Senhor fechou a porta por fora. (*Gênesis*, 7:13-16).

4.8.3 O dilúvio hebreu

Não temos conhecimentos de como foram os quarenta dias e as quarenta noites dentro da arca, mas, fora dela, temos que as águas subiam gradativamente até chegar à altura de quinze côvados acima dos mais altos montes, extinguindo tudo que havia na face da terra. Somente ficou a arca vagando sobre as águas durante cento e cinquenta dias.

Deus, então, deu o sinal e livre curso às águas, a fim de inundarem a terra, e elas elevaram-se, por uma chuva contínua de quarenta dias, até quinze côvados acima das mais altas montanhas e não deixaram nenhum lugar para onde o povo pudesse fugir e salvar-se. (JOSEFO, 2004, p. 25).

A narrativa de Moisés sobre esse momento de destruição de grande parte da criação de Deus é mais detalhada e os dois primeiros versículos centram-se tanto na arca e nas águas as quais se elevavam gradativamente que, se não fossem os versos seguintes, confundiríamos com um poema cujo tema seria a solidão no mar.

Quarenta dias durou o Dilúvio, e as águas aumentaram e elevaram a arca acima da terra. As águas prevaleceram, aumentando muito sobre a terra, e a arca flutuava na superfície das águas. As águas dominavam a cada vez mais a terra, e foram cobertas todas as altas montanhas debaixo do céu. As águas subiram até quase sete metros acima das montanhas. Todos os seres vivos que se movem sobre a terra pereceram: as aves, rebanhos domésticos, animais selvagens, todas as pequenas criaturas que povoam a terra e toda a humanidade. Tudo o que havia em terra seca e tinha nas narinas o folego de vida morreu. Todos os seres vivos foram exterminados da face da terra; tanto os homens, como os animais grandes, os animais pequenos que se movem rente ao chão e as aves do céu foram exterminados da terra. Só restaram Noé e aqueles que estavam com ele na arca. (*Gênesis*, 7: 17-23).

O supracitado episódio de *Gênesis*, no tocante à destruição da terra e à extinção dos seres vivos que estavam fora da arca, expressa quão grande era a ira de Deus contra aquela humanidade corrompida.

Davis (1983) oferece uma descrição e explicação mais técnica sobre o dilúvio do tempo de Noé.

Deus empregou causas secundárias para este fim, tais como: o rompimento de todas as fontes do grande abismo e a abertura das cataratas do céu. Deste modo, parte das águas veio do oceano, e a outra caiu das nuvens durante quarenta dias e outras tantas noites. As águas do dilúvio cobriram as mais altas montanhas, elevando-se a quinze côvados sobre elas, consumindo toda carne, de homens, aves, animais, feras, répteis, ficando apenas Noé e os que estavam com ele na arca. (DAVIS, 1983, p. 158-159).

Quanto ao tempo, além dos quarenta dias de chuva, passaram-se mais cento e cinquenta dias para que as águas baixassem. Noé, sua família e os animais ficaram esperando o momento de sair, mas, ao que parece, Deus não estava lembrado da arca com a tripulação de Noé, pois, só após mais de cento e cinquenta dias, lembrou-se de começar a secar a terra.

Então Deus lembrou-se de Noé e de todos os animais selvagens e rebanhos domésticos que estavam com ele na arca, e enviou um vento sobre a terra, e as águas começaram a baixar. As fontes das profundezas e as comportas do céu se fecharam, e a chuva parou. As águas foram baixando pouco a pouco sobre a terra. Ao fim de cento e cinquenta dias, as águas tinham diminuído, e no décimo sétimo dia do sétimo mês, a arca pousou nas montanhas de Ararate. As águas continuaram a baixar até o décimo mês, e no primeiro dia do décimo mês apareceram os topos das montanhas. (*Gênesis*, 8: 1-5).

Percebemos que durante todo esse período que Noé esteve na arca, não houve comunicação dele com Deus. O narrador não nos oferece informações de como era a vida dentro da arca. Também não sabemos por que Noé, que foi tão bem instruído por Deus a construir a arca, não mais dialoga com o seu instrutor.

Sobre os cálculos dos dias em que Noé e sua tripulação passaram na arca e também acerca das impressões dos habitantes que vislumbraram um novo mundo por meio do que viam a partir do ponto em que estavam, ou seja, de dentro da arca, Davis (1983) faz a seguinte observação.

Esta descrição é feita de acordo com o depoimento de uma testemunha ocular. A sua linguagem deve ser entendida no sentido em que a falaram seus autores, e aqueles que a promulgaram, séculos antes da vida de Moisés. A extensão do dilúvio não se pode saber pela simples leitura do *Gênesis*. O dilúvio poderia ser universal, inundando toda a superfície do globo, ou poderia ser limitado a uma localidade de maior ou menor extensão. Todas as montanhas que há debaixo do céu ficaram cobertas; pode-se entender, dentro do horizonte dos habitantes da arca. (DAVIS, 1983, p. 159).

O dilúvio foi um acontecimento lembrado por diversas culturas, tanto as que originaram o povo hebreu, quanto as que habitavam próximo a ele. Assim, esse fato que pode ser conhecido

como uma grande crise na história da humanidade, foi registrado por vários escribas, como registra Flávio Josefo.

Todos os historiadores, mesmo os bárbaros, falam do dilúvio e da arca, dentre outros Berose, caldeu. Eis as suas palavras: "Diz-se que ainda hoje se veem restos da arca sobre a montanha dos Cordiens, na Armênia, e alguns levam desse lugar pedaços de betume, com o qual ela estava recoberta, e dele se servem como impermeabilizante". Jerônimo, egípcio que escreveu sobre as antiguidades dos fenícios, Mnazeas e vários outros disso falam também. Nicolau de Damasco, no nonagésimo sexto livro de sua história, menciona-o nestes termos: "Há na Armênia, na província de Miniade, uma alta montanha chamada Baris, sobre a qual, diz-se, muitos se salvaram durante o dilúvio, e que uma arca cujos restos se conservaram por vários anos, e na qual um homem se havia encerrado, deteve-se no cume dessa montanha. Há probabilidade de que esse homem é aquele de que fala Moisés, o legislador dos judeus". (JOSEFO, 2004, p. 26).

4.8.4 As águas do dilúvio começam a secar

A narrativa pós-diluviana inicia-se com a afirmação de que Deus lembrou-se de Noé e dos outros tripulantes da arca e retoma a característica do Deus cuidadoso com as suas criaturas, pois este já começa a trabalhar para oferecer a Noé e sua família um local propício para o recomeço, para uma nova vida.

E lembrou-se Deus de Noé, e de todo animal, e de toda rês que com ele estava na arca; e Deus fez passar um vento sobre a terra e aquietaram-se as águas. (*Gênesis*, 8:1)

De acordo com a narrativa de Flávio Josefo, a diminuição das águas e posteriormente a percepção de que a arca estava sobre uma porção de terra trouxeram de volta a esperança a Noé.

Depois que a chuva cessou, passaram-se cento e cinquenta dias antes que as águas se retirassem, e somente no vigésimo sétimo dia do sétimo mês a arca se deteve sobre o vértice de uma montanha da Armênia. Noé então, abriu uma janela e, vendo um pouco de terra ao redor da arca, começou a se consolar e a conceber melhores esperanças. (JOSEFO, p.25)

A narrativa de Moisés não menciona o estado emocional de Noé. Assim, o que podemos presumir é que, possivelmente, dada à possível violência das águas invadindo a terra, que os tripulantes da arca poderiam perceber o cessar das chuvas e a calma, visto que a ausência de diálogo entre Deus e Noé permanecia. A possível carência de instrução de como proceder depois do dilúvio fez Noé ter a iniciativa de sondar como estava a terra, então:

E aconteceu que, ao cabo de quarenta dias, abriu Noé a janela da arca que tinha feito. (*Gênesis*, 8: 6)

Moisés não registrou o que Noé viu ou não da janela da arca. Josefo (2004) diz que Noé viu uma porção de terra, mas tanto pela narrativa de Moisés quanto pela de Josefo, percebemos que Noé insistiu no plano de sondagem do estado da terra depois do dilúvio:

E soltou um corvo, que saiu, indo e voltando, até que as águas se secaram de sobre a terra. (*Gênesis*, 8:7)

Sobre o plano de sondagem de Noé utilizando o corvo, Josefo faz o seguinte registro:

Alguns dias depois, ele fez sair um corvo para saber se havia ainda outros lugares de onde as águas se tivessem retirado completamente e se ele podia sair sem perigo. O corvo, porém, achando a terra ainda toda inundada, voltou à arca. (JOSEFO, 2004, p. 25)

Noé, nas busca de saber se havia terra seca, solta uma pomba:

A pomba, porém, não achou repouso para a olanta de seu pé e voltou a ele para a arca; porque as águas estavam sobre toda a face de toda a terra; e ele estendeu a sua mão, e tomou-a, e meteu-a consigo na arca. (*Gênesis*, 8:9)

Noé continuou insistindo em saber se seria seguro sair da arca com sua família, então soltou novamente a pomba pela janela da arca. Todavia, o que nos chama a atenção nessa busca de Noé em saber se pode sair da arca é a quantidade de tempo que ele e Deus evitaram o diálogo, pois não há indícios de Noé invocando Deus para pedir instruções nem Deus, pelo menos diretamente, como parecia no momento da narrativa da construção da arca, falando com Noé.

4.8.5 Deus rompe o silêncio

Deus volta a falar diretamente com Noé e percebemos, pela narrativa de Moisés, que o perfil aconselhador de Deus retorna, pois convida a Noé e sua tripulação a sair da arca. Noé, por sua vez, seu comportamento obediente e saiu levando com ele os habitantes da arca.

Então, falou Deus a Noé, dizendo: Sai da arca tu, e a tua mulher, e teus filhos, e as mulheres de teus filhos contigo. Todo animal que está contigo, de toda carne, de ave, e de gado, e de todo réptil que se roja sobre a terra, traze fora contigo; e povoem abundantemente a terra, e frutifiquem, e se multipliquem sobre a terra. Então saiu Noé e seus filhos, e sua mulher, e as mulheres de seus filhos com ele; todo animal, todo réptil, toda ave, tudo que se move sobre a terra, conforme as suas famílias, saiu para fora da arca. (*Gênesis*, 8:15-19)

O episódio supracitado é, neste momento da narrativa de Moisés, uma bela descrição do momento em que os tripulantes saem da arca depois de tanto tempo confinados, imaginar esse momento de saída, a possível mistura de sensações e de emoções que Noé e sua família podem ter sentido faz-nos entender o porquê de o lugar onde parou a arca de Noé é referenciado.

Os armênios chamaram a esse lugar Descida ou Saída, e os seus habitantes apontam ainda hoje alguns restos da arca. (JOSEFO, 2004, p.26)

4.9 O pacto pós-dilúvio

Noé oferece um sacrifício a Deus e este ato revela ou retoma uma forma de invocar Deus ou de chamar a atenção dele. Essa prática de ofertar algo a Deus é vista no começo da

narrativa com Caim e Abel. Todavia, podemos perceber que há diferenças neste ritual agora apresentado por Noé. Vejamos.

Edificou Noé um altar ao Senhor, e tomou de todo animal limpo e de toda ave limpa e ofereceu holocaustos sobre o altar. (*Gênesis*, 8: 20)

A oferta de Abel era uma ovelha, mas o texto não deixa claro que houve a morte desse animal, tampouco, que ele tenha sido consumido pelo fogo para que o cheiro chegasse a Deus. A narrativa das ofertas de Caim e Abel nos traz a impressão de que Deus estava se não presente fisicamente, pelo menos, no mesmo instante da entrega das ofertas e, de alguma forma, próximo aos ofertantes.

A forma que Deus recebeu o sacrifício também é bastante diferente do episódio de Caim e Abel, pois informa que os animais foram mortos e queimados e que Deus se agradou do cheiro: “E o Senhor cheiro o suave cheiro(...)”. (*Gênesis*, 8: 21).

O relato de Moisés não nos permite ter certeza de qual era a intenção de Noé ao oferecer a Deus um holocausto com tantos animais. Flávio Josefo diz que:

Com medo de que Deus inundasse a terra todos os anos, a fim de exterminar a raça dos homens, Noé ofereceu-lhe vítimas, rogando que nada mudasse na ordem estabelecida anteriormente e que Ele não usasse de tal rigor, fazendo perecer todas as criaturas vivas, mas se contentasse por ter castigado os maus, como os seus crimes mereciam, e por ter poupado os inocentes, aos quais Ele quisera salvar a vida. Pois, de outro modo, eles seriam ainda mais infelizes do que os que haviam sido sepultados nas águas, tendo visto com tremor tão estranha desolação e tendo dela sido preservados apenas para perecer mais tarde, de maneira semelhante. Assim, rogava que Deus aceitasse o seu sacrifício e não mais olhasse para a terra com cólera, de modo que ele e seus descendentes pudessem cultivá-la sem medo, construir cidades, desfrutar de todos os bens que possuíam antes do dilúvio e passar uma vida tão longa quanto feliz, como a de seus antepassados. (JOSEFO, 2004. P 27-28)

A narrativa de *Gênesis* não registra essa súplica proferida por Noé. Mas relata que Deus, depois de receber o sacrifício, faz a seguinte promessa:

E o Senhor cheirou o cheiro suave e o disse o Senhor em seu coração: Não tornarei mais a amaldiçoar a terra por causa do homem, porque a imaginação do coração do homem é má desde a sua meninice; nem tornarei mais a ferir todo vivente como fiz. Enquanto a terra durar, sementeira e sega, e frio e calor, e verão e inverno, e dia e noite não cessarão. (*Gênesis*, 8: 21-22)

O pacto que Deus fez com Noé, após abençoar a ele e sua família, é de que nunca mais a terra seria destruída com água e, sendo assim, Noé e sua descendência poderiam viver tranquilos sobre a terra, quase como seus antepassados no Jardim do Éden, dominando sobre todos os animais, crescendo e multiplicando-se. (*Gênesis*, 9: 1-2). Josefo (2004) faz praticamente a mesma narrativa sobre esse episódio do pacto que Deus fez com Noé. Todavia, a narrativa deste apresenta-se como um diálogo ocorrendo em resposta à súplica de Noé.

Como Noé era homem justo, Deus atendeu à sua oração e concedeu-lhe o que pedia, dizendo-lhe que não fora o patriarca a causa dos que se haviam perdido no dilúvio; que eles só podiam acusar a si mesmos pelo castigo recebido; que, se tivesse querido perdê-los, não os teria feito nascer, sendo mais fácil não dar a vida do que a tirar após tê-la concedido; que eles deviam, portanto, atribuir os castigos aos seus próprios crimes; que, em consideração à sua oração, não lhes seria mais tão severo no futuro; e que, quando viessem tempestades e furacões extraordinários, nem ele nem seus descendentes deveriam pensar num outro dilúvio, pois Ele não mais permitiria que as águas inundassem a terra. (JOSEFO, 2004, p. 27)

O pacto de Deus com Noé e seus descendentes de nunca mais haver dilúvio para destruir a terra tem como sinal um arco nas nuvens que sempre lembrar Deus do concerto que fez com Noé e sua descendência. (*Gênesis*, 9: 11-15).

Josefo (2004) narra um pouco mais sobre a vida de Noé e explica por que este descendente de Adão viveu tantos anos.

Noé viveu trezentos e cinquenta anos depois do dilúvio, na máxima prosperidade, e morreu com novecentos e cinquenta anos de idade. Por maior que seja a diferença entre a pouca duração da vida dos homens de hoje e a longa duração da dos de que acabo de falar, o que narro não deve passar por inverossímil. É que, além de os nossos antepassados serem muito queridos de Deus, e como obra que Ele havia feito com as próprias mãos, os alimentos de que se nutriam eram mais apropriados para conservar a vida. (JOSEFO, 2004, p. 27)

O mesmo autor também registra que Noé e sua descendência contribuíram muito para o desenvolvimento de ciências como geometria e astronomia.

E Deus a prolongava, tanto por causa de sua virtude como para lhes dar meios de aperfeiçoar as ciências da geometria e da astronomia, que eles haviam inventado — o que eles não teriam podido fazer se tivessem vivido menos de seiscentos anos, pois é somente após a revolução de seis séculos que se completa o grande ano. (JOSEFO, 2004, p. 27)

E finaliza afirmando que nenhum historiador ou poeta da antiguidade deixou de registrar a história do dilúvio e, conseqüentemente de Noé e sua arca.

Todos os que escreveram a história, tanto da Grécia como de outras nações, dão testemunho do que digo. Mâneto, que escreveu a história dos egípcios, Berosse, que nos deixou a dos caldeus. Moco, Hestieu e Jerônimo, que escreveram a dos fenícios, dizem também a mesma coisa. Hesíodo, Hecateu, Ascausila, Helânico, Éforo e Nicolau, referem que esses primeiros homens viviam até mil anos. Deixo aos que lerem isto que façam o juízo que quiserem. (JOSEFO, 2004, p. 27)

4.10 Breve comentário sobre *Gênesis*: da cosmogonia ao dilúvio

A narrativa da cosmogonia de *Gênesis*, embora curta, consegue abranger um número bastante significativo da criação de seres físicos e metafísicos. Diferente das outras narrativas

da região da Mesopotâmia e também da cultura grega narrada na *Teogonia* de Hesíodo, o Deus dos hebreus não possui um nascimeto, ele surgiu já como Deus soberano sobre tudo e sobre todos.

Esse Deus criador fez o ser humano a sua imagem e semelhança e para este criou um jardim, como morada, uma mulher e, principalmente, o fez imortal.

A desobediência à única ordenança que era não comer da árvore do conhecimento fez o Criador castigar suas criaturas, Adão e Eva, com a perda de uma vida sem adversidades tanto para eles como para os outros habitantes da terra.

A narrativa de *Gênesis* mostra um Deus propenso a ver suas criações de seres vivos crescendo e se multiplicando, mas a multiplicação da raça humana, cada vez mais ímpia e violenta com seus próprios semelhantes, fez Deus mudar seus planos e, novamente, por causa da insistência do ser humano de desobedecer às ordens do Criador, é castigada com um dilúvio que acabaria com tudo e com todos se Deus não tivesse visto em Noé uma esperança de recomeçar o mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do confronto entre as narrativas aqui estudadas depreendemos pontos de contato e de diferenciação estruturados por meio de temas de narrativas cosmogônicas como os mitos: *Enūma Eliš*; de origem suméria, e Atrahasis, ambas da região Mesopotâmica, isto é, entre os rios Tigre e Eufrates, também citados na narrativa de *Gênesis*; Gilgámesh, possivelmente a obra literária mais antiga já produzida pelos seres humanos; a cultura egípcia que tem, em suas divindades, formas diversas de narrar a criação do mundo e da humanidade; a *Teogonia* de Hesíodo, obra que narra o nascimento dos deuses, deusas e seres mitológicos, a hierarquia do panteão mitológico da antiga Grécia, bem como Zeus tornou-se o líder das deidades do Monte Olimpo, e o livro bíblico *Gênesis*, dentro de um recorte que abrange os capítulos que narraram da cosmogonia ao dilúvio. Nesse *corpus* pesquisado, dedicamos maior atenção a *Teogonia* de Hesíodo e ao *Gênesis* bíblico, pois essas obras são oriundas de culturas religiosas diferentes, ou seja, o poema grego *Teogonia* canta a história de diversos deuses, mas centra-se no deus supremo Zeus, sendo, assim, politeísta. Enquanto *Gênesis*, de cultura hebraica, narra os feitos de um Deus único, soberano sobre tudo e todos, logo, apresentado-se como monoteísta. Mas ambas, e também os mitos que apresentamos no capítulo dois deste estudo, têm em comum o registro do nascimento da terra, a formação desta, a criação do ser humano e a relação deste com o eu criador, com a terra e entre si.

O surgimento ou o nascimento dos deuses aparece de formas diferentes, pois na cultura monoteísta registrada no *Gênesis*, o Deus dos hebreus surge e transforma o vazio caótico em lugar propício, chamando à existência elementos físicos e metafísicos. Enquanto os deuses da cultura politeísta nascem, crescem, enfrentam batalhas e são sagados, graças aos seus feitos, soberano entre os deuses e os homens. Todavia, o Deus e/ou os deuses dessas culturas são os responsáveis pela raça humana ou porque a criou ou por tê-la recriado, mas, de alguma forma, os deuses estão ligados aos seres humanos em uma relação ora tensa ora harmoniosa, pois o ser humano, nessas culturas que registramos, neste trabalho, mesmo apresentado como hipossuficiente, é, possivelmente, o objeto mais cobiçado pelos deuses, pois, na relação criador e criatura, o fiel da balança parece ser a adoração que gera obediência e harmonia entre as partes. Assim, parece que os deuses da raça humana querem ser lembrados e terem seus feitos contados pelo ser humano que, dentro dessa idealização do Homem, criado pelos próprios deuses e, muitas vezes, semelhante aos criadores, torna-o o único ser vivente capaz de manter vivas e presentes as realizações divinas.

O crescimento da raça humana toma seu lugar na terra e ora o ser humano agrada seus criadores com manifestações de adoração e de obediência ora querendo destruir ou modifica a criação dos deuses, muitas vezes, destruindo seus próprios semelhantes.

Os deuses da cultura monoteísta e o Deus dos hebreus não são tolerantes com a desobediência e com as manifestações de insurgências. Eles punem, mesmo amando suas criaturas ou talvez porque amem suas criaturas. Estas são de difícil compreensão, pois não desejam ser hipossuficientes, por isso pensam ser essenciais ou necessárias aos deuses, mas não reconhecem a fragilidade delas de nada saber sobre os planos de seus criadores para elas e, na verdade, nem o que o tempo pode reservar a elas. Não sabem se há outro espaço diferente do criado para elas, mas se apropriam erroneamente do que tem, transformando a relação com os outros seres viventes e com os semelhantes ruim, repleta de desigualdades que se traduzem em violência e impiedade.

A ameaça do fim da raça humana com o dilúvio mostra a fortaleza que é o poder dos deuses e quão incapazes foram as primeiras gerações de humanos de perceberem além das suas fragilidades, os erros que estavam cometendo não somente com os deuses, mas com tudo que compõe a vida em sociedade.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Rubim Santos Leão de; FRANCO, Denize de Azevedo. **História das sociedades:** das comunidades primitivas às sociedades medievais. São Paulo: Imperial Novo Milênio, 2005.
- AUERBACH, Erich. A cicatriz de Ulisses. *In:* AUERBACH, Erich. **Mimesis:** a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2003. p. 1-20.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada.** Tradução de José Luiz Gonzaga Prado *et al.* Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.
- BÍBLIA. Português. **Harpa cristã.** Tradução de João Ferreira de Almeida revista e atualizada. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.
- BRANDÃO, Junito de Souza: **Mitologia grega.** Petrópolis: Vozes, 1986. v. I.
- BULFINCH, Thomas. **O livro da mitologia:** a idade da fábula. Tradução de Luciano Alves Meira. São Paulo: Martin Claret, 2013.
- BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia:** história de deuses e heróis. Tradução de David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.
- DALLEY, Stephanie (ed.). **Myths from Mesopotamia:** creation, the flood, Gilgamesh & others. Edited and translated with an introduction and notes by Stephanie Dalley. New York: Oxford, 2009.
- DANIELS, Mark. **A história da mitologia para quem tem pressa.** Tradução de Heloísa Leal. Rio de Janeiro: Valentina, 2015.
- DAVIS, John D. **Dicionário da Bíblia.** Tradução do Rev. J. R. Carvalho Braga. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1983.
- DICIONÁRIO de símbolos. São Paulo: Madras, 2020. Disponível em: www.dicionariodesimbolos.com.br. Acesso em 12 dez. 2020.
- DURÃO. Fábio Akcelrud. **O que é crítica literária?** São Paulo: Nankin: Parábola, 2016.
- ÉSQUILO. **Tragédias.** Estudo e tradução Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- FOSTER, Benjamin R. **Before the muses:** anthology of akkadian literature. Maryland: CDL Press, 1996.
- HERÓDOTOS. **História.** Introdução e tradução de Mario da Gama Kury. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- HESÍODO. **Os trabalhos e os dias.** Introdução, tradução e comentários de Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1996.

HESÍODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2006.

HESÍODO. Teogonia. *In*: LOURENÇO, Frederico. **Poesia grega de Hesíodo a Teócrito**. Fixação e tradução do texto grego por Frederico Lourenço. Lisboa: Quetzal, 2020. p. 18-27.

HINOS homéricos. Tradução, notas e estudo de Wilson Alves Ribeiro Jr. São Paulo: Unesp, 2010.

HOMERO. **Iliada**. Tradução e introdução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Hedra, 2011.

JOSEFO, Flávio: **História dos hebreus**: de Abraão à queda de Jerusalém. Tradução: Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2004.

KOLTUV, Barbara Black. **O livro de Lilith**. São Paulo: Nicolas-Hays, 1986.

MELAMED, Meir Matzliah (ed.). **Torá**: a lei de Moisés. Traduções, explicações e comentários do rabino Meir Matzliah Melamed. São Paulo: Sefer, 1962.

PLATÃO. **O banquete**. Tradução de Jorge Paleikat. São Paulo: Ediouro, 2003.

SIN-LÉQI-UNNÍNNI. **Ele que o abismo viu**: epopeia de Gilgámesh. Tradução do acádio, introdução e comentário por Jacynto Lins Brandão. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

STERN, David; MIRSKY, Marc Jay. The alphabeth of Ben Sira. *In*: STERN, David (ed.); MIRSKY, Marc Jay (ed.). **Rabbinic fantasies**: imaginative narratives from classical hebrew niterature. Illinois: Varda Books, 2001.

TORRANO. Jaa, **O sentido de Zeus**: o mito do mundo e o modo mítico de ser no mundo. São Paulo: Iluminuras, 1996.

XENÓFANES. Fragmentos. *In*: SANTORO, Fernando (ed.). **Filósofos épicos I**: Parmênides e Xenófanes. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional: Hexis, 2011. p. 07-52.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.